

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO –FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
LINHA DE PESQUISA:
MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E ESCOLA

FRANCISCO JOSÉ CHAVES DA SILVA



A EDUCAÇÃO POLÍTICO-ESTÉTICA DA JUVENTUDE DA PERIFERIA DE
FORTALEZA:
REFLEXÕES SOBRE A CULTURA DO OLHAR

Fortaleza-Ce
2007

FRANCISCO JOSÉ CHAVES DA SILVA

**A EDUCAÇÃO POLÍTICO-ESTÉTICA DA JUVENTUDE DA PERIFERIA DE
FORTALEZA:
REFLEXÕES SOBRE A CULTURA DO OLHAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará-UFC, para efeito de defesa, com vistas a obter o título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ângela Maria Bessa Linhares

Fortaleza-Ce
2007

FRANCISCO JOSÉ CHAVES DA SILVA

**A EDUCAÇÃO POLÍTICO-ESTÉTICA DA JUVENTUDE DA PERIFERIA DE
FORTALEZA:
REFLEXÕES SOBRE A CULTURA DO OLHAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará-UFC, para efeito de defesa, com vistas a obter o título de Mestre em Educação.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^o Phd. Francisco Silva Cavalcante Júnior
(Banca Examinadora)

Prof^o Dr. José Albíó Moreira de Sales
(Banca Examinadora)

Prof^a Dr^a. Ângela Maria Bessa Linhares
(Orientadora)

Fortaleza, 21 de agosto de 2007

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
1.2. Justificativa.....	22
1.3. O caminho se faz ao caminhar.....	29
1.4. De passo em passo se trilha uma estrada.....	31
1.4.1. Do referencial metodológico teórico utilizado.....	31
2. Capítulo I.....	35
2.2 A favela é a morada dos barracos.....	43
3. Capítulo II.....	46
3.2 O lugar de pobre é a beira da praia.....	48
3.3 A cultura do fora.....	65
4. Capítulo III.....	79
4.1. Cenário: a escola.....	79
4.2 A vida nos faz a sua primeira imposição.....	80
4.3. Se vocês não se comportarem direitinho vão ficar todos sem recreio.....	87
4.4. Entrem na escola mais deixem suas idéias ai fora e tragam apenas os seus ideais.....	90
5. Capítulo IV.....	112
5.1. Cenário: a Casa.....	112
5.2 A casa para as pessoas pobres é o porto seguro para a família.....	121
6. Capítulo V.....	129
6.1. Cenário: a rua.....	129

6.2. A rua é a morada transitória de todos.....	143
7. Capítulo VI.....	182
7.1 Cenário: o corpo.....	184
7.2 O eu corpo esse veículo da nossa viagem.....	211
7.3 O hip hop o movimento 100% de rua.....	219
8. Conclusão.....	230
9. Referências Bibliográficas.....	235
10. Anexo I -Material colhido no Poço da Dragas.....	243
10.1 Entrevistas.....	243
11. Anexo II- Glossário.....	285
12. Anexo III- Lista de fotos.....	290

A todas as professoras e professores que de uma forma ou de outra me ajudaram a chegar até aqui; porém, a quatro que de modo especial me possibilitaram perceber melhor minha vida estudantil e pessoal: ao Chico Lopes (que hoje é político), à querida Luísa Teodoro, ao Lúcio Packter, e à amiga Izaíra Silvino; pessoas que mesmo sem saber, acenderam luzes iluminando o meu caminho.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe pelo bravo esforço pessoal exercido para que eu pudesse chegar até a este trecho da minha caminhada.

À minha esposa e filha pelas ajudas precisas sempre e quando necessárias, e por suportarem todas as minhas TPM's (neste caso específico, são as Tensões da Pesquisa de Mestrado), tornando-as assim, vítimas colaboradoras por livre pressão e compreensão desta nobre causa.

Ao cunhado e amigo Cícero Braz, pela correção e pelas sugestões do trabalho escrito.

À Ísis Barcelos pela colaboração na tradução do resumo.

A toda Comunidade Poço da Draga, em especial à Dona Rocilda e aos seus filhos Isabel Cristina e Júnior, ao João Brito e família, a todas as pessoas que participaram das entrevistas, das fotos e das filmagens, e em particular ao "Teco" e ao Eduardo Alves, que me "emprestaram os seus olhares" nas idas e vindas à Comunidade durante os nossos registros dos percursos visuais; pessoas que muito me ajudaram na realização deste trabalho.

Aos membros da banca de qualificação e defesa da Dissertação, Professor Phd. Francisco Silva Cavalcante Júnior, e o Professor Dr. Albio Moreira de Sales, pelas sugestões e "puxões de orelhas" feitos com carinho e profissionalismo.

À Professora Dra. Ângela Maria Bessa Linhares, por ter me acatado na orientação desta pesquisa, e pelas vastas contribuições na construção desta Dissertação, pelo afeto, a atenção e o empenho dedicado a mim e ao nosso trabalho; por tudo, muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa pode ser identificado como um conjunto de esforços que visa levantar, registrar e tornar público, como se constitui a Educação Político-Estético da Periferia de Fortaleza, situado na Comunidade Poço da Draga; que é pejorativamente conhecida como “Favela do Baixa-Pau”, e tem como pano de fundo algumas reflexões sobre a cultura do olhar, objetivando investigar o modo o qual os sujeitos da periferia de Fortaleza, residentes na citada Comunidade, vêem a sociedade e são vistos por ela, na tentativa de construção da pertença, procurando situar esta Comunidade no contexto de uma discussão sobre periferia e cultura; para tanto, procura-se circunscrever o tema no bojo da dinâmica sociocultural contemporânea de Fortaleza.

Outra questão que este trabalho de pesquisa busca investigar é a resistência dos moradores da referida Comunidade, compreendendo os enfrentamentos com os poderes públicos e privado, bem como o processo de segregação da segregação, pertinente ao contexto de “favelização” existente dentro da própria Comunidade.

Deste modo, elegemos quatro cenários para compor o campo de atuação da nossa busca investigativa que foram: *a escola* (a sala de aula, o grêmio, os banheiros, os corredores), lugar das idéias e dos ideais. *A casa* (a construção arquitetônica, os móveis e os utensílios, as estampas das paredes, etc.), lugar que para as pessoas pobres é o porto seguro da família. *A rua* (os grafites, os espaços interditados na cidade – o dentro e o fora, os bailes funks e os shoppings centers.), a morada transitória de todos nós; assim como a favela é a morada definitiva dos barracos. E os *corpos* (roupas, adereços, tatuagens, cicatrizes, “piercins”), este veículo de nossa viagem geo-político-cultural.

ABSTRACT

This research work can be identified as a group of efforts that seeks to make known, to register and to turn public, as the education political-aesthetic of the Fortaleza periphery is constituted, located in the community Poço da Draga; that is known pejoratively as " Favela do Baixa-Pau", has in its backdrop some reflections on the culture of the glance. Residents in the mentioned Community, come to the society and they are seen by her, in the construction attempt for belonging, trying to place this Community in the context of a discussion on periphery and culture; for so much, it tries to bound the theme in the salience of the dynamics sociocultural Fortaleza contemporary.

Another subject that this research investigates is the referred Community's residents' resistance, understanding the struggles with the public and private powers, as well as the process of segregation of the segregation, pertinent to the context of " existent poverty" inside of the own Community.

This way, we have chosen four sceneries for our inquiry: the school (the classroom, the union, the bathrooms, the corridors), place of the ideas and of the ideals. the house (the architectural construction, the pieces of furniture and the utensils, the prints on the walls, etc), a safe place for the poor people. the street (the leads, the spaces interdicted in the city – incasrs and outdoors funk parties and the shopping malls). the transitory home for all of us; as well as the slum the home of the huts,. And, the body (clothes, seasonings, tattoos, scars, " piercins"), this vehicle of our geo-political-cultural journey.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo investigar o que os moradores da Comunidade do Poço da Draga (Praia de Iracema) estão produzindo como imagens e o que dialogam com elas. A problemática da nossa pergunta de pesquisa (problema) envolve os percursos visuais que compõem a educação político-estética dos moradores da periferia de Fortaleza, da referida Comunidade. Enveredando por essa problemática, pensamos que seria importante tentarmos elencar e compreender os momentos que compõem a produção de imagens utilizadas por estes moradores, e o que dialogam com elas; aspectos que constituem o que estamos a nomear aqui de cultura do olhar e do sentir. Ao falarmos de cultura do olhar dizemos que ela envolve o sentir, estamos nos referindo a uma construção coletiva, realizada por sujeitos multidimensionais. Quando dizemos cultura do olhar e do sentir, temos que subentender que existe um sujeito desejante, que sente e confere significado ao que olha.

Configurando o quadro da problemática em estudo, buscamos ver nosso objeto nos processos de interação da Comunidade em seu cotidiano, onde estes padrões visuais e sensoriais são estabelecidos. Buscamos, também, ver como códigos de identidade e diferenças, inclusão e exclusão social, são gerados e efetivados na construção da cultura do olhar e do sentir. Conceituamos cultura do olhar e do sentir como produção e, essencialmente, o que significa sair da simples posição de objeto passivo e consumidor de imagens, para a de sujeito produtor delas, ou a de sujeito que dialoga com elas e, logo, tem posição ativa neste sentido.

Entendendo que os percursos visuais que aqui chamamos de cultura do olhar compõem a educação político-estética dos moradores da Comunidade Poço da Draga, é que em última instância, tentamos perceber o movimento de ser objeto individual, para tornar sujeito coletivo, que constitui a educação político-estética dos moradores da referida Comunidade.

Os cenários escolhidos para esta pesquisa serão: *a escola* (a sala de aula; o grêmio; os banheiros; os corredores); *a casa* (a construção arquitetônica, os móveis e os utensílios, as 'estampas das paredes' internas e externas, etc.); *a rua* (os grafites, os espaços interditados na cidade -o dentro e o fora- os bailes funks, o hip hop); e *o corpo* (roupas, adereços, tatuagens, "piercins", os shoppings centers, etc.), em busca da construção do nosso objeto de investigação.

Temos como componente da construção do nosso objeto nossas reflexões como artistas, há mais de vinte e cinco anos. Com base nisto, cremos que é inegável que atualmente, os jovens das classes populares tenham formas específicas de aparecer e de buscar estabelecer visíveis contrastes nos modos de ser ou de estar de cada um - mesmo que nós saibamos que, no geral, eles façam parte de um tipo de padronagem social, tornando-se visíveis por meios de imagens que competem com outras idéias e informações que socialmente lhes são dirigidas, gerando assim um impacto na forma e no modo de acontecerem suas aparições em público, quando são negadas ou afirmadas suas visibilidades sociais.

De acordo com a visão foucaultiana (1979, apud Agamben, 2002, p.125), "na crescente implicação da vida natural do homem nos mecanismos e nos cálculos do poder (bio-poder), encontra-se a questão da vida do ser vivente". É que no mundo contemporâneo, na sociedade disciplinar, os jovens essencialmente parecem confinados nos restritos espaços físicos das comunidades onde habitam - na ânsia

de quererem sair desta condição existencial e eco-geo-espacial, buscam furar o cerco social que os isolam em seus *guetos*. Tentando tornar visíveis suas idéias em seus corpos ou nos signos que produzem, na tentativa de fugir do controle disciplinar, a juventude, em especial, é emblemática do movimento que gera, assim, uma força de resistência ainda que contraditória ao sistema capitalista. Conforme Giorgio Agamben:

Em particular, o desenvolvimento e o triunfo do capitalismo não teria sido possível, nesta perspectiva, sem o controle disciplinar efetuado pelo novo bio-poder, que criou para si, por assim dizer, através de uma série de tecnologias apropriadas, os "corpos dóceis" de que necessitava (AGAMBEN, 2002, p.11).

Mesmo que parte dos seus objetivos sejam a identificação e a aceitação do mundo, enquanto sujeitos históricos, os jovens, através do pensamento de resistência, especialmente, tentam suas intervenções transformadoras, em meio a escolhas e identidades múltiplas que resistem a ser objetos passivos, defrontam-se com mecanismos de rejeição e aceitação sociais contraditórios no olhar da "rapaziada" (e no que é olhado por ela). Não se pode negar aqui os possíveis do sujeito, pois há sempre um "sujeito" que resiste ante os processos da sociedade de controle.

É esta mesma conjuntura epitelial contraditória de resistência e reprodução que ora isola os que resistem em seus interiores existenciais, ora os unem à estrutura social exterior que tenta negá-los. Na verdade, por meio da visualidade das imagens são produzidos os códigos e seus respectivos significados pelos sujeitos da periferia.

Na tentativa de compreender como este sujeito coletivo da periferia resiste, buscamos capturar na Comunidade Poço da Draga o que nela se produz

como imagens e o que se dialoga com elas, no desejo de tornar compreensível o que vêem, pensam e o que sentem os moradores da Comunidade em questão, configurando-se uma problemática que aqui é nomeada cultura do olhar e do sentir.

A partir de intentos contraditórios, entre desejos e resistências, o sujeito coletivo da periferia se apropria dos produtos e adereços da indústria cultural de massa, que são produzidos como simulacros sociais, e que, conforme Walter Benjamin:

Cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto, de tão perto quanto possível na imagem, ou antes, na sua cópia, na sua reprodução. Cada dia fica mais nítida a diferença entre a reprodução, como ela nos é oferecida pelas revistas ilustradas e pelas atualidades cinematográficas, e a imagem. (...) Orientar a realidade em função das massas e as massas em função da realidade é um processo de imenso alcance, tanto para o pensamento como para a intuição (BENJAMIM, 1994, p.170).

Vê-se como há uma produção imagética na sociedade disciplinar vinculada ao desejo de controle das massas por parte das estruturas de poder existente, porém há os que resistem. Convivendo com estas contradições, os sujeitos moradores da periferia adentram as ruas, escolas, shoppings, festas e os bailes funks, em suas legiões denominadas de *galeras*, e tentam se mimetizar com os que os exclui. Ora aderindo, ora negando como objeto para a classe dominante, estreitando, assim, os espaços que os separam uns dos outros, tidos como diferentes. Também buscam se apropriar de territórios seus e recompor seu mundo invadido por esta 'cultura híbrida'.

Diante deste quadro esboçado em nós, desde a nossa inserção inicial no Poço da Draga, (periferia de Fortaleza), algumas indagações teimavam em sair do lado escuro das incertezas e se projetam no lado claro da vida, em busca de algumas respostas. As perguntas que fazemos se configuram num tecido onde se insere o nosso objeto de estudo e que constituem pinceladas que nos parecem

pertinentes, pois procuramos descrever as figuras para compor o quadro da problemática dos lugares e dos sujeitos da pesquisa.

Em um primeiro momento que adquiriu a conformação de capítulo I refletimos sobre Periferia e Cultura, pois vemos a periferia como lugar de conflito e da espoliação das classes populares. É que na periferia das cidades (em particular Fortaleza), o fenômeno das *galeras* e das *gangues* emergido nos anos 90, (e crescendo rapidamente), é emblemático dos processos de resistência vivido por esta população. Segundo a professora Glória Diógenes:

Torna-se cada vez mais difícil definir a juventude, como macro-categoria de investigação. Ela é essencialmente polimórfica e polifônica. De outro modo, pode-se assinalar um denominador comum nas práticas juvenis que marcam os anos 90: a necessidade da formação de "turmas" cujo objetivo, pelas vias mais diversas, é marcar uma presença impactante no cenário social (DIÓGENES, 1998, p.104).

Observamos o aspecto polifônico que se entrecruza nas aparições dos jovens em público, ocorrendo nas principais capitais do país, sobretudo presente nas manifestações artísticas e culturais que produzem uma riqueza de manifestações e modos de aparecer da periferia e sua cultura conforme mais uma vez nos atesta a professora Glória Diógenes:

Pode-se observar que as variações do ato de "marcar presenças" têm se dado de modo bastante diferenciado. Nas grandes metrópoles brasileiras, o registro destacado de jovens tem ocorrido, grosso modo, a partir de dois campos diferentes de manifestação: a presença de movimentos culturais, que têm a dança, a música, o esporte ou as artes gráficas como campo de manifestação mais marcante, denominados galeras e os grupos que se expressam, de forma mais restrita, através de práticas coletivas de violência, identificados como gangues (Ibid, p.104).

Ainda nesta fase, estudamos a problemática da favelização, em conexão com os processos de educação político-estética da periferia, que constituem o que denominamos aqui de cultura do olhar.

Em um segundo momento, que adquiriu a conformação de capítulo II, refletimos sobre: que reação se ergue frente à existência desta objetificação este tornar a periferia objeto, esta coisificação do outro, feita pelo poder? Que resistência a visualidade dos moradores do Poço da Draga explicita e promove? Aqui passamos a mapear os primeiros mundos de resistência da Comunidade: seus núcleos vivos de ação e reflexão. Buscamos estudos e levantamentos feitos pelos próprios moradores, sobre a problemática de resistência e adequação do lugar. Canclini (1997) nos fala de culturas híbridas. São mesclagens; as classes sociais realizam como que "empréstimos culturais". São 'apropriações' de significados, imagens e poder que se misturam, resistem e produzem subjetividade. 'Deslocamentos de funções'. Produções que nos seduzem.

Como pesquisadores, buscamos na etnografia um grau maior de proximidade com esta hibridez e conflito do Poço da Draga, já que nos situamos diante desta Comunidade, também como artistas que produzem artes, e como educadores que se defrontam com os dilemas de uma educação político-estética para a população da periferia.

Desde o ano de 2004 que nós já vínhamos tendo contatos com a Comunidade através das artes visuais, e isto nos possibilitou que nesta fase a pesquisa etnográfica fosse iniciada. Em princípio a nossa inserção se deu através de idas freqüentes à Comunidade duas vezes por semana, até que os laços entre os moradores e nós estivessem estreitados e firmes.

O nosso passo seguinte foi fazer levantamentos a respeito dos materiais existentes sobre a Comunidade, e que estavam nas mãos de alguns moradores. Neste momento encontramos alguns materiais que nos serviram de guias nas construções das trilhas que nos levaram por entre os nossos percursos visuais

durante toda a nossa caminhada, no processo de elaboração da pesquisa.

Nesta etapa a nossa inserção na Comunidade já gozava de intensivos momentos de convívios, pois tínhamos conseguido a confiança dos moradores, e os mesmos já se sentiam parte de nossa pesquisa, ao ponto deles nos servirem de bússola na busca de nossas investigações acadêmicas.

O passo seguinte foi composto pelo apanhado dos registros etnográficos. Nesta fase, tendo como suporte metodológico complementar a pesquisa ação, e contando sempre com a participação dos moradores da Comunidade, nós fizemos na Comunidade: entrevistas, oficinas de artes visuais, exibição de filmes, fotografias, filmagens; ações que ajudaram na construção dos nossos percursos visuais, aprofundando as nossas reflexões sobre a cultura do olhar, e tornando assim o nosso procedimento metodológico de caráter híbrido.

Como era do nosso interesse registrar o modo o qual a Comunidade é percebida e percebe. Vê e é vista. Sente e é sentida, convidamos alguns moradores a nos acompanhar em nossas construções dos percursos visuais. Assim sendo, em determinado momento um grupo de moradores passou a nos guiar e a dar as “dicas” do que deveria ser fotografado e filmado por nós. Este procedimento fez parte de várias das nossas idas à Comunidade.

Em outro momento, um outro grupo de moradores da Comunidade foi convidado a fazer ele mesmo os registros do modo como esse grupo percebia, via e sentia a Comunidade; o que resultou em um belo e rico documento visual, o qual segue em anexo.

Para nos apercebermos da cultura do olhar e do sentir da Comunidade Poço da Draga, Praia de Iracema, nós utilizamos a metodologia da etnografia, uma vez que desejamos captar e compreender as produções de imagens e como

dialogam com elas (aí inclusas as leituras que fazem do modo como são vistos) os atores envolvidos deste lugar. Destacamos como fundamental, na metodologia etnográfica, a interação entre os pesquisadores e os sujeitos do estudo. Nesta perspectiva, seguimos a linha de abordagem de Carlos Rodrigues Brandão quando assinala que:

(...) a pesquisa participante se situa entre as correntes das ciências sociais que rejeitam a chamada neutralidade científica e partem do princípio de que a investigação deve servir a determinados setores sociais, buscando uma resposta coerente que permita, por um lado, socializar o conhecimento e, por outro, democratizar os processos de investigação e educação. A pesquisa participante sustenta acertadamente que os métodos e técnicas convencionais tomam o grupo investigado como objeto de pesquisa e não como sujeito principal e que não existe uma separação indesejável entre a teoria e a prática, entre pesquisa social e ação concreta (BRANDÃO, 1984, p.158-159).

A este momento em que poderíamos dizer que fizemos uma abordagem exploratória, de cunho etnográfico, seguiu-se uma intensificação de nossa inserção no campo empírico, na esteira dos estudos que têm buscado promover o pluralismo de manifestações e o direito à igualdade cultural.

Rachel Mason (2001), nos seus estudos sobre o ensino das artes; e ainda, mais particularmente, do multiculturalismo no ensino de arte no Brasil, com Ana Mae Barbosa (1990, 1991, 1998), mostraram-nos a importância de estudos sobre expressões multiculturais, na intenção de fornecer subsídios para se trabalhar o envolvimento sóciopolítico das identidades étnicas minoritárias e de compreender as expansões culturais de populações oprimidas. Já Philip Walkling (1999) estudou como uma educação que considere aspectos multiculturais de fato, está se responsabilizando por dar respostas ao problema do pluralismo cultural.

Na sua visão de mundo, Walkling (Ibid. ;) assegura que a diversidade cultural não seria um problema, mas um recurso e uma força motriz para a

educação. No primeiro momento, a história do lugar e da escola, tomou-nos a visão e o estudo. No aprofundamento de nossa inserção, adentramos mais na rua, na casa e no corpo, sempre vendo seus entrelaçamentos. Estudos como os da brasileira Ivonne Richter (2003) também vão mais longe, tentam desmontar e rechaçar a idéia de que o conhecimento é unicamente o do padrão masculino, branco e europeu ou americano.

Munida de métodos e objetivos etnográficos, Richter (Ibid. ;) entrelaça em seus estudos de arte, sobre a produção manual de mulheres do meio popular, interculturalidade e estética do cotidiano. Este referencial que Richter, Canclini, Ostrower e Bueno com a micro-estética do cotidiano e a hibridez das culturas visuais nos forneciam elementos para adentrar nossos olhares sobre os cenários da rua, da casa e do corpo.

Apoiados nestes pontos de vista, nós pensamos que tomar cultura popular como algo exótico, bizarro ou como algo que não se modifica ao longo do tempo, é algo sem sentido. Esta visão de arte tem prejudicado o avanço de muitos estudos sobre a leitura e a produção artística das classes populares. As culturas das classes empobrecidas, apesar das violências de que são alvos, sobrevivem assimilando características e realizando empréstimos das micro-culturas outras onde convivem.

É olhando por este ângulo sócio-cultural que buscamos vincular nossos estudos e os nossos saberes empíricos sobre educação político-estética dos moradores da Comunidade Poço da Draga à visão intercultural, e também à que bebe nas fontes do que se vem a chamar de micro-estética (PEREIRA; 1996).

Para Marcos Villela Pereira (Ibid. ;) deve-se estar atento para perceber a "diferença dentro da estética". Propõe Villela a diferença entre macroestética e

microestética, não como extensões ou quantidades, mas como algo diverso uma da outra, como algo diverso em termos de existencialização. Assim, a estética seria um modo pelo qual "o mundo toma sentido para nós, de acordo com a maneira pela qual nos afeta e pela qual nós o afetamos" (PEREIRA, 1996, p. 127).

A microestética, portanto, vai se referir ao modo como cada indivíduo se organiza enquanto subjetividade; são forças vivas da prática social dos sujeitos que se situam na ordem da processualidade, do fazer em processo e de tomar-se produto. Olhávamos no Poço da Draga, a riqueza e a resistência que adquiria esta micro-estética do cotidiano. Falar em microestética, portanto, envolve processos de produção das subjetividades mediados por "fazereres especiais", que são os fazereres que têm sentido no cotidiano das gentes e que não são fabricados, mas criados, e possuem marcadamente a forma como centro, embora seus objetos possam ter caráter utilitário. No Poço da Draga, ao buscar o cenário da casa, por exemplo, pensamos com referência na microestética do cotidiano. Para nos apercebermos como ai está se dando uma cultura do olhar e do sentir. Sabe-se, também, que a estética fornece as bases teóricas para pensarmos o sentido e a qualidade do que é visto, e como tal, pode (e deve) se prestar ao propósito do cultivo dos modos de expressão dos símbolos e dos signos que nos servem como bússolas nos guiando através dos caminhos das nossas existências, dentro do concreto da diversidade em que vivemos. Percebemos que temos vivido esta questão de modo visceral nas nossas vidas pessoais como artistas, e como educadores ligados às camadas menos favorecidas; e conforme atesta a professora Cecília Minayo: "nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido em primeiro lugar, um problema da vida prática" (MINAYO, 1994, p.17).

Na verdade, uma educação politico-estética deveria dar um lugar de

sujeito histórico aos moradores da periferia; isto nos leva a ultrapassagem de serem tratados como objetos das políticas públicas sociais. É nesta direção que caminhamos neste estudo sobre a cultura do olhar e do sentir junto a Comunidade Poço da Draga.

Teremos, para comportar este percurso da dissertação, o seguinte Quadro de Matérias:

QUADRO DE MATÉRIAS:

1 Introdução

1.2 Justificativa

1.2.1 O olhar preciso de quem vê

1.2.2 Aproximando mais o olhar do problema

1.3 O caminho se faz ao caminhar?

1.4 De passo em passo se trilha uma estrada

1.4.1 Do referencial teórico metodológico

2 Capítulo I

2.1 Situando a Comunidade Poço da Draga, no contexto de uma discussão sobre periferia e cultura

2.1 A Favela é a morada dos barracos

3 Capítulo II

3.1 Resistência dos moradores da Comunidade Poço da Draga: compreendendo os enfrentamentos com o poder

3.2 O lugar de pobre é à beira de praia

3.3 A cultura do fora

4 Capítulo III

4.1 Cenário: a escola

4.2 A vida nos faz a sua primeira imposição

4.3 Se vocês não se comportarem ´direitinho´, ficarão todos sem recreio!

4.4 Entrem na escola, mas deixem as suas idéias aí fora e tragam apenas os seus ideais!

5 Capítulo IV

5.1 Cenário: a casa

5.2 A Casa para as pessoas pobres é o porto seguro da família

6 Capítulo V

6.1 Cenário: a rua

6.2 A Rua é a morada transitória de todos

7 Capítulo VI

7.1 Cenário: O corpo

7.2 O “Eu-Corpo”; este veículo de nossa viagem

7.3 Hip Hop, ou Movimento 100% Rua

8 Considerações Finais

9. Referências Bibliográficas

10. Anexo I -Material colhido no Poço da Dragas

10.1 Entrevistas

11. Anexo II- Glossário

12. Anexo III- Lista de fotos

1.2 JUSTIFICATIVA

1.2.1 O OLHAR PRECISO DE QUEM VÊ

1.2.2 Aproximando mais o olhar do problema

Levei⁽¹⁾ algum tempo até perceber que de fato penso predominantemente por imagens. Se eu conseguir visualizar mentalmente o que me é sugerido ou proposto, a questão se estabelecerá em mim facilmente, do contrário, não conseguirei apreendê-la em sua totalidade, pois os contextos me são imprescindíveis.

Minhas indagações de pesquisa, portanto, são alicerçadas e construídas em grande parte, a partir de vivências e referências que percorri nas minhas trajetórias pessoais. A partir das experiências que vivenciei durante minha infância e a adolescência, pois venho de origem pobre; sou filho da periferia de Fortaleza (Parque Araxá, Bela Vista, Parquelândia e Montese); porém, acredito ter sido "salvo" pela arte e por sua força reveladora, conforme o pensamento de Herbert Read:

A educação é o apoio do desenvolvimento, mas à parte a maturação física, o desenvolvimento apenas se manifesta na expressão -signos e símbolos audíveis e visíveis. A educação pode por isso ser definida como o cultivo de modos de expressão - consiste em ensinar crianças e os adultos a produzirem sons, imagens, movimentos, ferramentas e utensílios. Um homem que consegue fazer bem estas coisas é um homem bem-educado. Se pode produzir bons sons, é um bom orador, um bom músico, um bom poeta; se pode produzir boas imagens, é um bom pintor ou escultor; se pode produzir bons movimentos, é um bom dançarino ou trabalhador; se pode produzir boas ferramentas ou utensílios, é um bom artífice (READ, 1982, p.24-25).

(1) Com o objetivo de conferir maior veracidade aos fatos por mim relatados, este texto será composto tanto na primeira pessoa do singular, como na primeira pessoa do plural.

Durante algum tempo fui o que na época se denominava "músico de carteirinha", pois tocava flauta lendo partituras. Até ser percebido por mim, que eu de fato pensava mais o mundo por imagens que por sons. A partir deste momento passei a me envolver com as artes plásticas, o que me possibilitou um rápido desenvolvimento plástico visual. Tempos depois eu tomei conhecimentos através do pesquisador Herbert Read que:

Todas as faculdades, de pensamento, lógica, memória, sensibilidade e intelecto, estão envolvidos nestes processos, e nenhum aspecto da educação está aqui excluído. E todos eles são processos que envolvem a arte, por que a arte não passa da boa produção de sons, imagens, etc. O objetivo da educação é por isso a criação de artistas - de pessoas eficientes nos vários modos de expressão (READ, 1982, p. 24,25).

Porém, volto ao enunciado primeiro em forma de auto-denúncia: percebo como pessoa que tem uma ligação muito forte com as questões pertinentes à visualidade, pois olho com a intensidade de quem quer ver. E vejo com a intenção de quem quer se apropriar; ter a posse, mas não por um desejo acumulativo, e sim por uma necessidade estética (lembro que a palavra estética vem de *aestesis*, que significa "percepção sensorial").

Certamente, pelo fato de ter um envolvimento profundo, enquanto artista, profissionalmente há mais de vinte anos, daí resultou meu interesse existencial muito voltado às questões estéticas. Observo realmente que, em linhas gerais, tais questões em sua grande maioria estão voltadas ao plano sensorial, mais precisamente para a visão e audição.

Embora nós vivamos intensamente as iniciativas relativas às experiências que de um modo ou de outro envolvem o olfato, o tato ou o paladar, é na visão que as experimentações, como leitura e produção de imagens, são predominantes. Sei que em nossa cultura existe um cultivar exacerbado da audição e da visão, em detrimento aos demais sentidos e isto também aumenta nossa particularidade no

sentir. Tenho a necessidade, portanto, de estudar sobre leitura de imagem, no mundo jovem da favela (Comunidade), uma vez que também percebo a invasão maciça deste mundo imagético em nós.

Mais particularmente, a problemática que aqui pretendo apresentar, caminha no sentido de tentar entender e explicar o modo de perceber dos jovens, dos cenários que compõem a cultura visual da periferia de Fortaleza (Comunidade Poço da Draga), buscando uma compreensão dos signos visuais que produzem e o que dialogam com eles. No aspecto composicional de imagem, eu a minha orientadora, a professora doutora Ângela Linhares, nós observamos: composições, formas, cores, luzes, texturas, contornos, perspectivas, volumes, superfícies, linhas, etc., na tentativa de capturar os seus significados.

Algumas indagações nos serviram de molas propulsoras, impulsionando-nos ao encontro das possíveis respostas da pesquisa: como se constitui a cultura do olhar e do sentir dos moradores da Comunidade Poço da Draga? Por qual prisma a periferia de Fortaleza, na Comunidade Poço da Draga, está se olhando e pensando ser olhada? Qual é o diálogo que os moradores desta periferia fazem sobre o que vêem e produzem como imagens?

Percebemos ser importante nos situarmos quanto ao modo como são estabelecidos a territorialidade e o poder geográfico do deslocamento do olhar via a ação dos grafiteiros e pichadores, no percurso de suas leituras e produções visuais. Consideramos o poder sógnico das imagens impressas nos corpos destes jovens através das tatuagens, roupas e outras "marcas" que se vinculam às suas gestualidades. Também como se dão o consumo e a reapropriação dos elementos de resistência, como reagem e antropofagicamente assimilam imagens estas culturas híbridas juvenis da periferia de Fortaleza, no contexto da sua produção

imagética e seu diálogo com elas.

Segundo o professor Charles Feitosa⁽²⁾, em citação no curso: "A Arte de Pensar a Arte", precisamos da telemetria⁽³⁾, esta percepção tátil do mundo, para que realmente possamos perceber as coisas (as pessoas e os bichos) que nos rodeiam. Do contrário, poderemos cometer erros de apreciação e juízos.

Estando, geralmente, os moradores da periferia inseridos em um contexto sócio-econômico dependente de um modo acumulativo de bens e de uma divisão de renda concentradora de riquezas, como dão nova forma às imagens que são referências desta ordem que chegam a si? Como e o que destroem (ou dão outras formas?) das imagens que são referências, e que parecem não lhes servir? O que compreendem destes processos de negar, transformar, incorporar e recriar imagens?

O que será que grafam, criam e produzem como imagem e como dialogam com estas grafias imagéticas nos seus corpos? Que espécies de marcas os moradores deixam nas coisas (monumentos, praças, telefones públicos, fachadas de prédios e casas, paredes, muros, cadeiras das escolas, banheiros, corredores, carros e em seus próprios corpos)?

Os cenários que pesquisamos englobam desde a escola, passando pela casa e indo até a rua e sua amplificação, que são o bairro e a cidade onde os moradores do Poço da Draga moram, no caso estudado, na Praia de Iracema, em Fortaleza.

(2) Doutor em Filosofia pela universidade de Freiburg i.h/Alemanha. Professor do departamento de filosofia e Ciências Sociais da UNI-RIO nas áreas de estética e epistemologia.

(3) Telemetria é a distância ideal entre quem vê e o que é visto.

Sabe-se que a escola, a casa e a rua têm muito de reprodução, como nos coloca Althusser. Pode-se pensar que silenciamentos geram estes cenários quando não "trabalham" de modo devido a percepção dos educandos; percepção no sentido de possibilidade de leitura e compreensão estética do que estão a ver, a copiar, a recriar, a negar, a produzir. Todavia, nem tudo é reprodução: há a resistência da cultura da periferia.

Dizemos que estas resistências estão em um lugar-não lugar; um lugar que extrapola sua fisicalidade e acaba por ser um reduto do humano. Lugar-não-lugar, aqui deve ser entendido e aceito como algo que resulta do confronto homem versus mundo, e mundo versus homem, conforme afirma Ernest Fischer:

É claro que o homem quer ser mais do que apenas ele mesmo. Quer ser um homem total. Não lhe basta ser um indivíduo separado, além da parcialidade da sua vida individual, anseia uma 'plenitude' que sente e tenta alcançar, uma plenitude de vida que lhe é fraudada pela individualidade e todas as suas limitações; uma plenitude na direção da qual se orienta quando busca um mundo mais compreensível e mais justo, um mundo que tenha significado. Rebelar-se contra o ter de se consumir no quadro da sua vida pessoal, dentro das possibilidades transitórias e limitadas da sua exclusiva personalidade (FISCHER, 1976, p.12-13).

Vemo-nos ensaiando esta rebeldia contra o ter em excesso, quando voltamos à busca de nossas próprias referências a partir do olhar e do sentir dos jovens da periferia, novamente conforme Ernest Fischer:

O homem quer relacionar-se a alguma coisa mais do que o "eu", alguma coisa que, sendo exterior a ele mesmo não deixe de ser-lhe essencial. O homem anseia por estender pela ciência e pela tecnologia o seu "Eu" curioso e faminto de mundo até as mais remotas constelações e até os mais profundos segredos do átomo; anseia por unir na arte o seu "eu" limitado com uma existência humana coletiva e por tornar social a sua individualidade (Ibid, p.12-13).

O contato entre homem versus mundo é quase sempre problemático para o homem, pois há uma referência da percepção visual que se anuncia enquanto presença nele (lugar), ao passo que se projeta para fora dele (tempo) e, de certo

modo, transcendência. Assim como nós nos constituímos, também outros o faziam, com a polifonia das vozes da periferia.

É a presencialidade do fenômeno visual, a conjunção dos signos e a construção dos significados em seu esboçar de significados para os jovens que tentamos compreender; pois não existem imagens sem significações, nem situações sem contextos, conforme nos afirma Fayga Ostrower:

Os contextos não são entidades fixas; eles resultam de estados de relacionamento. São configurações. Gestalten. São totalidades, que podem modificar-se através de novos relacionamentos. É o que acontece em nossa percepção. Ora o contexto se torna uma parte componente de outra totalidade, ora da totalidade percebida isolamos qualquer detalhe e, centrando nossa atenção nele, ele se transforma de componente em contexto, em totalidade significativa (OSTROWER, 1990, p.29).

O modo de viver intimamente com a produção de imagens, como artistas que somos, possibilita-nos estarmos atentos ao modo como a juventude, especialmente, vive sua cultura visual. Aprofundando mais: não existem significações sem o deslocamento do olhar. E olhar é ter contato, para se tomar conhecimento. Olhar é ao mesmo tempo, sair de si enquanto lugar existencial, e trazer o mundo para dentro de si enquanto tempo real ou ideal. Portanto repetimos: a descrição visual, o deslocamento do olhar existente nos níveis de consciência dos moradores, a produção de imagens, a territorialidade e a geografia do poder expressas nas ações dos grafiteiros e dos pichadores; as representações sígnicas impressas nos corpos através das tatuagens, das roupas e dos adereços, as mutilações dos corpos, as gestualidades das danças e dos bailes funk's, as letras dos rap's, os códigos contidos nas gírias, as distinções dos significados entre as gangues e as galeras, tudo isto compõe os cenários onde os jovens realizam suas imagens e suas produções de signos, que povoam o seu universo vivido.

É necessário dizer que uma das características da etnografia é um

registro grande de dados, uma descrição dos universos apresentados e que fizemos isto de modo também visual, por meio de fotografias e vídeo, já que o nosso tipo de estudo comporta e exige, mesmo, o rico mundo imagético observado. Também o cunho etnográfico permite que possamos acrescentar ao descrito algo que não fora previsto, alguma coisa que escorreu pelas bordas do que delimitamos agora. O não previsto aqui na delimitação do problema, mas que tenha alguma ligação com este universo em descrição e análise, é de interesse desta pesquisa; pois acreditamos que é por estas brechas da existência que passa a luz que ilumina os nossos passos nos becos escuros da busca investigativa, possibilitando-nos preencher lacunas e contribuir em alguma medida para a educação político-estética dos moradores da periferia de Fortaleza.

Sabemos que riscos existem, mas esta é uma escolha nossa, e nós estamos dispostos a enfrentá-la. Embora nós saibamos que toda tomada de posicionamento quer seja reflexiva ou intuitivamente carrega consigo uma carga de responsabilidade social, conforme mais uma vez recorremos à Fayga Ostrower, para confirmar:

Os homens têm a percepção do "eu", essa fresta misteriosa por onde podem olhar para si mesmos; eles podem vivenciar os conteúdos psíquicos de seus desejos. Poderão fazer escolhas, dizer "sim" ou "não" a certas propostas. Evidentemente, ninguém é dono das situações de vida; estas se colocam para nós como fatos - mas podemos nos posicionar. E qualquer resposta nossa há de encerrar intuitivamente uma tomada de posição. Em todas as interpretações que fazemos, os pensamentos se enlaçam com emoções e sentimentos de auto-afirmação, e também com intenções. É sobretudo significativo que o termo "perceber" seja sinônimo de "compreender". O referencial somos nós mesmos, tentando esclarecer melhor o sentido de nosso ser e nos compreender. Daí o conhecimento maior sobre o mundo levar a um conhecimento maior de nossa identidade (Ibid, p.28).

Queremos enfatizar que realmente necessitamos da referência das imagens nas nossas construções de mundo, para dizer que ela é condicionada racional e culturalmente. Vivendo profundamente o anseio de também "tornar

visíveis" os nossos desejos e dilemas, perguntamos: como se deu esta referência da imagem para outros sujeitos da periferia de Fortaleza? De que modo, e o que vêm estas pessoas? Que referências existenciais necessitam; e porque elas destroem algumas referências já existentes? E mais, ainda, voltamos a repetir enfaticamente; estando estas mesmas pessoas inseridas em um contexto sócio-econômico desigual, voltado quase sempre ao modo acumulativo de bens, como, além de parecer não 'necessitarem' de tais referências, estas mesmas pessoas sentem uma espécie de 'desejo' de destruir (ou de dar nova forma), ou de nas últimas das instâncias, deixarem suas marcas registradas nas já citadas referências que constituem percursos de visualidade? Perguntamos novamente: o que querem tornar visível alguns moradores da Comunidade Poço da Draga, quando deixam marcas nas coisas (monumentos, praças, telefones públicos, fachadas de prédios e casas, paredes, muros, cadeiras das escolas, banheiros, corredores, carros, etc.)?

1.3 O CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR?

As teorias e as pesquisas publicadas, não determinam como devemos fazer uma dissertação, mas servem como luzes que iluminam os caminhos a serem trilhados. Porém, o modo como vamos caminhar deve ser sempre pessoal e intransferível. Isto faz com que nossas passadas rumo aos nossos objetivos sejam mais direcionadas às buscas que aos encontros, mais voltadas ao risco que para a certeza. O caminho é a pesquisa. O caminhar é a tentativa de obter conhecimento ainda que parcial, e como diz o poeta Thiago de Melo: "quem sabe o que quer e aonde quer chegar, encontra o caminho e o modo de caminhar".

A construção deste referencial teórico tem suporte estrutural e essencial

em alguns pesquisadores que se dedicaram (e alguns ainda se dedicam) às questões pertinentes às ações comunitárias, à arte, à educação e às ações políticas que envolvem estes esforços, enquanto fazeres humanos. Fazeres estes que contêm em si a ação e a transformação da matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Na tentativa de ilustrar o acima exposto, afirmamos ter situado a já referida Comunidade através de Luiz Tadeu Feitosa (1998); e citamos que em Suely Rolnik (1997) buscamos as fronteiras entre a subjetividade e cultura, para dialogar com Canclini (1997; 2005) em sua reflexão sobre culturas híbridas. Foi Antônio Joaquim Severino (2001) quem nos proporcionou reflexões sobre educação, sujeito e história. Em Roberto Damatta (1997), nós buscamos referências sobre a casa e a rua. Aqui, oportunamente inserimos as reflexões sobre o sujeito jovem da periferia, no contexto da educação, da arte e da cultura, articulando-as com a prática política através das reflexões obtidas através da Glória Diógenes (1998) e da Teresa Cristina Esmeraldo Bezerra (1999).

Dialogamos sobre percepção a partir de Fayga Ostrower (1990), e buscamos em Anamelia Bueno Buoro (2003) a decantação da visualidade. Em Theodor W. Adorno (1970) obtivemos suporte para a crítica à produção capitalista da indústria cultural, e apontamos que ela produz uma padronização estética. Schiller (1991) nos deu uma dimensão da função primordial da arte como dimensão do humano.

Outros artistas que percorreram (e ainda percorrem) conosco a vida, citando apenas alguns: Cândido Portinari, Aldemir Martins e Descartes Gadelha, acrescentaram-nos ao olhar e ao sentir algo fundamental ao humano, que é parte indissociável do modo de pensar e construir uma problemática de pesquisa.

1.4 DE PASSO EM PASSO SE TRILHA UMA ESTRADA

1.4.1 Do referencial teórico metodológico utilizado

Pautado na metodologia etnográfica, não como alguém de fora que olha a Comunidade e dela tenta fazer uma “radiografia”, com o intuito eugênico de “medicamentá-la”; mas sim, como alguém que tem uma estreita ligação com ela, e por isso pôde desenvolver um trabalho com a pesquisa ação como metodologia complementar, buscamos em Carlos Rodrigues Brandão (1984), os suportes teóricos que nos permitiram desenvolver esta pesquisa, alertado por sua fala quando ele nos diz:

O trabalho científico que divide o mundo sobre o qual realiza a prática de “conhecer para agir” em dois lados opostos: o lado “popular” dos que são pesquisados para serem conhecidos e dirigidos, versus o lado “científico”, “técnico” ou “profissional” de quem produz o conhecimento, determina os seus usos e dirige “o povo”, em seu próprio nome ou, com mais freqüência, no nome de para quem trabalha. A expressão aparentemente neutra que existe na idéia de “objeto de pesquisa”, muitas vezes subordina a idéia e a intenção de que aqueles cujas “vida” e “realidade” afinal se “conhece”, sejam reconhecidos para serem objetos também da História (BRANDÃO, 1984, p.10).

Entendendo que para fugir da superficialidade do olhar, tivemos que percorrer as trilhas que nos conduziram ao caminho metodológico que nos possibilitaram investigar as já citadas indagações. Em tempo, lembramos que a palavra teoria tem origem no verbo grego “theorein”, cujo significado é “ver”. E a associação entre “ver”, “sentir” e “saber”, é uma das bases da ciência, da arte e da educação; esta foi a nossa bússola, que nos guiou durante a pesquisa, sempre apoiados por princípios metodológicos híbridos; ora a etnografia, ora a pesquisa ação.

Muito embora se saiba que a complexidade objetiva e subjetiva pertinente

aos conceitos e ao local onde este projeto de estudos está situado, não nos permitam conhecer a concretude detalhada destes jovens, ainda assim, acreditamos que a 'investigação acadêmica' tenha condições de nos apontar caminhos que nos levem à contribuir para um novo olhar na educação político-estética da periferia de Fortaleza, restrito à Comunidade Poço da Draga, na Praia de Iracema, em conformidade com o pensamento do Silvio Zamboni:

O ver não diz respeito somente à questão física de um objeto ser focalizado pelo olho, o ver em sentido mais amplo requer um grau de profundidade muito maior, porque o indivíduo tem, antes de tudo, de perceber o objeto em suas relações com o sistema simbólico que lhe dá significado. Em qualquer percepção estabelece-se uma conexão dinâmica, espaço-temporal entre o objeto individual de um lado e os sentidos e a memória de um intérprete de outro. O reconhecimento dessa percepção se dá pela mediação de um signo, que a semiótica pierciana classifica como índice (ZAMBONI, 1998, p.54).

Acreditando que nossas experiências construídas como artistas, com os embasamentos teóricos que nos servirão de suportes na busca das respostas às indagações aqui levantadas, serão importantes no desvelamento dos fenômenos que envolvem a realidade pertinente à educação político-estética da referida Comunidade, conforme nos serve de amparo o pensamento da educadora Lecy Consuelo Neves:

A teoria é um dos instrumentos que auxilia o pesquisador a captar com maior ou menor precisão um ou mais aspectos do objeto estudado. Ou seja, as teorias servem de meio para conhecer ou estudar os fenômenos. Uma teoria pode ser adequada para explicar um dado fenômeno e ineficaz para compreensão de outro. Com isso, queremos dizer que elas devem ser escolhidas de acordo como os fenômenos a serem estudados, pois de outra forma seriam instrumentos inúteis. Através da teoria, o pesquisador se aproxima da realidade a ser estudada e procura estabelecer as relações daquela com os fenômenos ali presentes (NEVES, 1986, p.60).

Quando iniciamos o nosso caminho metodológico, buscamos compreender os espaços físico-geográficos e o modo de vivê-los, da parte dos sujeitos da Comunidade Poço da Draga. Fizemos registros dos olhares e

percepções dos percursos visuais vividos por eles, flagrando ou registrando o que eles produzem, vêem e como são vistos em suas atuações dentro e fora de seus "habitat", tais como: suas casas, as ruas, as salas de aulas, os grêmios das escolas, os bailes funks, os shoppings e entre os muros da cidade; pois, particularmente em relação ao assunto, comungamos com o modo de pensar da artista e educadora Fayga Ostrower.

Cada momento de percepção encerra múltiplos fragmentos de interpretação e compreensão. (...) Cabe entender a percepção como um processo altamente pessoal, e não como mero registro mecânico de algum estímulo. "Dinâmico" no amplo sentido da palavra, de "forças em atividade". Nós **participamos** ativamente da percepção em vez de apenas estarmos passivamente presentes diante dela. De saída, a percepção se estrutura através de processos seletivos, a partir das condições físicas e psíquicas de cada pessoa, e ainda a partir de certas necessidades e expectativas. Frente aos incontáveis estímulos que nos chegam continuamente, esta seletividade representa uma primeira instância de filtragem de significados (Ibid.; 1990, p.25).

Assim, a percepção nos permite interpretar melhor os estímulos e reagir a eles, filtrando significados, de modo mais coerente e dentro de nossos interesses, e, se possível, capturarmos até aquilo que nos é invisível a olho nu. Estes nos servirão de referencial durante o próprio ato de percepção; pensamento este que aqui tomamos, mais uma vez, emprestado do pesquisador Silvio Zamboni:

Mas, apesar de toda precisão e exatidão pretendida pelos cientistas, a realidade fez com eles passassem a trabalhar cada vez mais dentro de parâmetros de alta abstração dado que eles não trabalham a realidade, mas recriam-na, observam-na e a enquadram em modelos aproximativos da realidade. É nesse sentido que se entende trabalhar a realidade de uma forma empobrecida. Somente o homem possui a capacidade de elaborar imagens de coisas ausentes, utilizando essas imagens nas mais variadas situações também imaginárias. O objeto observado pelo olho, pode remeter a outras imagens formadas a partir do olhar, o qual não é limitação da percepção do objeto em suas características físicas e mediatas, o olhar é ir além, é captar estruturas, é interpretar o que foi observado (Ibid.; p.55,56).

Nós entendemos que, para afirmar a profundidade do nosso olhar, nós deveríamos encontrar as pequenas estratégias de intimidade entre os moradores do Poço da Draga, a realidade, o modo de percebê-la imagetivamente a forma de

produzi-la e dialogar com ela. Observações foram seguidas de entrevistas com gravações em cassete e em vídeo, feitas com os moradores, servindo como caminhos dos cenários que percorremos, e que mostraremos a seguir.

CAPÍTULO I

2.1 SITUANDO A COMUNIDADE POÇO DA DRAGA, NO CONTEXTO DE UMA DISCUSSÃO SOBRE PERIFERIA E CULTURA

Pesquisar sobre cultura e periferia é semelhante a desenrolar um novelo de linha que tem uma ponta inicial a ser puxada, enquanto fio condutor, mas não tem um final definitivo, como se o novelo continuasse compondo um labirinto. Isto porque a tessitura sociocultural que constitui esta trama da vida da periferia é repleta de nuances que se revelam a cada passo, na trilha da busca investigativa.

Na verdade, pensar em periferia é buscar as relações sociais e o contexto de cultura que criam e desenvolvem uma parte da sociedade. Assim é que buscamos seguir pelos caminhos, becos, ruas, casas, barracos, espaços de mar e sol; percursos e histórias de vidas, enveredando por uma rede de relações que constitui o que viemos chamar aqui de uma cultura do olhar.

Seguindo um fio que nós tecíamos, pelas nossas familiaridades como artistas, com o lugar, partimos para construir uma trama feita das relações sociais que nós estabelecíamos com as pessoas do Poço da Draga, para pensar como aqueles sujeitos concretos nos falavam de periferia e cultura.

Entre o mar e a espoliação do Poço da Draga, nas encostas do Dragão do Mar, nos arruados do chamado ambigualmente Baixa Pau, entre os detalhes das horas, dias e meses que percorremos olhando, conversando e sentindo os moradores, tecemos este diagrama feito de olhares, percepções, sensações e sentimentos; tentamos acercarmo-nos de como as pessoas vivenciavam morar ali, à beira-mar, em uma região de disputas acirradas de território.

De saída, pusemo-nos a indagar como as pessoas entendiam estar ali na Comunidade do Poço da Draga. Nós queríamos desvendar o universo concreto da vida da periferia e sua cultura, por meio do que diziam de si.

Algumas rotas nos pareceram, de início, pertinentes: a) O porquê do nome Poço da Draga? b) Como um nome falava e olhava o outro nome: Poço da Draga versus Baixa Pau?

Muito sobre o lugar e o modo como as pessoas dali o vivenciam foi tirado destas revelações oriundas das buscas de origens do duplo nome: Poço da Draga e sua corruptela, Baixa Pau.

Ora, o termo *poço* por si só já é cheio de significações próprias; e *draga*, não menos. Outros termos que merecem uma reflexão, ainda que breve, são *comunidade* e *favela*. O que significam de fato os termos comunidade e favela?

Etimológica e semanticamente, estes termos são dignos de reflexões que possam nos conduzir às trilhas que nos levem à melhor maneira de desenrolar este novelo que nos guiará nas idas e vindas, dentro e fora da Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau).

Como forma de buscarmos um suporte referencial, recorreremos à quinta edição revista e ampliada do mini-dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2001), e obtivemos algumas definições de “poço”, que dizem:

Sm. 1- Cavidade funda, aberta na terra para atingir o lençol da água mais próximo à superfície. 2- Grande buraco cavado na terra para acumular água. 3- V. Pego (1). 4- Abertura pela qual se desce a uma mina. 5- Qualquer perfuração que se faz no solo (Ferreira, 2001).

Diante de tais definições, ficamos conjecturando a respeito de possibilidades fantásticas e reais: teriam vindo os antigos moradores da Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau) em busca da água que mataria as suas

sedes; ou teriam vindo perfurar o solo que hoje lhes abriga em busca do “ouro dos seus sonhos”?

A curiosidade nos fez buscar outras definições, então fomos a outro dicionário, o Mirador Internacional:

1-Cavidade aberta no solo até uma profundidade onde se junta água nascente; é de forma cilíndrica e geralmente revestida da alvenaria ou tubo, para dela se tirar água potável e de uso geral. 2- Ponto em que os rios etc., apresentam maior profundidade; Pego. 3- Abertura feita para se descer a uma mina. 4- Geol. Perfuração que se faz no solo. 5- Abismo. 6- Aquilo que é profundo. Poço de ciência ou poço de saber: pessoa erudita, que revela conhecimentos vastos e variados (Mirador, 1980).

Na esteira destas referências fomos descobrindo algumas definições semelhantes, entre os dicionários, e outras diferentes, que aguçaram ainda mais a nossa curiosidade.

Teriam vindo os antigos moradores da Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau) em busca de estreitar o abismo social que os separavam (e ainda os separam) da camada social mais favorecida da cidade? Ou em sua profunda força de resistência, e com premonição certa, eles premonizaram que, como um poço infundo, a esse espaço geo-político-cultural estaria reservado um futuro promissor? Teriam vindo em busca de revelar e incorporar o seu vasto e variado conhecimento nas cavidades nascentes dali, que suas mãos cavavam? Profundo era o poço desta ciência cotidiana com que eles, pacientes, lentos e cuidadosamente faziam suas jangadas, teciam as redes de pesca, preparavam anzóis e iscas, lançavam-se ao mar e, então, pegavam os peixes para as suas sobrevivência?

Assim como o mar, podia-se dizer que o poço também reservava na sua profundidade um veio de mistérios e segredos, em sua capacidade de nascedouro d'água, que só quem vive assim, de águas profundas, aprende a decifrá-las.

Enquanto nós “pescávamos” essas palavras, com o objetivo de compor as nossas trilhas, íamos refletindo sobre uma luta que se revestia da cor da resistência. Tentávamos perceber e entender algo que pudesse, de alguma forma, abeirar-se da sabedoria de quem busca águas nos subsolos. Foi então que buscamos em Luiz Tadeu Feitosa, autor de um estudo sobre o lugar, o que o termo poço evoca:

O termo poço guarda relações semânticas com outras noções de espaço-forma e sua densidade sógnica. Assim, por poço pode-se depreender acepções metafóricas como campos, zonas e antros, que dão uma noção de territórios delimitados e protegidos por leis próprias, cujas invasões não devidamente permitidas podem gerar sanções aos invasores. Outras concepções aproximam a palavra poço a cavernas e labirintos, espaços-signo com significações próprias os quais dão à consciência interpretante os meios relacionais com o meio e com o objeto representado. Cavernas e labirintos são, sob esse aspecto, signo que representam a complexidade do seu espaço interior (Feitosa, 1998, P.174).

Neste fio semântico composto por cavernas, labirintos, territórios com leis próprias, zonas sógnicas e densas, entramos no lugar. E a estes meios relacionais, referidos por Luiz T. Feitosa, metaforicamente chamamos de “veio de mistérios e segredos”.

Que mistérios e segredos estavam inscritos nos becos ou ruelas (campos, zonas e antros na acepção de Feitosa) do lugar? Que imagens circulavam nos vastos e variados saberes produzidos pelos moradores da Comunidade Poço da Draga, ou Baixa Pau?

Parecia-nos que ali os saberes tinham uma especificidade: eram próprios de quem teve de conviver com grandes adversidades e aprendeu a camuflar-se diante das dificuldades cotidianas. Seriam os moradores dali como os peixes pequenos em um mar raso e exposto a capturas? Como haviam convivido com o mar raso, entre as forças da maré seca, tentando puxá-los mar adentro, ou entre as forças da maré cheia, tentando violentamente jogá-los contra os rochedos?

Sem o direito de nadar em águas profundas, sob o risco de serem devorados por outros peixes maiores, que estratégias municiavam seus olhares; os olhares dos moradores do Poço da Draga?

Viver entre as paredes de um poço requer a sabedoria existente na experiência empírica. Exige que se guarde e leve consigo a noção simbólica da introspecção que gera auto-conhecimento, e serve como força nutritiva que alimenta, e mantém viva a vontade constante de viver, mesmo em meio a intempéries.

Nós seguíamos por esses fusos e abríamos novos espaços para percorrer mais trilhas dentro do universo das acepções sobre o termo poço:

Uma outra acepção que se poderia dar à noção de profundidade do poço sob o aspecto do espaço e da forma, diz respeito à introspecção. Nesse sentido, adentrar ao poço seria uma viagem metafórico-psicológica feita como um mergulho na essência do próprio poço. Vislumbrar a profundidade neste tocante é conhecer-se a si próprio. Seria o poço refletido em suas próprias águas. Não a sua auto-imagem refletida no espelho d'água, mas o que estiver além desse espectro e cujo reflexo d'água impede que se veja além disso. Tal introspecção, como acesso às profundezas do poço, seria sua auto-observação interior (Feitosa, 1998, p.175).

Este mesmo olhar metafórico, subjetivo e reflexivo, que nós lançamos para o termo poço, lançamos para dentro de nós e para dentro do lugar, Poço da Draga (Baixa Pau). E seguimos vendo jorrar novos caminhos e acepções, a respeito do que seria o termo draga. Que direções agora nos levariam aonde?

Como ponto de partida, mais uma vez buscamos na visão do Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2001), recolhemos uma acepção sobre draga, em que ele nos diz: Draga é: S.f. Aparelho com que se tira areia, etc., do fundo do mar, rios, etc.

Neste caso, seria tal aparelho uma condição existencial dos moradores da Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau); ou uma forma simbólica para guardar, em

suas memórias, os motivos que faziam esta cultura da periferia resistir a todas as agruras, às quais era submetida essa população, cotidianamente?

Ou seria a draga o instrumento simbólico que os ajudara a cavar, a limpar e remover a lama (no sentido real e figurado do termo), que corre a céu aberto dentro da Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau)? Pois, a “dragagem” feita pelos moradores da referida Comunidade já transcorre para muito mais de meio século de luta e resistência. É uma “dragagem” composta da busca incansável da identidade usurpada e da cidadania escamoteada, presentes nas negações de oportunidades e nos falsos atos intermitentes de caridade; falsos porque caridade, na sua concepção original do latim, deriva de *Cáritas*, que significa: cuidar amorosamente. E isso não é o que se faz aos moradores do Poço da Draga. O poder público, ao contrário, em seu conluio com as classes empresariais, cobiça e tenta possuir o lugar, expulsando esta população que historicamente construiu, a seu modo, uma maneira de viver e cuidar de si e do seu ambiente.

Ora, novamente recorremos ao dicionário *Mirador Internacional*, aonde buscamos a acepção de draga:

Draga é uma máquina, geralmente montada numa barca, munida numa esteira sem fim de baldes ou caçambas, ou de um tubo de sucção, ou de uma só caçamba na extremidade de um braço, para limpar o fundo das águas de areia, lama, depósitos etc., que aí se formam, ou para tirar quaisquer objetos que tenham submergido. Draga, qualquer instrumento como croque, sonda, etc., para tirar objetos ou terra do fundo das águas. Ou ainda, a draga que funciona como bomba centrífuga para aspirar areia ou lama através de um tubo de sucção; também chamada draga aspirante ou draga de sucção. Dragado: que foi limpo com draga (*Mirador*, 1980).

Assim sendo, metaforicamente, a draga torna-se o instrumento que possibilita aos moradores da Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau), o “içamento” dos processos de resistência submergidos nas profundezas do poço que, simbolicamente, compõem suas memórias.

A draga, enquanto instrumento simbólico representa a força de luta dos sujeitos que residem e resistem dentro da referida Comunidade, e como sujeitos ativos, são representados -simbolicamente- em seus estados de desejos, sonhos e lutas, pelo poço e pela draga; onde o poço guarda os segredos entre suas paredes e a sua profundidade, de tudo aquilo que a força de sucção da draga deseja aspirar.

No desenrolar deste novelo que compõe a trama deste pedaço de tecido social da periferia de Fortaleza, buscamos também, proximidades com o significado do termo Baixa Pau; e pudemos entender melhor, a frase que Caetano Veloso diz em uma de suas músicas: “a força da grana que ergue e destrói coisas belas”. Pois, ao investigar o real sentido do termo Baixa Pau, fomos envolvidos pela ambígua trama, que por um lado nos seduziu imagetivamente com a cena que deu origem a este nome. Contam as moradoras mais antigas da Comunidade que quando a Maria Fumaça (trem a vapor), ou o Trole (pequeno trem para embarcação) saía do ponto de embarque na Ponte Metálica, tinha que passar por dentro da Comunidade da Praia do Peixe (antigo nome da Comunidade Poço da Draga), então, tinha sempre alguém que corria gritando: Baixa o pau, baixa o pau! Era um pedaço de madeira que servia de sinalização aos moradores da Comunidade, para que eles naquele momento, não cruzassem o trilho por onde a Maria Fumaça ou o Trole ia passar. Nós ficamos por alguns momentos imaginando essa cena poética, assim que ouvimos pela primeira vez esta história. Em outra de nossas buscas investigativas em relação ao nome da Comunidade, entrevistamos um morador, o Eduardo Alves dos Santos que nos disse:

“Aqui, nessa área da Ponte Metálica, era o grande Porto de Fortaleza, na época, um dos maiores de Fortaleza, e aqui tinha várias dragas, e aqui nesse local, o Poçinho, dizem que ‘foi’ soterradas duas dragas, por isso esse nome de Poço da Draga. Mas o nome mais conhecido por aí afora, é Baixa Pau. Porque dizem alguns moradores que existiam vários barracos de

madeira aqui na Comunidade. Outros dizem que aqui ao lado do prédio da Associação, esse prédio que hoje está abandonado, onde funcionava uma escolinha, aqui funcionava um posto de saúde; hoje está abandonado. Existia uma delegacia comandada pelo Delegado Gonzaga, e o Cabo Oliveira, que era o vulgo "Sapinho". Dois policiais hostis, né? Que na época, a galera diz que quando eles iam fazer a ronda, baixavam o pau na galera. Segundo alguns moradores, essa é a história. Mas, recentemente, quem 'discerminou' essa Comunidade Baixa Pau, assim esse apelido, foi a gangue do Gandoza, PDG: Pixadores, Desordeiros do Gandoza, que era do comando do Gandoza na época, que mais espalhou esse nome por aí fora, Baixa Pau".

Em seguida, perguntamos sobre o significado vulgar atribuído ao nome Baixa Pau a outros moradores, e nós acabamos por descobrir que, para a Comunidade, esta corruptela está associada à especulação imobiliária e à tentativa feroz de, a todo custo, tentar conquistar o espaço desta Comunidade.

Em tempo, *comunidade* é outro termo que embasa a nossa busca investigativa. Muito embora à primeira vista ele não esteja carregado de forças simbólicas, pois se trata de um neologismo composto pelas palavras comum+unidade, ele é detentor de uma carga sígnica forte, já que fica implícita a idéia de coesão coletiva; que por sua vez, tem lugar de representação social assegurada no conceito de comunismo. Logo, contém o significado de ponte que liga as pessoas dentro de um objetivo comum e que compõe e sustenta o que é comunidade em si. O termo envolve, também, uma complexa trama que constrói um caminho de cunho político, o qual conduz as pessoas que vivem dentro de um determinado tecido social, em busca de igualdade com as camadas mais favorecidas na hierarquia econômica. Segalla, citado por Feitosa, 1998, p.149, apud Centro, 1994, p.82, nos diz que: "o conceito de comunidade foi definido como uma categoria do discurso dos moradores, uma idéia construída e legitimada na favela, uma categoria do discurso político da favela". E completa dizendo: "para a grande maioria das lideranças dos movimentos pesquisados, a noção de comunidade tem

uma matriz originária no ideário da Igreja Católica, em sua ala da Teologia da Libertação” (ibidem; p.83).

2.2 A Favela é a morada dos barracos



Izabel Cristina andando em um dos Becos da Comunidade Poço da Draga

Logo que chegamos ao lugar, observamos que os moradores do Poço da Draga (Baixa Pau) afirmavam morar em uma Comunidade, “e não em uma favela”.

O que queriam dizer com isso?

Clarisse Furlani, na Revista Farol, nos diz:

“A favela é uma planta sertaneja. Na descrição de Euclides da Cunha:“ as favelas, anônimas ainda na ciência – ignoradas dos sábios, conhecidas demais dos tabaréus – talvez um futuro gênero cauterium das leguminosas, têm nas folhas de células alongadas em vilosidades, notáveis aprestos de condensação, absorção e defesa”. A planta batizou o Morro da Favela, em Canudos, Bahia; de lá, o nome veio e se popularizou. Uma vez, Regina Casé –atriz, apresentadora, roteirista- subiu o Morro da Providência, no Rio de Janeiro, para contar esta história. Foi ainda na década de 1990, para o Programa Legal. Mas poderia ter sido na semana passada, no Um Pé de Quê?, programa educativo sobre botânica exibido no Canal Futura. Ou nos globais Minha Periferia e Central da Periferia, exibidos em horário

nobre”(FURLANI, Revista Farol, #1, p.46, Outubro/2006, Publicação da Prefeitura Municipal de Fortaleza-Ce).

Dizendo-se descendentes de pescadores, afirmam que não são favelados, mas uma “Comunidade de pessoas que viviam sempre da pesca”.

Buscariam os moradores do Poço da Draga (Baixa Pau), demarcar que fronteiras? Ajuntavam: “moramos próximos ao mar, e somos pescadores”. Afirmariam com isto um situar-se na categoria “povos do mar” e marcariam seu lugar e posição social a partir de uma definição do trabalho com a pesca artesanal?

Em outra fala, afirmavam: “aqui não é favela não. Aqui é uma Comunidade, só que pobre. Mas não é favela não.” Objetivariam, também, mostrar que lutavam por uma identidade própria, destituída dos grilhões socioculturais e dos estigmas impressos nos rótulos de “favelados”, que conheciam muito bem? Como se situavam com relação ao centro da cidade de Fortaleza e a sua periferia? Disse-nos outro morador:

“Aqui é uma Comunidade tranqüila; o pessoal chama de ‘favela’, eu chamo de centro, pois é no centro da cidade que ela existe; foi dela que a cidade começou; ela é que é o centro, o restante é que é a periferia.”

Sposati (apud Yazbek, 1993, p.09), citado por Feitosa (1998, p.149), ao falar sobre a necessidade das comunidades em se constituírem politicamente, afirma que as comunidades são marcadas pelo “desafio em constituir o estatuto político das práticas de resistência como espaço de construção da identidade e consciência de classe e através delas enfrentar a exclusão e a subalternidade”. Com a Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau), não é diferente.

Seguimos o nosso percurso de observação: entrevistamos, anotamos, fotografamos, filmamos, fizemos oficinas de arte com a Comunidade, exibimos filmes

e registramos. Alongava nosso olhar o pensar que esta dubiedade dos nomes Poço da Draga e Baixa Pau trazia à tona o conflito extremo que nós íamos explicitando, quanto mais ouvíamos e compreendíamos como os moradores vivenciavam o “princípio da Comunidade”, diverso do princípio do Estado, como dizia Boaventura Santos.

Nas primeiras idas à Comunidade, fomos até a casa da Dona Alzira, em cima da Ponte Velha, em um trecho de terra que avança para o mar.

O que nós íamos percebendo ao conversarmos com os moradores, o que nós ouvíamos nas entrevistas feitas com homens, mulheres, jovens e crianças do Poço da Draga (Baixa Pau), é que existia uma unidade de vida e pensamento, dentro do que lhes era comum: a vida ante o mar; um passado de pescadores, a vivência em um espaço cobiçado e a espoliação a que eram submetidos coletivamente.

O que de fato nós víamos existir, no sentido próprio do termo, era uma Comunidade na busca cotidiana pela manutenção da sua identidade própria, pelo respeito que percebiam lhes ser devido. Parecia ter a certeza de que ela também tinha o direito de lutar por uma participação ativa como classe social, que garantisse efetivamente acesso aos bens materiais e simbólicos da sociedade, com todos os benefícios proporcionados pelos poderes públicos. Buscava, enfim, expurgar para todo o sempre o estigma de ser vista como favela, expropriada de seu solo e lugar. Pois ela era, na sua origem, uma colônia de pescadores de longa data, e ali tinha vivido desde muitas décadas. Seria um poço fundo que a draga trazia como memória dessa resistência?

CAPÍTULO II

3.1 RESISTÊNCIA DOS MORADORES DA COMUNIDADE POÇO DA DRAGA: COMPREENDENDO OS ENFRENTAMENTOS COM O PODER.

Geograficamente a Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau) está situada entre o mar, o Instituto Cultural Dragão do Mar, o Marina Hotel, uma rede de restaurantes, hotéis, bares e casas noturnas da Praia de Iracema.

Metaforicamente, as paredes dos prédios vizinhos que servem de demarcação e circunscrição sógnica à Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau), também lhes servem de segregação efetiva, mesclando-lhes sorte e azar, invasão e recuo. Sorte por habitar um dos lugares mais privilegiados da cidade; e azar, pelo mesmo motivo. Devido ao jogo secular pela posse do lugar, temos uma história de invasão e recuo, da parte das classes dominantes, uma vez que a Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau) tem tecido sua inegável resistência ante à cobiça de seu lugar.

Situado entre o braço do mar de Iracema e o Centro Cultural Dragão do Mar, em pleno cinturão da orla turística de Fortaleza, o Poço da Draga (Baixa Pau) fez despertar a fome do poder imobiliário que tenta devorar esta Comunidade em um banquete oficial, planejado pelos poderes executivos, municipal e estadual.

Desde ontem, para os moradores da Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau), sonhar com dias melhores era, metaforicamente, pertencer à sociedade que, com o tempo, passou a lhes excluir, taxando-a de feia, suja, violenta, e tantos outros termos pejorativos que, segundo os moradores, nomeiam uma população pobre.

Até hoje, pode-se ver que as ameaças das desapropriações são o pesadelo que não os deixam dormir direito, e nem lhes permitem sonhar acordados com coisas básicas tais como: saneamento, posto de saúde, pavimentação, segurança pública, escolas, etc.

Vejamos como a mídia (O Povo, 22 de maio de 1992) se refere a esse assunto:

“A favela Poço da Draga, no bairro Praia de Iracema, sofre há mais de cinquenta anos com o abandono das administrações públicas. Compostas a partir da ocupação de um terreno da União, a favela fica encostada em um triângulo de prédios importantes da cidade, como a Indústria naval (INASA), a antiga Brasil-Oiticica, a agência da caixa Econômica federal, da Avenida Pessoa Anta, e a Ponte Velha”.

O direito de sonhar dessa Comunidade está suspenso por tempo indeterminado; a ela, restam as dúvidas e as inseguranças que o desamparo social lhe impõe. Deste modo é que a Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau), atualmente, tem o seu espaço físico estreitado entre o mar e as paredes concretas erguidas com as mãos do poder, assim como os seus moradores têm seus desejos limitados pelos monstros da desapropriação, que cotidianamente, de uma forma ou de outra, batem-lhe à porta, fazendo-lhes propostas fantasiosas e ameaças reais.

Neste contexto de luta foi que observamos que quando os moradores do Poço da Draga (Baixa Pau) afirmam que moram em uma Comunidade, eles buscam demarcar, na definição de categoria urbana, a qual posição social eles pertencem, a partir de uma fala que remete à sua vida original como pescadores dali: *“Somos daqui. O lugar de pobre é à beira de praia”*. Aprofundemos um pouco esta fala.

3.2 O lugar de pobre é à beira de praia



Dois dos Moradores da Comunidade Poço da Draga saindo do mar com a pesca feita por ele que são: José Ângelo da Silva Graça(24 anos) e Jefferson Araújo (12 anos), que têm no mar suas fontes de alimentação, lazer e de contemplação.

“A gente vai ali, pega um peixe, pega um siri e... (fazendo um gesto com a mão para a boca, com a idéia de comer)”. (...) A gente aqui, quando não tem trabalho, se vira... Eu mesmo tenho uma jangadinha... Quando não tenho trabalho, vou pro mar e pego uns peixes que servem pra matar minha fome; da minha família e de alguns amigos. Como vou fazer isso em outro lugar que não tem mar?” (Álvaro Graça, 43 anos).

Ao assinalar esta identidade original como pescadores e, portanto, povos do mar (embora não utilizem esta categoria sociológica), os moradores do Poço da Draga (Baixa Pau) estão a se posicionar como uma trincheira que querem utilizar para sair do estigma que o rótulo de *favelados* lhes confere e que as populações pobres carregam. Mas, também, tentam situar a importância do mar nas suas vidas, em uma recusa a serem “jogados para outros lugares”, como aconteceu com parcela da população do Poço da Draga (Baixa Pau) que fora “remanejada” para o Conjunto Palmeiras e para a Barra do Ceará.

Assim, justificando sua vida a partir da relação com o mar, marcam sua territorialidade, enfrentando, desta forma, os desafios de construir o estatuto político de suas práticas de resistência.

O que foi percebido em conversa, ou nas entrevistas feitas com os moradores do Poço da Draga (Baixa Pau), é que de fato havia uma unidade dentro do diverso que era esta Comunidade. Buscando cotidianamente assegurar seu lugar, a violência de que eram vítimas, mais os unia ao torná-los ativos na luta por seu direito de viver ali.

A efetivação de um “processo desigual de acessos a bens e serviços, devido à falta de política habitacional condizente com a realidade brasileira” (Feitosa, 1998) se explicitava no contínuo envio de ordens de ameaças de despejo, que eram enviadas sob a mais variada argumentação, ao longo da história desta Comunidade. E que história calçava esta visão dos moradores?

Ouçamos Júnior, filho de dona Rocilda Lima Ferreira, ex-presidente da Associação de Moradores do lugar:

“O único pessoal que pode contar a história original da Praia de Iracema é esse pessoal do Poço da Draga. Quando nós chegamos aqui, só tinha o Estoril, a Rua Tabajaras, a Rua Baturité; onde hoje só tem depósitos.”

(...) Aqui era uma Colônia de Pescadores – a antiga Praia do Peixe. A indústria naval se apossou da Praia do Peixe.

A Colônia de Pescadores foi, então, remanejada para a Barra do Ceará, e para o Conjunto Palmeiras. A indústria naval ainda indenizou os que foram pescar na Barra do Ceará – e os outros que eram pescadores e foram remanejados pro Conjunto Palmeiras; como vão viver lá, se não há mar lá e eles são pescadores?”

Certo é que hoje, também, ali se via um desordenado modo de ocupações de terras para construção de (sub)moradias feitas de papelão, madeira, tecido, latas e todos os materiais possíveis de serem encontrados nos lixões. Todavia, por que

não proporcionar aos moradores as formas de viver que lhes estavam sendo roubadas por um mar onde os peixes minguavam devido a desequilíbrios ambientais e pelo desamparo com que viviam como pescadores? Nestas idas e vindas dentro da Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau), nós observamos que a insegurança é vizinha de cada morador, e que a conquista em lei da Casa própria, é porto seguro de todos os sonhos. Que a *Rua é a morada transitória* de todos. Que a Escola parece ter saído de férias e ainda não voltou. E que os Corpos caminham por entre as ruas e becos carregando as suas cicatrizes e o peso do abandono de um Estado dividido.

Discutamos sobre a violência que perpassa a educação, e como a educação está sistematizada em quantidade insuficiente; a expulsão da casa e sua substituição pela rua; e a conseqüente exploração dos corpos das pessoas das classes populares, dentro das reflexões que aqui foram, por nós, nomeadas de Cenários.

Segundo Roberto DaMatta(1997), o espaço da casa e o da rua têm função diferente no mundo social e na psique das pessoas. A casa seria um lugar de repouso, de apaziguamentos, estando associada a um imaginário de família e “laços de sangue”; enquanto a rua seria um lugar de exposição, despojamento e abandono. Em conformidade com as palavras de Roberto DaMatta:

De qualquer modo, o simbolismo da casa e pela casa é extenso em nossa sociedade. De casa vêm também casamento, casadouro e casal, expressões que denotam um ato relacional plenamente coerente com o espaço da morada e da residência. Por tudo isso, “ser posto para fora de casa” significa algo violento, pois, se estamos expulsos de nossas casas, estamos privados de um tipo de espaço marcado pela familiaridade e hospitalidade perpétuas que tipificam aquilo que chamamos de “amor”, “carinho” e “consideração”. Do mesmo modo, “estar em casa”, ou sentir-se em casa, fala de situações onde as relações são harmoniosas e as disputas devem ser limitadas. Não posso transformar a casa na rua e nem a rua na casa impunemente. Há regras para isso(DAMATTA,1997, p.54).

Sabe-se que a falta de planejamento social equânime faz, dos sujeitos sociais pobres, vítimas constantes dos especuladores poderosos. E parafraseando o poeta Rainer Maria Rilke, dizemos: “nós nascemos por assim dizer, provisoriamente em algum lugar, pouco a pouco é que compomos, em nós, o lugar de nossa origem, para lá nascer mais tarde e, a cada dia, mas definitivamente”.

A Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau) não nasceu favela; foi sendo transformada pelo processo de (re)urbanização ao longo do tempo, em um lugar com características semelhantes às dos lugares tidos como favelas.

Vejamos como um estudioso do Poço da Draga (Baixa Pau), o sociólogo Vancarder Brito em sua fala por nós gravada problematiza a idéia de favela:

“Por que essa mística da favela? Favela é um bairro com suas dinâmicas, mas sujeita a riscos e infortúnios pelo abandono social, pela pobreza” (BRITO, 2004, Vídeo em anexo).

O problema é que *favela*, para a população pobre e espoliada, está vinculada a um conjunto de significações que levam à idéia de vagabundagem, criminalidade e má conduta. Vejamos como Kowarick se refere ao estigma de “ser favelado”:

A condição de favelado representa uma vulnerabilidade que o atinge não apenas enquanto morador: atinge-o também no cerne dos direitos civis, pois mais fácil e freqüentemente pode ser confundido com malandros maloqueiros que constituem objeto especial da ação policial. (...) Por todos esses fatores, a favela é percebida como um atestado potencial de má conduta (1993, p.92,93, apud FEITOSA,1998, p.131).

Isto fica evidente, nas falas de dois moradores do Poço da Draga (Baixa Pau) ao serem entrevistados pelo pesquisador Luiz T. Feitosa. Quando a senhora Alice Cardoso, a entrevistada, diz, ao referir-se ao Poço da Draga: “aqui não é favela não. Aqui é uma Comunidade, só que pobre, mas não é favela não”, estava a definir fronteiras simbólicas claramente.

Também, quando o senhor Valmir Mesquita, outro morador do Poço da Draga, na mesma entrevista, diz: “viver aqui na Comunidade é uma beleza, apesar dos problemas, mas eles estão em todo canto, né? As favelas por aí vivem pior do que nós, porque aqui não é favela, somos uma Comunidade de pescadores antigos e muita gente boa”.

Serem tornados “favelados” é o preço pago por todos os cidadãos, ou cidadãs, jovens ou velhos, por não poderem pagar o quanto cobra o jogo especulativo do mercado imobiliário. Logo, ser “favelado” no Brasil é, antes de tudo, ser excluído do processo das políticas públicas habitacionais e dos bens e serviços básicos que a coletividade deveria ter acesso.

São duas as principais causas da “favelização” de uma grande parte do povo brasileiro: de um lado, estão as frágeis, insuficientes e suspeitas políticas habitacionais; do outro, o famigerado mercado imobiliário, que tipifica a exclusão e o modelo de acumulação, com sua lógica.

Aqui três questões podem e devem ser evidenciadas como vinculadas à favelização. Duas delas já foram abertamente citadas: as políticas públicas habitacionais e o mercado imobiliário, em sua lógica excludente. A outra questão é a pobreza.

Podemos nos voltar às buscas de significações, para os moradores do Poço da Draga (Baixa Pau), sobre o que significa “favela” para eles. Quando nós conversávamos com eles sobre o que era ser favelado - rótulo que eles temiam e recusavam - muitas vezes víamos o assunto derrapar para a idéia de marginalidade e exclusão social.

Na conversa com os moradores do Poço da Draga (Baixa Pau), o pensamento sobre favela era marcado por indicadores como: o fato de não possuir

uma casa própria, carro, roupas, calçados e acessórios de determinados tipos e marcas. Ou a ausência de direitos básicos e serviços como o de postos de saúde, água, luz, telefone, escola, trabalho, saneamento, comida e outros. Mesmo que tivessem alguns destes serviços na Comunidade, teriam, mas de baixa qualidade e em quantidade insuficiente...

Um outro campo de significações se ligava a estes: a favela, como a pobreza, se fazia existir nas entranhas das privações que viviam. Viver com um mínimo de bens e de produtos necessários à sobrevivência social, como sujeitos humanos e históricos, tinha uma configuração no plano econômico, mas também o tinha no plano simbólico. A pobreza e a favelização –ainda- existiam nas privações de conhecimentos, de saberes, nos ocultamentos dos direitos e deveres, e nos alijamentos dos sonhos e desejos mais simples; isto se instalava no plano cultural e social, quando o sentimento de desvalia era “chamado” a vir na fala e nos assuntos.

Era então que a população se via nestas imagens e a conversa logo chegava a um ponto fixo: a idéia de favela ia desaguar em todo um campo semântico que tocava a idéia de vagabundagem, transgressões e criminalidade.

E como diz Vera Telles:

As categorias que tipificam o criminoso são as mesmas que caracterizam a pobreza como condição de vida. Como diz Rosa Fischer, o pobre é aquele que não quer ser confundido com o marginal, mas que está sempre na iminência de ser assim considerado pela sociedade, pelas instituições do Estado e, mais do que nunca, pela polícia (TELLES, 1990, p.37-45, apud FEITOSA, 1998, p.120).

Os moradores do Poço da Draga (Baixa Pau) comentavam ao seu modo, esta associação entre pobreza e transgressão, e assinalavam que a população tem desempregados sazonais (oscilação de emprego), mas que são pessoas que trabalham. Como se uma suspeição se fizesse, e fosse necessário explicá-la. Vejamos isto na fala de um dos moradores:

“Aqui tem muita gente que é avulsa, gente que não trabalha com carteira assinada. Mas trabalha do jeito que pode. Faz um bico aqui, outro ali... E assim vai vivendo.”

A impressão que os moradores nos passavam era a de viverem em constante alerta, na defensiva contra uma suposta visão de si que os degradasse. O trabalho, então, era colocado como forma de negar esta suspeição que parecia pairar no ar. O trabalho legitimado em carteira, diga-se de passagem. Os depoimentos dos moradores do Poço da Draga (Baixa Pau) possuíam como tônica tirar esta idéia estigmatizadora existente de si; pois, para eles o trabalho os colocavam na categoria de cidadãos dignos em termos sociais.

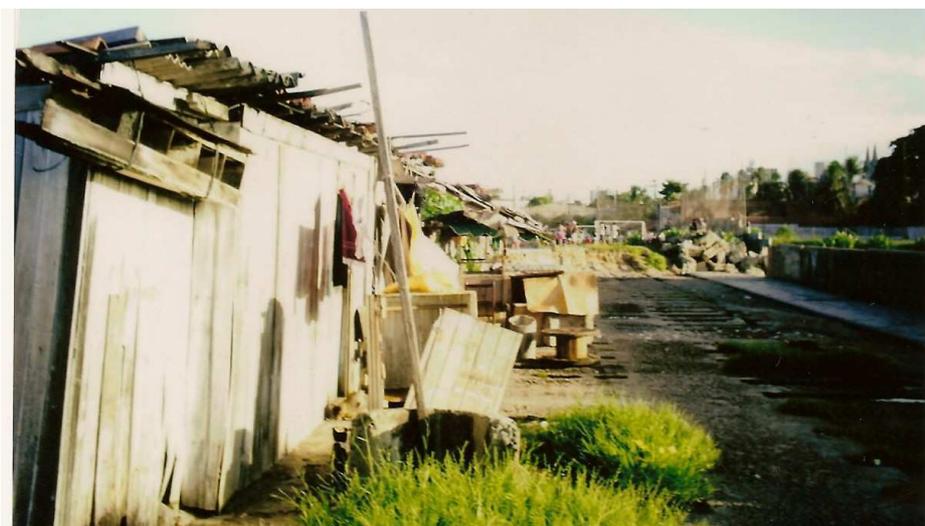
Feitosa(1998) já observara aspecto semelhante, ao referir-se a esta população e ao modo como ela era estigmatizada, assinalando suas formas de defesa. Vejamos entrevista dada a ele em 12/12/1995, por uma moradora do Poço da Draga:

“Olha, professor, apesar do povo lá fora pensar que na favela só tem vagabundo e desordeiro, aqui todo mundo trabalha. É claro que de vez em quando a gente vê uns maconheirozinhos ali por trás do muro do estaleiro, mas é tudo cabra sem futuro que vem de fora e, junto com os turistas, olhar o pôr-do-sol na Ponte Metálica. Mas aqui? Aqui não, o povo trabalha. Só costureira nós temos muitas e muitas, e das boas (cita alguns nomes). Tem uns quinze pedreiros, quatro marceneiros, pintores e muita gente que faz de tudo (biscateiros). Isso tudo, fora as pessoas que trabalham no estaleiro, muita, muita gente. E os artesãos, esses é que são muitos, eles vão vender as coisas deles no calçadão da praia. E como eles, outros vendem cachaça e merenda na praia, no centro, em todo canto. (...) Nós aqui trabalhamos, professor, se eles querem nos tirar daqui, que tirem, mas não é porque nós somos vagabundos não. Trabalhamos e muito e tirar a gente daqui vai dar um trabalho danado, a menos que eu já tenha morrido (Depoimento da Dona Rocilda, presidente da Associação de Moradores na época)”.

Os próprios líderes comunitários afirmavam este desejo de “arranjar trabalho” para as pessoas do lugar; embora (e por isto mesmo) tentassem junto às forças econômicas e ao poder público estadual e municipal, pareciam falar se justificando.

Muitas vezes nós percebíamos que era como se o problema do desemprego não tivesse seu aspecto social, e sim, fosse uma dificuldade pessoal dos moradores que precisava ser superada. O aspecto coletivo da problemática dos ex-pescadores não parecia ser trabalhado nos discursos governamentais, da perspectiva dos interesses deles, moradores. Vejamos como os moradores percebem a relação entre sua morada e trabalho, nos depoimentos do Júnior, filho da Dona Rocilda Lima Ferreira, ex-presidente da Associação:

“Eu moro aqui a mais de vinte anos. Atualmente, o mar ficou revoltado. Aqui não tem como desviar do mar. Eles aumentaram o paredão (muro de pedra construído dentro do mar) pra livrar o Marina Park (hotel de luxo instalado nas dependências da Comunidade), então, o mar vem com toda força derrubando tudo. Aqui (aponta para o local) moravam nove famílias, mas o mar foi comendo, comendo... A Prefeitura indenizou algumas famílias que saíram, mas a Dona Alzira ficou. Ela Vive daqui, dos seus peixinhos e do que o pessoal daqui lhe ajuda... Noutro lugar ela vai viver de quê?”



O Barraco da Dona Alzira sobre a Ponte Velha (Ponte Metálica), local onde tem início a Rua Deputado Moreira da Rocha, e começa a Comunidade Poço da Draga.

Observemos as explicações dadas por um dos articuladores locais, de como eles relacionam as possibilidades da moradia com a sua viabilidade conferida pelo trabalho:

“Nós aqui temos uma ONG, que é o Instituto Velaumar-Assessorias e Empreendimentos. Através dela, nós procuramos trabalho para o pessoal daqui, do Poço da Draga. Nós conseguimos lavagem de roupas para as mulheres da Comunidade, por meio de contatos com hotéis e motéis. (...) Nós temos até o plano de uma lavanderia comunitária; inclusive, já mandamos tudo o que é de projetos prá todos os órgãos públicos e nada!” (Depoimento do Júnior, filho da Dona Rocilda Lima Ferreira).

Como diz Feitosa (1998), como a relação entre o ganho e o gasto é grandemente desigual, só cabe ao desempregado ou ao empregado volante o esforço na tentativa de arranjar biscates ou pequenos serviços sazonais.

Apesar de reconhecer a intenção do atual Presidente da Associação (que é o senhor João Brito), o morador comenta que “o Presidente é legal”, porém, assinala a prioridade da fome, como problema maior do Poço da Draga. Observemos na fala do Júnior como esta percepção da população parece detectar claramente a magnitude da problemática da fome:

“Hoje, o Presidente da Associação, trabalha mais com esporte, que é legal, mas a Comunidade tem fome!”

Nós víamos, também, que a população estabelecia relações entre os aspectos materiais da vida e sua influência no plano subjetivo, no mundo das relações domésticas, como fica evidente na fala de um dos moradores:

“Tem casa que o marido fica sem nada pra fazer, sem emprego... A mulher cobra trabalho do marido e então eles discutem; é aí que ele bate nela... Essa é a vida de todas as comunidades da periferia. Tem isso também.”

Os moradores do lugar apercebiam-se de que o Outro podia lhes olhar como vagabundos e desocupados. Acuados por várias formas de necessidades,

buscavam no mundo do trabalho (melhor seria dizer: 'biscates') a sua condição existencial de cidadãos que têm no emprego e na sua representação simbólica, a carteira assinada, o passaporte que lhes garante a livre circulação no além muros simbólicos que circunscrevem a Comunidade. Tão logo sejam "abordados" (e se de pronto não forem 'liberados' dos olhos atentos do poder, estes símbolos lhes servem de ganho de tempo para poder melhor se defenderem), pois funcionam com um endereço social e uma –possível- representação trabalhista que os representam podendo dizerem-se: "eu sou um cidadão, tenho até carteira de trabalho assinada". Tudo isto tem um peso muito grande na idéia de pertença da Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau).

O víamos que mostrava a percepção profunda que tinham do desemprego e de suas repercussões nas relações mais íntimas e na conseqüente existência da fome.

Surpreendiam-nos as sinuosidades das argumentações; ora os moradores do Poço da Draga (Baixa Pau) se assentavam no lugar de posse que lhes cabia de direito, ora se confessavam em incertezas, ante o desafio constante a que eram submetidos. Ouçamos mais atentamente como um morador a isto se refere:

(...) "Com tantas ameaças, pára o tempo, prá nós da Comunidade. Como estabelecer um projeto de vida, se nós vamos ter que sair daqui a qualquer momento, pois somos submetidos a essa constante incerteza?"

Sem saneamento básico, sem calçamento, água, luz, posto de saúde, escola, etc., os moradores sobrevivem às custas de muitas resistências, lutas e reivindicações da população do lugar: "a água e os dejetos de mais de 200 (duzentas) casas e casebres existentes são jogados na rua ou em um mangue

localizado atrás do INASA.” Como bem ilustra em suas palavras, o filho da ex-presidente da Associação dos Moradores:

“A gente vive abandonado aqui. Um dos problemas é não ter saneamento. Os banheiros que se tem aqui, na maioria, são com fossas de anéis nos seus quintais. Esse calçamento (aponta), foi conseguido através da Associação, no tempo era a minha mãe, dona Rocilda, quem era a presidente; hoje é o ‘Seu João Brito’, o presidente da Associação.”



Corre a céu aberto, um “rio de lama” dentro da Comunidade Poço da Draga.



A TV Verdes Mares registrando a lama que corre a céu aberto por dentro da Comunidade Poço da Draga.

Vítima do crescimento desordenado da cidade de Fortaleza, a Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau) sofre cotidianamente as conseqüências socioeconômicas da reurbanização do espaço-social circunscrito ao seu redor. À medida que a vizinhança cresce, sobretudo, em termos econômicos, paradoxalmente diminuem as expectativas dos moradores do Poço da Draga (Baixa Pau) de se fazerem ouvidos e atendidos em seus direitos de viver e sobreviver na sua praia de origem.

Estando estrategicamente no centro desse império imobiliário, o Poço da Draga é submetido simbólica e efetivamente a freqüentes processos de mudanças comportamentais do poder público, que modifica estratégias para lograr expulsar a Comunidade local.

Ouçamos a moradora Dona Maria Zenir Costa, quando se refere a uma promessa de “remanejamento” da Comunidade para um condomínio que seria construído em outro lugar:

“Será que na nossa casinha, sem esgoto, na lama, não vai ser melhor que esse prédio que estão prometendo? Como a gente vai pagar o condomínio, as taxas, essas coisas, quando a gente tá desempregado? Aqui a gente pede um peixinho a um, a outro, no dia ruim e vai vivendo, mas e lá?”

Outro morador, que trabalha com ervas no preparo de remédios, como sua fonte de trabalho, fala a respeito do local da possível transferência da Comunidade:

“Aqui eu tenho um ‘quintalzim’ pra plantar... desse plantio faço meu ‘lambedorzim’ e vendo pras pessoas. Tenho o meu pessoal, que aqui a gente tudo se conhece, já tem como um ajudar o outro. E lá, como é que vai ser?”

Estas falas se tornam reincidentes em outro morador, que com precisão, reafirmava, ressaltando novamente a vinculação do mundo da vida das pessoas ao mundo do trabalho junto ao mar, no Poço da Draga:

“Tem um projeto pra tirar a gente daqui... Desde pequenininho que eu ‘tou’ pensando. Saio hoje, saio amanhã; isso já faz mais de trinta anos. Quando eu não tenho trabalho, eu que tenho uma jangadinha, boto ela dentro do mar e pego um peixinho aqui e outro ali. Sem o mar, como é que a gente vai viver?”



Alguns Moradores da Comunidade Poço da Draga ainda exercem a prática da pesca, como forma de alimentar suas famílias e suas tradições de povos do mar. Da esquerda para a direita: Senhor Manuel Costa Cabral Filho(70 anos); Senhor Álvaro Graça(43 anos); José Ângelo da Silva Graça(24 anos) e Jefferson Araújo (12 anos), saindo do mar pela Ponte Velha (Ponte Metálica).



A "Meninada" se diverte pulando da Ponte Velha (Ponte Metálica) no mar, e sai nadando até a beira da praia.

Dessa forma, a Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau), sendo zona de fronteira entre o mar e o Dragão do Mar; o Marina Hotel, a rede de restaurantes, bares e as casas noturnas, é um campo social de forças em disputa – como estas forças trazem seus convulsionamentos para a cultura do olhar; e, o que vêem e mostram de si os moradores deste lugar? Haveria um dentro-fora que contasse desta refrega?

A gente pode ver que por trás de toda uma arquitetura, vestida de ordens ou de desordens, existem códigos culturais que explicitam estas lutas de territórios. Símbolos são postos em circulação para falar de um dentro e um fora, um centro e uma periferia, uma cultura e uma incultura. Vejamos como Feitosa, estudioso do local do Poço da Draga (Baixa Pau) se refere a este embate:

“Criam-se zonas simbólicas, dentro das quais se erguem as hierarquias culturais, estabelecendo uma estrutura simbólica de poder. Para melhor entendermos esse princípio ordenador, basta lembrarmos o papel desempenhado pelos “muros” e “muralhas” que ilustram a historiografia geral. São os símbolos das culturas que os erguem”(FEITOSA,1998,p.115).

Vimos como as promessas de condomínios, feitas pelo poder público, como também as indicações dos prédios de valor pelos veículos de comunicação de massas, assinalam, na verdade, uma violência que se diz desta forma territorializada, transformada em códigos culturais que falam do campo de forças em conflito. Ouçamos a população falando destas forças em conflito que se corporificam nos mandos e nos desmandos do poder público com relação ao Poço da Draga:

“Já fizeram duas maquetes de dezesseis (16) blocos de apartamentos e outra maquete de duplex. E tentaram trazer pra gente ir nessa história.”

“Também, por último, chegou a idéia de um Centro Multifuncional de Feiras e Eventos; este Centro teria sua base de construção no mar, soterrando uma parte do mar, e transformando essa parte onde é o Poço da Draga e da Indústria Naval, em estacionamento. É assim que o poder público tem

pensado esse Centro. E a gente? E a Comunidade da gente, como é que fica?

“O terreno da Casa Pernambucana e os próximos, eram o lugar pensado para levar a Comunidade para lá. Foram feitas centenas de reuniões para isso. Já desde o Prefeito Juracy Magalhães, do prédio da Brahma até aqui no Poço da Draga, era pra fazer os apartamentos.”

Observamos, também, que estas possíveis “trocas” de lugares e os “remanejamentos” pretendidos e ofertados pelo poder público, referem-se redutoramente a espaços materiais, parecendo não perceber que há um valor subjetivo para os lugares. Não se pode desconhecer esta matéria das emoções, que se vincula a uma memória afetiva do que foi vivido pela população.

Feitosa (1998) assinala este aspecto ao referir-se a esta nomeação de lugares, que além de simbolizar a violência, tem ressonância no mundo interno das pessoas:

As fronteiras estão no lugar da força bruta que protege o espaço dos indivíduos de uma certa categoria “inimiga”. Essas delimitações simbólicas dão ao espaço interno a confiança de uma paz interna, posto que se livram – ainda que apenas por meio do símbolo – das interferências do lado externo (FEITOSA, 1998, p.115).

Acumulando o que vínhamos dizendo: Fortaleza basicamente começou sobre os trilhos que saíam da Ponte dos Ingleses, passavam por dentro do Poço da Draga (Baixa Pau) e partiam rumo aos destinos dos comerciantes que fizeram fortunas banhadas com o suor dos primeiros moradores da colônia de pescadores e dos moradores/operários que trabalhavam na beira do cais da Praia do Peixe, nome original do Poço da Draga.

Antes, portanto, do Poço da Draga (Baixa Pau) ser visto como uma favela, notadamente, deve ser visto (e aceito) como uma Comunidade, e logo, como um grupo social que ao longo de mais de meio século sofre as conseqüências das

políticas exploratórias, que feito um câncer tentam corroer os corpos dos moradores deste lugar. Como observa Luiz Tadeu Feitosa, o aspecto explorador das classes sociais se explicita nos modelos de urbanidade que vivemos:

A favela, no espaço urbano, é o retrato dos desmandos das classes detentoras do poder de decidir. Elas são ao mesmo tempo exclusão e modelo urbano; da mesma forma que penaliza determinadas pessoas, justifica as políticas de espoliação. Se, de um lado, é o cancro da alta sociedade, por outro, é a saída para milhões de pessoas (FEITOSA, 1998, p.114).

Como afirmamos anteriormente, a Comunidade Poço da Draga (Baixa Pau) constitui uma vida social e cultural distinta da que vigora nos prédios onde funciona boa parte da vida noturna e dos bairros residenciais das classes dominantes, que ficam nas cercanias da Praia de Iracema. Entendemos cultura, neste sentido, como a instância em que cada grupo organiza a sua identidade.

Essa acepção de identidade (Canclini, 2005), aqui é expandida para identidades múltiplas. Dizemos aqui, ser importante pensarmos em termos de identificações e de identidades cambiantes, para não resvalarmos para um conceito de identidades fixas e definitivas.

Repleto de complexidades, ainda, é o termo cultura – nele se dão conflitos, reproduções e resistências. Como diz Nestor Canclini:

Os processos culturais não são apenas o resultado de uma relação de cultivo, de acordo com o sentido filológico da palavra cultura, não deriva unicamente da relação com um território no qual nos apropriamos dos bens ou do sentido da vida nesse lugar. Nesta época, nosso bairro, nossa cidade, nossa nação são cenários de identificação, de produção e reprodução cultural, a partir deles, no entanto, apropriamo-nos de outros repertórios disponíveis no mundo, que nos chegam quando compramos produtos importados num supermercado, quando ligamos a televisão ou passamos de um país para o outro como turistas ou migrantes (CANCLINI, 2005, p.43-44).

Logo, os moradores do Poço da Draga (Baixa Pau), quando vão à Órbita (uma casa noturna que fica rente aos limites desta Comunidade), quando circulam

nas próprias dependências do Centro Cultural Dragão do Mar, ou quando vão à antiga Ponte dos Ingleses, e atual Ponte Metálica, estão absorvendo (e daí vê-se os processos de reprodução) e também (re)elaborando o que se pode chamar de “cultura do fora”.

3.3 A Cultura do fora



Grafite do Ticiano Álvares no carro do Gari Renato Soares de Sousa

Conversando com a Izabel Cristina, filha da Dona Rocilda Lima Ferreira, ex-presidente da Associação dos Moradores do Poço da Draga, perguntamos como ela percebia as ações dos jovens da Comunidade, dentro deste contexto atual. Em resposta ela nos disse:

“Vocês me perguntam como os jovens se vêm nesse mundo da Comunidade. Nós vemos primeiro a Praia de Iracema degradada. Os jovens... as drogas... a prostituição infanto-juvenil. Nós somos muito visados pelas drogas e pela prostituição. Aqui perto (apontando para o lado), era a Escola Comandante Fernando Cavalcante, das Irmãs Josefinas, que passaram 30 anos fazendo alfabetização e catequese na Comunidade. Naquele tempo era mais fácil, o jovem tinha limites; hoje, tem toda essa fantasia que eles acham que é real. Tem as boates, de dez da noite às cinco da manhã: tum, tum, tum... (faz um som grave com a boca); não sei como arranjam tanta gente para dançar”!

Quase sempre quando interrogamos as pessoas da Comunidade a respeito dos jovens, elas nos respondem com ares saudosistas do passado, ou aludindo ao futuro incerto que os esperam, para prosseguir dizendo que não sabem o que fazer com os jovens. Referem-se também a “toda essa fantasia que eles acham que é real”. Agindo desta forma estas pessoas deixam evidentes o quanto elas se sentem assustadas diante da necessidade de se auto-renovar. A este respeito Nestor Canclini diz que:

Neste contexto, adquirem novo sentido vários alarmes do pensamento atual: por que se evaporam as utopias e quase ninguém faz questão de tê-las; por que os jovens vivem no instante por que não se interessam pela história nem por ter história e olham com ceticismo ou indiferença quem lhes fala de futuro. (...) Há uma contradição entre visões convencionais da temporalidade social e as emergentes nas culturas juvenis (CANCLINI, 2005, p.210).

No entanto, esta estrutura não deve ser examinada partindo apenas de uma única visão, a qual transforma o jovem em sinônimo de sujeito individual, desajustado e causador do desequilíbrio da sociedade atual, sendo, também, agente divisor desta mesma sociedade em duas partes; onde de um lado ficam os

que não têm onde dormir, e do outro lado os que têm onde dormir, mas não dormem com medo dos que ficam acordados sonhando com suas cobiças.

Ao examinar esta situação um pouco mais de perto, podemos perceber o quanto ela tem -também- as suas zonas de fuga. Vejamos outro trecho da fala da Izabel Cristina:

“Mais aqui na Comunidade tem muitos jovens que fazem coisas legais também. Tem o Doglas que faz grafites, e aproveita para criticar esse descaso social em que nós vivemos. Todas as caricaturas dele são cheias de sarcasmos, de ironias sociais. Tem também o Alan, o Estevão, o Wilton e o David que são outros jovens que fazem arte dentro da Comunidade. O Estevão e o David, eles pintam quadros e vendem lá na feirinha da Beira Mar. O Wilton faz pirogravura (que é um tipo de gravura feita sobre madeira, usando um instrumento que queima e registra o desenho; explica, mostrando conhecer a técnica.). O Estevão também trabalha com aquarela, são lindos os quadros dele!”



O grafiteiro “Doglas” grafitando uma moto a convite do proprietário, que está ao seu lado olhando.



O grafiteiro “Doglas” grafitando uma moto sob os olhares de alguns garotos da comunidade futuros grafiteiros? (II)

”



Grafite feito pelo grafiteiro “Doglas” na lateral da Sede da Associação de Moradore do Poço da Draga (AMPODRA).



Grafite feito pelo grafiteiro "Doglas" na lateral da Sede da Associação de Moradores do Poço da Draga (AMPODRA).



Grafite feito pelo grafiteiro "Doglas" na lateral da Sede da Associação de Moradores do Poço da Draga (AMPODRA).



Grafite feito pelo grafiteiro "Doglas" na parede da AMPODRA.



Grafite feito pelo grafiteiro "Doglas" na parede da AMPODRA (detalhe).



Grafite feito pelo grafiteiro "Doglas" na parede da AMPODRA (detalhe).



Grafite feito pelo grafiteiro "Doglas" na parede da AMPODRA (detalhe).



Grafite feito pelo grafiteiro "Doglas" no interior de uma casa na Comunidade, em homenagem a colega seu de codinome "Figura" (visão geral).



Grafite feito pelo grafiteiro "Doglas" na parede externa numa casa da Comunidade, em homenagem a um colega seu que atende pelo codinome de "Figura" (detalhe).



Grafite do grafiteiro "Doglas" em um muro no início da Rua Deputado Moreira da Rocha: "Só Jesus salva". Tendo os amigos fiéis (dois cachorros) em frente.



Grafite feito pelo grafiteiro "Doglas" na parede externa de uma casa na Comunidade.



Grafite realizado no muro da Escola do Ensino Fundamental e Médio, Visconde do Rio Branco, na Av. Dom Manuel.



Grafite realizado no muro da Escola de Ensino Fundamental e Médio, Visconde do Rio Branco, na Av. Dom Manuel.

Como podemos observar, a luta pelo lugar é parte do mundo cotidiano, que vai cunhando muros, objetos e ruas com sua percepção. De acordo com Bourdieu(1979^a),”o habitus sistematiza o conjunto das práticas de cada pessoa e cada grupo, garante sua coerência com o desenvolvimento social mais do que qualquer outro condicionamento explícito”.

Tentando entender mais dos jovens da Comunidade Poço da Draga, perguntamos a Izabel Cristina de que forma os jovens da Comunidade geralmente se divertem e ela nos respondeu dizendo:

“Os jovens daqui têm pouca oportunidade de diversão dentro da Comunidade; aqui tem um pequeno campo de futebol e nada mais... Muitos deles, durante o dia, gostam de ficar jogando futebol no campinho da Comunidade, ou vão jogar na quadra do Dragão do Mar. Já à noite, o que eles têm como divertimento, é o espaço da praçinha do Dragão do Mar, ou nos finais de semana, freqüentar o próprio Dragão do mar, ou os bares próximos, ou as boates que ficam nas redondezas, como o Bicho Papão (que é um bar de Reggae, explica.), o Hei Ho Rock Café, o Canto das Tribos, o Armazém ou a Órbita. Mas nestes lugares, eles só ficam, na maioria das vezes, do lado de fora, pois é pago para entrar, e eles não têm grana (faz um gesto com a mão, esfregando o dedo polegar no indicador.). No mais, é só ficar perambulando pelas redondezas. Antes do Dragão, era dar umas voltas na Praia de Iracema, mas agora, a Praia de Iracema está morta, não tem ninguém! Só o Pirata Bar, e algumas boates funcionam, praticamente”.

O modo como cada um ou cada grupo se adapta às suas condições de vida, parece estar ligado à rede que alimenta os seus hábitos, que são formados desde a mais tenra idade. Bourdieu nos alerta para a necessidade de entendermos a interação entre estas estruturas estruturantes e as bases às quais a sociedade configura os sujeitos. Partilhemos o que Canclini, com referência em Bourdieu, nos diz a este respeito:

Se existe uma homologia entre a ordem social e as práticas dos sujeitos, não é pela influência localizada do poder educativo, publicitário ou político, mas porque estas ações inserem-se em sistemas de hábitos, constituídos na sua maioria desde a infância. O poder simbólico não configura os sujeitos principalmente na luta das idéias, naquilo que se pode fazer presente na consciência de cada um, mas nas relações de sentido não conscientes que se organizam no habitus e só podemos conhecer por meio dele. Por se tratar de “sistemas de disposições duráveis e transponíveis,

estruturas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes (Bourdieu, 1980, p.88), o habitus sistematiza o conjunto das práticas de cada pessoa e cada grupo, garante sua coerência com o desenvolvimento social mais do que qualquer outro condicionamento explícito” (BOURDIEU, 1979^a, (s/p.) apud CANCLINI, 2005, p.196).

São nas relações de sentidos não conscientes que se dão as trocas e as combinações de conhecimentos específicos, os quais irão constituir a hidridização dentro da noção de classe; pois, os sujeitos hoje não são sujeitos em tempo integral de apenas uma dada cultura, mas sim, de uma mescla cultural polissêmica que lhes inscreve os seus textos culturais e os ajudam a construir a sua vida sígnica, que é como que uma senha que lhes permitem circular dentro do mundo dos mais abastados financeiramente. Estas aproximações, de acordo com Feitosa (1998), levam “os pobres, ao assimilarem rapidamente os costumes, comportamentos, posturas e aquisições (e desejos, grifo nosso.) do mundo dos ricos, como se fossem pertencentes ao seu. (...) A igualdade pretendida não passa de mera aparência”.

Sem a força da resistência, facilmente o que é local se mimetiza ao global; no entanto, esta fluidez pouco ou quase nada tem de fixidez; tornando-se assim, um constante território da mobilidade efêmera. Segundo Canclini (2005) estas relações são estabelecidas em rede, e fazem parte de um esquema financeiro/econômico, que coloca de lado os chamados “grandes”(ou fortes), e do outro lado os “pequenos”(ou “duplos”).

Dispondo de amplas capacidades de deslocamentos nos espaços geográficos, econômicos e interculturais, os “grandes” circulam livremente pelos corredores do mundo globalizado conectados uns aos outros, enquanto os “pequenos” estão ancorados na imobilidade social que os prendem. A este respeito, Nestor Canclini nos diz:

Assim como no antigo discurso hegemônico que atribuía aos pobres a responsabilidade pela sua situação (“trabalham pouco”, “não têm iniciativa”), agora se atribui à distinção entre os que se movem e os que ficam às inclinações caseiras, aos costumes ou às “idéias fixas dos sedentários”. No entanto, existem vínculos estruturais e complementares entre uns e outros. Os pequenos ou localizados são os “duplos” indispensáveis para o nomadismo e o enriquecimento dos grandes (CANCLINI, 2005, p.94).

Veza ou outra a mobilidade dos chamados “grandes” interdita a circulação dos tidos por “pequenos”. Conversando com uma moradora da Comunidade do Poço da Draga, ela nos dizia que:

“(...) uma antiga moradora da Praia de Iracema, teve que ir embora daqui, porque não conseguia sair de manhã com o carro dela para ir trabalhar; pois tinha sempre algum carro estacionado em frente à sua garagem impedindo a saída do dela”.

Isto é parte integrante das intenções dos chamados “grandes”: manterem os ditos “duplos” -aqueles que se mantêm fixos em um lugar, até que sejam “convidados” a saírem dele- imobilizados e impotentes diante da força de mobilidade e de multilocalização dos “grandes”.

CAPÍTULO III

4.1 CENÁRIO: A ESCOLA



Detalhe do grafite da Escola do Ensino Fundamental e Médio, Visconde do Rio Branco.

Dentro do capítulo *a escola*, o contato com a Comunidade Poço da Draga e com os seus sujeitos freqüentadores da única escola do local, a escola Elvira Pinho, bem como de outras escolas, vimos que os alunos têm que fazer muitos esforços para acessá-las; pudemos ver de mais perto a dura realidade de quem quer, precisa e deve buscar sua melhoria de vida através dos ensinamentos que a escola tem para oferecer. Parte desta realidade nós já havíamos vivido pessoalmente, no entanto, percebê-la como parte de uma realidade coletiva, para nós, teve um significado especial.

Poder conversar com diretoras, com professoras, com funcionários, pais e com alguns alunos sobre a escola e suas nuances foi para nós algo revelador. Todavia, em alguns momentos, também tem seu aspecto perturbador, pois pesquisar parte da vida escolar destas pessoas nos fez rever parte das nossas próprias vidas, assim como entender melhor o modo e a força como a escola está estruturada.

Para além do negativismo, o relato deste capítulo parece que está carregado de uma visão pessimista a respeito da escola, entretanto, ele foi composto a partir das conversas com as pessoas entrevistadas, conversas que fizeram eco junto às nossas próprias experiências de vida, enquanto filhos da periferia, “construídos” pela escola pública, e, “vítima/sujeito” deste tipo de experiência.

4.2 A vida nos faz a sua primeira imposição

Metaforicamente, ao nascermos, a primeira coisa que fazemos, sob pena de não resistirmos à morte, caso não façamos, é *inspirar*. Em outras palavras,

enchemos nossos pulmões de ar pela primeira vez e ganhamos o que poeticamente poderíamos chamar de liberdade pulmonar. Assim, ao ultrapassarmos as paredes do corredor vaginal, e ao sairmos do conforto uterino, a vida abruptamente nos faz a sua primeira imposição: temos de imediato, mesmo sem a devida consciência do ato, que decidirmos respirar por conta e risco próprios.

Certamente foi daí que surgiu o termo que dá nome à idéia, a qual subitamente os verdadeiros artistas têm antes de executarem as suas obras: a *inspiração*. Ou seja, levar a essência da obra de arte para dentro de si.

No extremo oposto, a *expiração* é a última coisa que fazemos antes de fecharmos definitivamente os olhos para a vida e morrermos. Pois é entre o processo de sístole e diástole, entre o nascer e o morrer que capturamos o mundo através dos nossos sentidos, sobretudo pelos olhos e ouvidos, mediados pelo olhar e o ver e pelo ouvir e o escutar. Pois o olhar é uma tentativa de identificação; ver é uma espécie de assimilação. Olhar e ver são formas de perverter circunstancialmente a realidade, e de fatiar o tempo contido entre quem vê e o que (ou quem) é visto. Pensamos o olhar como algo único, ímpar, singular. E pensamos o ver como algo dúbio, par, ambíguo; intrinsecamente plural, em sua essencial composição ocular. Eis aí, nesta composição, a necessidade da assimilação do que é visto, sob pena de permanecermos 'cegos' enquanto não nos é conferido ver o visível. De conformidade com Duarte Jr.:

Ver as coisas do mundo, portanto, consiste numa experiência, na medida em que elas se nos mostram presentes, postando-se frente ao nosso corpo. Já olhar uma imagem não possui este caráter inteiriço da experiência, dado não se poder alterar, frente a ela, distâncias e perspectivas em relação ao representado; isto, sem contar os outros sentidos, que também se acham envolvidos numa verdadeira experiência, bem como as evidentes distorções do real verificadas em toda e qualquer representação imagética, seja ela obtida por que meio for (DUARTE JR., 2004, p.97).

Deste modo, mesmo que por alguma infelicidade quem veja tenha apenas um olho, ainda assim, o ato de ver se compõe de uma dubiedade interna e externa tão concomitantemente inseparável, que assim o caracteriza, a ponto de causar a impressão em quem vê que realmente está vendo apenas uma dada coisa; tais quais os prisioneiros da caverna de Platão. Pois o olhar é percepção subjetiva; e o ver é compreensão objetiva. Ainda que quem veja não tenha a real compreensão do que foi visto e sinta a necessidade de ver de novo, para se certificar do que havia visto (como em São Tomé), o ver só irá se concretizar na sua ambigüidade. E se de fato, foram os homens criados à imagem e semelhança de Deus, pensamos que o mundo se fez primeiramente existir através dos olhos; pois o olhar é uma proposição que poderá ser evidenciada, caso se concretize em nós (homens) enquanto seres recém-nascidos, o que propõe São Tomé: “o ver para crer”. O ver significa olhar outra vez e com olhos próprios, pessoais e intransferíveis para apreendermos o que foi visto, e somente desta forma assimilarmos, a coisa em si; ainda que particularmente do nosso modo, nos leve ao despertar da intencionalidade pela racionalidade e pela aceitação ou pela refutação da coisa vista. Nietzsche disse que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver.

Sendo assim, olha-se alguém ou algo apenas uma única vez, pois na segunda tentativa, já não mais se constitui um olhar, e sim, caracteriza-se o enxergar, que, em essência, já é diferente do olhar. Quanto ao ver, é possível acontecer repetidas vezes se assim se desejar (e for possível), sem descaracterizá-lo enquanto ação de ver; pois se vê à medida que se enxerga o que anteriormente havia sido olhado. Ressalvando as suas devidas particularidades, o mesmo vale para ouvir e para escutar. Logo saber olhar e ver, ouvir e escutar, nos parece constituir as bases necessárias e imprescindíveis a uma boa educação. No entanto,

nós não gostaríamos de dar a entender um desconhecimento da importância dos demais sentidos: tato, paladar e olfato. Sabemos, sim! Somente achamos que em relação a eles, a escola como ação pedagógica tem menos interesse.

Assim sendo, pensamos que para melhor sermos educados para a vida, e para poder desfrutarmos de uma melhor e maior compreensão do que a vida nos oferece enquanto cidadãos construídos através da educação; há que se considerar este ver e este olhar em suas nuances. “Nesse sentido, a construção da cidadania aponta para a construção e difusão de uma cultura democrática” (DAGNINO, 1994, p.104), onde nós deveríamos ter, em termos pedagógicos/curriculares, em todas as séries do ensino fundamental e do médio, obrigatoriamente, nas disciplinas sobre a arte em educação, proporcionando assim uma reflexão e uma prática sobre o olhar, o ouvir e o sentir como um todo, para que pudéssemos melhor aproveitar com mais qualidade estes sentidos. Pois aprender é uma ação que tem um “olho” voltado para o passado e outro para o futuro, como situação de continuidade -em termos de existência do mundo- e, em última instância de nós mesmos. De acordo com Duarte Jr.(2004), se faz necessária uma “interposição educacional, já que nossas escolas e famílias não consideram relevante o treino para um olhar mais sensível. Como muito bem assinala Rubem Alves:

Nietzsche disse que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. É a primeira tarefa porque é através dos olhos que as crianças pela primeira vez tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo. Os olhos têm de ser educados para que a nossa alegria aumente. Os olhos das crianças não vêem “a fim de”. Seu olhar não tem nenhum objetivo prático. Elas vêem porque é divertido ver (ALVES, apud DUARTE JR., 2004, p.98).

Portanto, sonegar estas possibilidades existenciais é nos condenar a um fim trágico, tornando-nos perdidos no labirinto escuro da ignorância. E o poder público parece ter pleno conhecimento disto, ao ponto de se estruturar de forma tal que apenas concede a alguns o direito de emergirem de seus estados de natureza e

ganharem legitimidade –ainda que relativa e condicionada- , conforme as leis que os locam, cimentam e os prendem em seus estados de “mínimos eus”, contidos em contratos temporários registrados (ou não!) em carteiras de trabalho, dentro de subempregos, e outros espaços. Metaforicamente, mutilar a sensibilidade é sinônimo de morte, como nos afirma mais uma vez Duarte Jr.(2004):

Definitivamente, a morte do sujeito não começa pelo pensamento, mas por sua sensibilidade! Sem dúvida nenhuma, sentir-me eu mesmo revela-se anterior e determinante de qualquer “pensar em mim” subsequente. O que aponta novamente para essa missão básica da educação nos dias presentes: estimular o sentimento de si mesmo, incentivar esse sentir-se humano de modo integral, numa ocorrência paralela aos processos intelectuais e reflexivos acerca de sua própria condição humana (DUARTE JR., 2004, p.175).

Nesta perspectiva, o Estado quando nos provê com escolas, age com ares superiores e benevolentes, como quem faz favores ou caridades; e sabe-se que ele faz como quem é sabedor do que quer obter como resultados, e não como quem quer possibilitar a passagem do estado de natureza para o estado cultural (Schiller,1991), onde se dão as práticas de cidadania, conforme nos ilumina a este respeito, Vera da Silva Telles:

(...) é através das práticas de cidadania que se faz a passagem da natureza para a cultura, tirando o outro do indiferente e inominado, elaborando sua(s) identidade(s), construindo o(s) seu(s) lugar(es) de pertencimento e integrando-o(s) por inteiro nesse espaço em que a experiência do mundo se faz como história (TELLES, 1999, p.130).

Dentro das suas micro-estratégias para manter suas macro-diferenças, o Estado como expressão (mesmo que dividida) deste ter, tenta “educar” os nossos sentidos, com o intuito de nos tornar peças de um imaginário igualitário, onde o modo que percebemos e somos percebidos –inclusive por nós mesmos-, torna-se cada vez mais ‘algo pasteurizado’. A escola, quando nos furta a possibilidade de

termos uma melhor e maior educação do ver e do ouvir, e de modo mais amplo, de uma educação do sentir, se presta ao propósito, ora velado, ora declarado (muito embora um número razoável de nós não consiga ainda perceber isso), de nos vincular a um Estado que tem esta função mortífera, que hipertrofia o ter. Vale salientar que escola, aqui, está circunscrita em seu aspecto abrangente e, em qualquer instância, onde o conhecimento esteja sistematizado de algum modo, e que tenha sob tutela o Estado. A escola que, de conformidade com Duarte Jr.,(2004):

Construída a partir da mentalidade predominante na sociedade industrial e a ela servindo, às escolas cabe a formação de pessoas adaptadas à lógica desse sistema produtivo e em seu benefício. Aprender, por conseguinte, aparece aí como uma atividade árdua, desprazerosa e desvinculada da vida cotidiana; surge como algo que se executa por imposição e não por livre determinação, o que implica também em que tais estabelecimentos sejam geridos com base num pensamento idêntico ao que alicerça a produção industrial (DUARTE JR., 2004, p.104,105).

A escola pública, como aparelho ideológico do Estado, nas palavras de Althusser (1970), em suas micro-estratégias existentes, inclusive nas grades curriculares, busca produzir os corpos dóceis, e nos prepara para não reagirmos ao sermos alijados do processo de direito de termos direitos. A escola enquanto lugar onde, a conta gotas, e contra a nossa vontade, nos ensina os seus silenciamentos e nos impõe condições sociais que nos obrigam a trocar “o direito de não se morrer de fome, pelo risco de se morrer de tédio”, nos conduz sorrateiramente a aceitarmos a condição de sub-cidadãos, quando nos confina em subempregos. A escola sabe a oferta que nos faz; e é certamente por isto que faz. De conformidade com Nestor Garcia Canclini (2005):

Propõe-se às novas gerações que se globalizem como trabalhadores e consumidores. Como trabalhadores, oferece-se a elas que se integrem a um mercado liberal mais exigente em qualificação técnica, flexível e, portanto,

instável, cada vez menos protegido por direitos, no qual devem buscar mais educação para, no fim, achar menos oportunidades. No consumo, as promessas do cosmopolitismo são frequentemente impossíveis de cumprir, dado que ao mesmo tempo se encarecem os espetáculos de qualidade e se empobrecem – devido à crescente evasão escolar – os recursos materiais e simbólicos da maioria (CANCLINI, 2005, p. 211).

A escola enquanto representante da Sociedade Programada, que, de acordo com Christopher Lasch(1986), ajuda a desenvolver um tipo de personalidade em seus sujeitos, tendo como base apenas a busca pelo “mínimo eu”. Nas palavras de Antônio Joaquim Severino (2001), a escola que:

Desempenha um papel mais significativo que o dos demais aparelhos ideológicos, pois se lastreia na formação da força do trabalho: a divisão entre trabalho manual e intelectual é a base ideológica e material das classes sociais. Portanto, mesmo quando oferecida aos filhos dos proletários, a educação está sempre em luta contra os interesses dessa classe. Com isso, a educação escolar prepara as forças de trabalho adequadas à economia capitalista e inculca a ideologia da burguesia no conjunto da população, em especial os filhos da classe proletária (SEVERINO, 2001, p.75).

Sob o prisma do olhar, a este respeito, nos guia Duarte Jr.(2004,p.187), afirmando que “basta olhar em volta para se perceber as semelhanças entre a arquitetura das escolas de hoje em dia com aquelas das delegacias, das prisões e dos centros de reeducação para menores infratores, saídas das mesmas pranchetas do poder público” e que os educandos, ao chegarem nela, têm que se postar enfileirados uns atrás dos outros, e têm que manter os olhos e os ouvidos ‘plugados’ em seus (suas) guias, que se postam à frente das salas de aula, a lhes transmitirem saberes (sem sabores) presos em grades curriculares, que se prestam ao propósito de normatizar as suas condutas.

4.3 Se vocês não se comportarem 'direitinho', vão ficar todos sem recreio!

A escola, de certa forma, exige que o olhar dentro da sala de aula seja *concentrado* (preso ao centro; lugar onde fica o professor, ou a professora, e para onde tudo deve convergir); já o olhar da *recreação* não se encontra preso ao centro; pois é o olhar que busca o prazer de estar na escola e que circula livre entre os *corredores* e as áreas das brincadeiras. Aliás, este termo *corredor*, enquanto espaço físico na escola nos passa a sensação de um lugar onde as dores contidas nas salas de aula encontram o lugar adequado para que elas possam sair correndo, libertas dos corpos opressores. No entanto, uma dúvida ainda ocupa espaço em nós: quais os corpos que mantinham presas as dores; os dos educandos, ou os dos professores? Não temos certeza se fomos claros o bastante. O que na verdade mora em nós em forma de dúvida, em relação aos corpos que aprisionam as dores, e que assim que toca a sirene, e é dado o sinal de tempo livre⁽⁴⁾, entre uma e a outra aula, saem *disparados* pelos tais *corredores*, à busca de refúgios, é se são os corpos dos educandos comprimidos/reprimidos nos cantos das salas, ou se são os corpos dos professores oprimidos/opressores, que ocupam as frentes das salas de aula, e obtêm a centralização da atenção voltada para si. Como ilustração à referida questão, faremos a seguir duas citações do Cortella (1998), em que ele afirma ser a sala de aula sempre confundida com um lugar de culto, que tem as seguintes características:

(4) Tempo livre é outra expressão que eu acho estranha; metaforicamente é como se o tempo anterior estivesse preso!

A sala de aula é lugar de uma cerimônia com rituais quase religiosos: a aula. Como em um culto, nesse lugar a disposição espacial obedece à hierarquia: o celebrante à frente, no lugar principal. (...) Aos fiéis cabe arrumarem-se ordenadamente, em filas ou círculos, nos móveis menores. É o celebrante que dá o início ao culto, quem o dirige e quem tem o poder de interrompê-lo ou encerrá-lo. (...) Dos demais participantes é esperado que se pronunciem quando avocados, preparem-se previamente para presenciar a exposição de mistérios, confessem e reconheçam seus erros, submetam-se às provações indispensáveis para se corrigirem e, finalmente, compreendam que esse é o único meio de ultrapassar as limitações (CORTELLA, 1998, p.120-121).

Ainda segundo Cortella (Ibid), para outros tantos, em termos de educação, a sala de aula é ambiente teatral marcado por situações espetaculares, mesmo que nem sempre sejam claras, nem agradáveis, nem envolventes, nem proveituosas, mas que seguem via de regras, um roteiro previamente estabelecido, com ideais e idéias a serem averiguados, e se possível conseguidos, como os que se seguem:

A sala é o lugar de um espetáculo com cenas quase teatrais: a aula. Como o interior de um teatro, requer atenção contínua, um ator principal que saiba interpretar e catalisar os sentidos, e uma platéia disposta a viver voluntariamente emoções. (...) A platéia, quando vem para o lugar, já tem alguma noção do tema da peça, mas desconhece o enredo; em algumas peças aí representadas a platéia é chamada também a participar ativamente sem, no entanto, determinar o quê nem quando o fará. (...) Nem sempre a peça é adequada para o tipo de platéia ou tem para ela uma significação explícita; porém, ela a assiste, por hábito ou apatia, até o final (os que saem antes são olhados com reprovação pelos outros e pelo artista). Muitos que não entendem a peça até imaginam que a responsabilidade pela não-compreensão é deles mesmos (CORTELLA, 1998, p.121,122,123).

Desconfiamos que a escola, enquanto (re)passadora de conhecimentos⁽⁵⁾, age intencionalmente quando na maior parte do tempo trabalha o *recriar*⁽⁶⁾ saberes, deixando o *recrear*⁽⁷⁾ apenas para uma pequena parcela do tempo, a qual denomina

(5) Talvez por isso mesmo ela prefira trabalhar com o recriar.

(6) Penso o recriar- o criar de novo- como algo quantitativo.

(7) E penso o recrear- no sentido lúdico do termo- como algo qualitativo

de recreio. No entanto, pensamos que é exatamente neste pequeno intervalo de tempo chamado recreio, que os educandos têm as oportunidades de ser inventivos, e fazem existir os seus legítimos modos de serem felizes, que são os seus reais divertimentos expressos nas brincadeiras, sem as regras das punições próprias das salas de aula, quer sejam enquanto “templo religioso” ou “palco”, que de certo modo, matam parte de sua sensibilidade.

Certamente, isto não justifica, mas ilustra o fato de exercer tamanha força a seguinte ameaça: *“Se vocês não se comportarem direitinho, vão ficar todos sem o recreio”!* Geralmente esta ameaça invade os educandos, enchendo-os de medo e de insegurança, e raros são os que ousam desobedecer. Porém, como se isto não bastasse, os educandos ainda têm que conviver com as ameaças do inferno social (dentro e fora da escola), que lhes grita nos ouvidos: *“estudem, se não vocês não vão ser ninguém na vida”!*

Se tudo isto não fosse suficiente para aniquilar a auto-estima dos educandos, eles ainda têm que conviver com os (des)sabores do ‘purgatório escolar’, que são algumas salas de aula em termos ideológicos e estruturais. Mas todos os esforços serão recompensados um dia pelo céu, garante a escola enquanto igreja universal do reino do saber. Basta que os educandos façam o que determinam as instituições representadas pela escola, pois ela, a escola, é pensada como um aparelho ideológico (Althusser, *Ibid*) que visa à formação (Fôrma + Ação) harmônica dos corpos e dos espíritos e suas devidas conformidades; já que nesta ótica a formação é apenas um instrumento cívico de instrução e de adequação dos sujeitos cooptados pelo sistema nacional, como dizia Foucault (1977), “uniria o corpo manipulável ao corpo analisável, num claro processo de disciplinamento”. A estes

propósitos, a escola, enquanto representante da classe dominadora, corresponde à altura, já que ela, conforme Vera da Silva Telles:

Trata-se de um peculiar modelo de cidadania, dissociado dos direitos políticos e também das regras da equivalência jurídica, tendo sido definida estritamente nos termos da proteção do Estado, através dos direitos sociais como recompensa ao cumprimento com o dever do trabalho (TELLES, 1999, p.89,90).

4.4 Entrem na escola, mas deixem as suas idéias aí fora e tragam apenas os seus ideais!

E mais uma vez a sirene toca e todos saem correndo. Neste corre-corre, desesperados para vencer na vida, muitos dos educandos abandonam a escola, e vão em busca de trabalho, na tentativa de ganharem suas certidões cívicas; a carteira de trabalho assinada. Para isto, têm que vender ao mercado o seu maior bem simbólico: a energia de seus músculos e cérebro. Não sendo o bastante, têm que conquistar identidade e visibilidade próprias, e buscam nos sindicatos, que ora são mediadores, e ora são tutores dos reconhecimentos de suas cidadanias, como novamente afirma Vera da Silva Telles:

O cidadão como indivíduo não tem identidade e figura próprias: a verdadeira figura da cidadania é o sindicato. É ele que tem a posse de direitos e é através dele que o trabalhador reconhecido pelo seu vínculo legal à corporação profissional pode ter acesso aos benefícios sociais garantidos pelo Estado (TELLES, 1999, p.90).

A pressa faz com que muitos tentem as “saídas de emergência”. O mundo do crime lhes abre as portas. A justiça oficializada lhes atribui duras penas. Os presídios ficam superlotados de analfabetos e semi-analfabetos; ‘verdadeiros doutores’ em crimes. Infelizes destinos destes que as ações inquiridoras da União lhes condenam a viver na marginalidade. Pois o Estado “promete a redenção da

pobreza no mesmo ato em que a reproduz na figura do pobre desprotegido; proclama os direitos, mas desfaz eficácia nas relações entre as classes” (TELLES, *Ibid*, p.127).

Os que escapam a esta ‘sina’, acotovelam-se pelas escadas da vida, detidos nos subempregos, condenados às duras horas de trabalho forçado; via de regras, fazendo algo que detestam. Acordam muito cedo, pegam duas ou três conduções até o local de trabalho (purgatório?), ‘ralam’ o dia todo para depois do expediente tomar outra condução que os leve à escola. As conduções que os conduzem às escolas -no período noturno, é claro-, são insuficientes e estão sempre, ou quase sempre lotados e transitam saltitantes por entre as ruas cheias de buracos. Os poucos “sortudos” que conseguem chegar à escola, têm que se adaptar às regras que dizem: *“Entrem, mas deixem suas idéias aí fora, e tragam apenas os seus ideais, para que nós façamos uma triagem, para averiguarmos quais deles são possíveis ser realizados. E não se preocupem. Apenas se ocupem; pois mente vazia é oficina do diabo!”*

Estas forças corrosivas, amiúde consomem os corpos e os espíritos dos que dependem deste tipo de instituição. Enganados, ou sem outra opção, muitos são submetidos ao poder deste tipo dissimulado, porém cruel, das ações do Estado, e que, conforme Franco Cambi (1999):

(...) Um poder que age em muitos espaços do social, de forma capilar, micrológica justamente, e que penetra nas consciências através dos corpos, através do controle minucioso de gestos, posições, atitudes físicas, estabelecendo a ordem de uma disciplina, tornando assim, os sujeitos dóceis, possuídos e guiados pelas finalidades do poder. O indivíduo é controlado a partir do corpo, mas para tornar dócil, também, e sobretudo, a sua consciência. E esse trabalho, complexo e minucioso, é exercido pelas instituições educativas, que são dirigidas pelo Estado e das quais a sociedade, agora, está provida: os hospitais (que curam e “endireitam” os corpos doentes), os manicômios (que controlam os loucos e separam a loucura da razão, livrando a vida social do perigo da desrazão), mas sobretudo as prisões (que reabilitam para a vida social, reeducando os sujeitos inadaptados e transviados), as escolas (que formam todas as jovens gerações e as conformam a modelos de normalidade e de

eficiência/produtividade social, além de docilidade política-ideológica) e o exército (CAMBI, 1999, P.202)

As forças dominantes sabem o que fazem com o poder conquistado à força, ou sob o signo falacioso da politicagem, e fazem de tudo no sentido de manterem o que têm, buscando de todas as formas, aumentar ainda mais o seu poder. Nesse percalço, a escola enquanto instrumento da acumulação das elites, tornou-se um meio fértil para a disseminação da ideologia dominante, onde o poder encontrou um campo semeado e pronto para prosperar; afinal de contas, não é à toa, que a raiz etmológica da palavra elite, é a mesma da palavra eleito, e de escola, a mesma de escolhido. E que de conformidade com Antônio Joaquim Severino (2001):

Na atual sociedade brasileira, mais do que nunca a escola é uma necessidade histórica. Mas, sua contribuição só se efetivará se for lócus de um projeto. Mesmo quando uma sociedade está marcada pela degradação, oprimida e alienação (caso de nossa sociedade), o projeto educacional é ainda mais necessário. Denunciará o modelo opressor e anunciará as exigências de um projeto político libertador, buscando implementá-lo através de sua prática. Diante de situações de opressão, a escola tem pouca força de construção da cidadania, pois o projeto educacional autêntico está necessariamente em conflito com o modelo político de uma sociedade que oprime a maioria e compromete inclusive o projeto pessoal dos educadores. Muitas vezes, investir na construção de um projeto educacional é pura prática de resistência (SEVERINO, 2001, p.154).

De uma forma ou de outra, fazemos de algum modo parte deste processo, no entanto, em geral, buscamos mais a conveniência, do que a desobediência cívica, quando silenciemos nossas vozes sobre o referido assunto. Dentro desta perspectiva, cabe-nos a reflexão feita por Severino (2001, p.08): “Como mediação privilegiada da educação, o ensino não passa apenas informações, mas sobretudo um procedimento. Mais que um discurso em sentido estrito, as práticas do cotidiano educacional formam em ethos, um modo de ser e de viver”.

Para além do pessimismo referente à escola, sabemos que nem tudo são espinhos, e que algumas rosas florescem e -até- exalam perfumes. E não é que nós apenas queiramos aumentar o bloco dos descontentes; e sim, porque, às vezes, por muito que pareça, é sempre pouco quando nos é insuficiente. Porém, sabemos que nem tudo é reprodução na escola, embora ela funcione em muito como aparelho ideológico do Estado, que se presta a reproduzir os valores e os interesses da classe dominante, conforme nos adverte Louis Althusser (1970):

Desde a pré-primária, a Escola toma a seu cargo todas as crianças de todas as classes sociais, e a partir da Pré-Primária, inculca-lhes durante anos, os anos em que a criança está mais “vulnerável”, entalada entre o aparelho de Estado Familiar e o aparelho de Estado Escolar, “saberes práticos” envolvidos na ideologia dominante (o idioma, o cálculo, a história, as ciências, a literatura), ou simplesmente, a ideologia dominante no estado puro (moral, instrução cívica, filosofia). Algures, por volta dos dezesseis anos, uma enorme massa de crianças cai “na produção”: são os operários ou os pequenos camponeses (ALTHUSSER; 1970; p.64,65).

Sabemos, também, que a escola não é somente subserviência, ela inclusive gera as concepções que servem como resistência ao processo de apartação social; pois de dentro do Estado Cívico cooptador, representado pelas instituições que se prestam ao ‘engessamento dos corpos e das mentes’, surgem, através das reflexões, os movimentos que tentam resistir às destruições das forças produtivas que mantêm vivos os ideais e as idéias que emanam das camadas desfavorecidas da sociedade, e que compõem a contra mão e a resistência ao poder vigente, segundo Jean-Claude Forquim (1993):

Toda pedagogia cínica, isto é, consciente de si como manipulação, mentira ou passatempo fútil, destruiria a si mesma: ninguém pode ensinar verdadeiramente, se não ensina alguma coisa que seja verdadeira ou válida aos seus próprios olhos. Esta noção de valor intrínseco da coisa ensinada, tão difícil de definir e de justificar quanto de refutar ou rejeitar, está no próprio centro daquilo que constitui a especificidade da intenção docente como projeto de comunicação formadora. É por isso que todo questionamento ou toda crítica envolvendo a verdadeira natureza dos conteúdos ensinados, sua pertinência, sua consistência, sua utilidade, seu interesse, seu valor educativo ou cultural, constitui para os professores um

motivo privilegiado de inquieta reação ou de dolorosa consciência (FORQUIM, 1993, p. 09).

A resistência dos professores se faz presente, em meio a contradições; vejamos suas percepções da evasão escolar:

“A gente tem um trabalho, a gente faz um mapeamento de toda essa questão da evasão, a gente tem matrícula, mas não tem a frequência do aluno, que é a assiduidade dele. Então a gente se preocupa muito com isso, o quê ocasionou a evasão. E dentro do possível, quando a gente localiza o aluno, a gente vai ver: ou faz visita domiciliar, ou por telefone, ou através, quando a gente perde o contato com esse menino que ele abandonou, que agente vai ver, ele mudou, viajou, ou ta preso; ou por algum motivo que a gente registra na ficha dele, para a gente saber qual foi o motivo dessa evasão. E por incrível que pareça, muitos dos abandonos que a gente tem; e eu não sei aqui lhe dizer a porcentagem, mas muito mesmo, um grande número, é que o menino simplesmente deixou de estudar e está na rua”.

Aproveitamos para saber o que se deve entender na visão dos professores por:

“simplesmente deixou de estudar”, então ouvimos:

Bom, eu penso, assim, é uma coisa ousada, mas eu ainda acredito que no Ensino Fundamental, a gente tem que ter um horário integral. A Escola ter uma estrutura boa, que esse aluno fique no esporte, com uma qualificação profissional. Que a gente prepare, não vou nem dizer que a gente profissionalize, mas você qualifique para a vida profissional. Para isso, o esporte é fundamental. Artes. Que não ta tendo na Escola, pois nós não temos profissionais na Escola que trabalhe um projeto com artes, teatro. É... que trabalhe essa parte da expressão corporal, que ajuda também na parte do esporte. Artes Visuais, né? A gente vê alguns projetos, que um ou outro aluno que está fora da Escola e que participa de (ONG) Organização Não Governamental, ou de alguns projetos, e que você vê que esse aluno muda o comportamento, muda o nível de interesse dele, e ele muda totalmente, muda a pessoa. Então, a gente ta pensando, que esse tipo de coisa é que tem que ser trazida para dentro da Escola, mas não que a Escola isole isso, que coloque, provavelmente, dentro do currículo da Escolar, não seja coisas isoladas, jogadas, que a Escola ta servindo à Comunidade, na época “X” faz isso; não, deve ser um trabalho contínuo, que faça parte da nossa rotina, que a gente precisa e ta sentindo muita falta disso.

Podemos observar nas palavras dos professores o desejo de ter dentro dos currículos escolares as ações criadoras fomentadas pela arte, ficando isto evidenciado em outra fala dos professores que diz:

Porque é diferente de situação pra situação. No sábado levamos um grupo de vinte alunos pra assistir o projeto miudinho que é de concerto musical, né? E foi uma aula pedagógica, só que a gente sentiu que o aluno não tinha, a gente quer criar um espectador, mas é difícil em momentos isolados não se tem essa informação a partir da Escola; não adianta levar pra assistir um concerto se na escola ele não tem vivência nenhuma com instrumento musical ele nunca viu um vídeo que aborde isso didaticamente, né? Não tem um professor que trabalhe com isso; que tenha esse lado artístico mais apurado, até como espectador, porque você sabe que eu posso muito bem não ser um artista, mas eu posso ter um olho pra apreciar, né? Então a gente vê que até na gente, na nossa formação faltou esse olho de espectador.

Ao abordamos com os professores a questão da cultura escolar, abordamos também a questão do acesso ao livro, e fizemos um gancho com a Biblioteca Pública Menezes Pimentel que é vizinha da Comunidade Poço da Draga, e ouvimos dos professores o seguinte:

A gente já teve trabalho legal também por lá, pois eles trabalharam projeto de contação de história, né? Com o público infantil, e a gente participava desse projeto. Durante seis meses, a gente ia semanalmente lá com um grupo de crianças eles participavam da contação de história e eles iam manusear os livros escolher a leitura deles por prazer, que o fundamental era isso você vai ler por prazer não por obrigação. E a gente foi e trouxe essa cultura para casa, né? De que além dessa leitura imposta, você ter também, momentos da leitura prazerosa, né? Então, e os meninos, por incrível que pareça, os que gostam de ler, aqui com a gente, eles freqüentam a Biblioteca.

A perda substancial do ensino construtivo e do processo formativo da cultura em geral, como *modus operandi* na construção do saber, leva à alienação pessoal e, consequentemente, à condenação do confinamento social em amplo aspecto, promovendo a não inserção no processo da auto-construção no plano individual e à não participação histórica no sentido coletivo. O saber sistematizado (o saber escolar) que possibilita a educação – que, de acordo com a nossa constituição, é um direito de todos -, e que se compõe de um conjunto de processos e de procedimentos que permitem às pessoas chegarem ao estado de cultura (pois nós nos tornamos seres de cultura e não mais sabemos viver fora dela), e que é,

assim, que nos distinguimos dos animais, hoje nos é imprescindível. E sem esta condição seríamos guiados por nossos instintos, e simplesmente nos assemelharíamos aos animais irracionais. Ainda segundo Forquim (Ibid):

Neste sentido pode-se dizer perfeitamente que a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela. Mas reciprocamente, dir-se-á que é pela e na educação, através do trabalho paciente e continuamente recomeçado de uma “tradição docente” que a cultura se transmite e se perpetua: a educação ‘realiza’ a cultura como memória viva, reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa necessária da continuidade humana (FORQUIM, 1993, p.14).

Entretanto, circula por dentro das instituições oficiais que representam o poder cooptador uma outra noção de cultura, que é construída a partir da visão aristocrática, que entende cultura como sendo um conjunto de qualidades e construções subjetivas, direcionado à busca da perfeição individual. Neste caso, a cultura não é um bem coletivo que pode (e deve) ser partilhado com todos; ela, na verdade, torna-se um instrumento de segregação. Porém, sabe-se que ninguém vive só, e que a qualidade ampla da existência humana, no sentido coletivo, depende absolutamente da participação do corpo social como um todo. Privar uma camada da sociedade de participar do processo de evolução social, através da educação e da cultura, é, em última instância, privar-se de evoluir coletivamente enquanto ser humano. Relegar esta mesma camada pobre a ser apenas fruto existencial do ‘maquinismo’ e do ‘industrialismo’, é institucionalizar a uniformização e a desagregação, é um retrocesso ao escravismo, é querer aniquilar o processo cultural que alimenta o gosto de viver; é corromper a vida em seu sentido maior. É tentar nos cegar, ensurdecer, emudecer, o por fim na nossa sensibilidade.

Certamente, esta revolta alertada em nada interesse ao poder público que, de conformidade com uma de nossas entrevistadas, a Senhora Sandra

Pedrosa Coordenadora Pedagógica de Escola de Ensino Fundamental e Médio

Elvira Pinho nos diz:

“Nós já mandamos vários projetos para a Secretaria de Educação, no sentido de conseguirmos melhorias aqui para a Escola e para a Comunidade poço da Draga, mas eles dizem que nós não precisamos mais, pois nós já temos o Centro Cultural Dragão do Mar que faz essa parte. No entanto, nunca nada foi feito de concreto nesse sentido; e nós continuamos sem ter apoio de um lado, nem do outro”.

Em nada interessa às forças capitais que apenas visam cada vez mais lucros para as suas empresas modificar a ordem das coisas, pois prosseguem apoiadas pelo poder cívico que lhes faz vista grossa, utiliza gente como o combustível que movimenta suas máquina de fazer dinheiro; dinheiro este que “jorra feito água da fonte, mas que nunca mata a sede do querer mais”, e as leva à constante perseguição dos pobres e desprotegidos, conforme versa o cantor Marcelo D2: “(...) Se correr a polícia pega, se ficar o banco toma!”

É bom que estas forças corrosivas saibam: a classe menos favorecida é pobre, mas não é idiota, e nem está morta; ela está viva, se mantém de olhos abertos, e continua resistindo!

Ajustando o foco da nossa pesquisa em direção à escola na Comunidade Poço da Draga, este relato bem poderia ser um tipo de boletim de ocorrência que registra a vida escolar da referida Comunidade, no entanto, nós sabemos que isto não é algo restrito a Ela, mas sim, algo comum entre as outras Comunidades brasileiras—embora cada uma tenha sua singularidade.

Durante os anos de 1970 o Poço da Draga teve nas mãos do Estado e da Religião a fonte de transmissão dos saberes que foram sistematizados através da Escola São Pedro.

A Escola São Pedro era associada à Colônia de Pescadores existente na própria Comunidade e, na época, oferecia cursos de alfabetização pela manhã, à

tarde e à noite, sendo que o turno da manhã era mantido pela SUDEPE (Superintendência do Desenvolvimento da Pesca) já a Escola Comandante Fernando Cavalcante ou como ficou conhecida, a Escolinha das Irmãs Josefinas que era dirigida por freiras de uma Congregação Católica subordinada e mantida pela Arquidiocese de Fortaleza. Nela funcionavam três turmas de alfabetização diariamente, sendo uma mantida em parte pela poder municipal, e as outras duas pela Arquidiocese.

Junto aos saberes escolares sistematizados pelo poder público municipal também iam sendo transmitidos ensinamentos religiosos. Nesta Escola funcionava, também, um curso primário com cerca de cem alunos matriculados; embora, apenas setenta por cento freqüentassem as aulas. As professoras com freqüência se queixavam da não assiduidade dos alunos, e dos abandonos por parte da turma, que era de cerca de vinte por cento, logo nos primeiros dias do curso.

Ao tentarmos saber os motivos que levavam os alunos a abandonarem à Escola, os principais problemas apontados foram questões de ordem de saúde. Na época, a Comunidade não tinha posto de saúde, e nem dispunha de assistência social que fizesse um estreitamento das relações entre as Escolas, os alunos e os pais.

O prédio aonde funcionava o “Centro das Irmãs Josefinas” foi instituído em 1965, e congregava sete religiosas que moravam nele, sendo o mesmo, conforme já dissemos anteriormente, era mantido pela Paróquia da Catedral de Fortaleza. O prédio era um antigo pavilhão da Ponte Metálica; hoje conhecida como a “Ponte Velha”, onde antes havia funcionado um restaurante que servia de ponto de apoio aos passageiros que estavam à espera de embarque no Porto, que fica na antiga Praia do Peixe. No entanto, por questões políticas, a Escola São Pedro, a

Escola Comandante Fernando Cavalcante, a Escolinha das Irmãs Josefinas, como ficou conhecida, foram desativadas. Porém, antes da Escola Comandante Fernando Cavalcante ser desativada, ela abrigou em suas dependências um pequeno posto de saúde, que posteriormente também foi desativado. Vejamos a voz dos moradores, contando:

Ah! É... Era a quem chamavam: a “Escola das Irmãzinhas”. Era conhecida como a “Escola das Irmãzinhas”, que logo depois, ficou um grupo de voluntários, que a Prefeitura dava o material, mas não fornecia os profissionais, dava algum material, como sobrevida daquela Escola, né? Porque ela (a Prefeitura) nunca a assumiu de fato, né? A das Irmãzinhas eu peguei muito pouco essa época, quando eu peguei já era assim, essa sobrevida via Prefeitura, né? E o Estado também nunca pegou esse gancho lá. Agora essa questão da Escola das Irmãzinhas, eu acho que ali houve pouca briga da Comunidade, sabe? De, dali fazer uma coisa maior, aquela foi uma iniciativa legal, apesar de que é aquela coisa que eu te digo, nunca é como a gente quer, nunca abrangia a clientela, o máximo que a gente queria absorver né? E a gente teve uma relação quando a Prefeitura deu uma sobrevida à Escola, a gente teve uma relação de que, a gente pegava todos esses alunos que quando antes a gente... Teve uma coisa boa que eu vou tentar aqui explicar: a gente pegava alunos com seis, sete anos que nesse tempo a gente ainda a tendia de seis anos, que nunca tinha ido à Escola, que pra gente, quer dizer aquele aluno já entrar com sete anos com uma defasagem em escolaridade, cheio de experiência no meio da rua, mas com uma defasagem de Escola já de dois três anos. Então, passando por lá ele só tinha um pouquinho de adaptação no que é uma Escola, então pra gente é meio sentido, e eles vinham semi-alfabetizados, né? Então, a gente via que esses alunos, quando a gente pegava e fazia distinção de um aluno de sete anos que nunca tinha estudado, que realmente eles tinham mais facilidade, né? Então pra gente era bom porque a gente tinha essa troca, a gente trocava livros, o material excedente que a Escola tinha a gente repassava para eles, cansamos de uma mão lavar a outra; como se diz, né? Por que a gente não queria que a Escola morresse, mais a gente achava as vezes vinha uma ordem governamental oferecida, e pouco a Comunidade fez para ela continuar.

A escola que existia nas proximidades da Comunidade Poço da Draga era apenas a escola que antigamente era chamada de Escolas Reunidas Elvira Pinho, e funcionava na Avenida Aquidabã, número 353. Esta escola foi elevada à categoria de Grupo Escolar em 23 de novembro de 1955, e que, para atender às exigências da Lei 5.692/71 passou a ser denominada Escola de 1º Grau Elvira Pinho no ano de

1975, através do ato de Criação Nº 11.493 de 17/01/1975. A Escola recebeu esse nome em homenagem à figura ilustre da Professora e Abolicionista Cearense Elvira Pinho, que tanto se destacou na luta contra a escravidão e em prol da educação no Ceará. Esta educadora Elvira Pinho ministrava suas aulas do ensino das primeiras letras, utilizando-se, também, dos ensinamentos musicais para lapidar a sensibilidade dos jovens alunos. Conta-se na Comunidade que Dona Elvira Pinho foi professora de Raquel de Queiroz.

Construída em 1975 pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará, a escola Elvira Pinho mereceu prioridade do Governo Iracemista, o Coronel César Cals de Oliveira Filho, sendo inaugurada no dia 15 de Agosto do mesmo ano.

A partir de 1997, com as mudanças ocorridas na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a Escola passou a ser chamada Escola de Ensino Fundamental Elvira Pinho.

Em 2001, com a implantação do Ensino Médio (LDB 9394/96), a Escola passou a ser chamada Escola de Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho.

Atualmente, esta Escola se chama Escola de Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho, situa-se à Rua dos Tabajaras, número 244, na Praia de Iracema, em sede própria. Hoje, a Escola de Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho dispõe de uma sala para a diretoria, uma sala para a secretaria, uma sala para o corpo de professores, uma sala para a biblioteca, uma sala de vídeo, uma sala para o grêmio estudantil (que está desativado), uma cantina, dois banheiros e oito salas de aula, todas com (48 m²) quarenta e oito metros quadrados, e com capacidade de atendimento para quarenta alunos por sala, com a capacidade total nos três turnos de novecentos e sessenta alunos, sendo ocupadas por turmas que vão da 5^a a 8^a séries, tendo também: Turmas do 1^o Ciclo, Turmas de Educação Especial, Turmas

de Educação de Jovens e Adultos, Turmas de Tempo de Avançar e Turmas de 1º Ano do Ensino Médio, e conta com quinhentos e vinte e oito alunos matriculados. Porém, esta Escola no momento passa por sérias dificuldades, conforme nos revelou a sua Coordenadora Pedagógica em entrevista que nos foi cedida em Novembro de 2006, e que segue em anexo.

Em tempo, ao retornarmos à Escola do Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho(E.E.F.M.E.P), para darmos continuidade às nossas pesquisas, no começo do ano letivo de 2007, soubemos que a mesma estava para ser municipalizada, e que os professores estavam sendo transferidos, ou dispensados para procurar outro local para trabalhar. A Coordenadora Pedagógica Sandra Pedrosa nos sugeriu que voltássemos na semana seguinte, pois era o tempo em que ela teria informações mais precisas a nos fornecer. Chegado o momento de retornarmos outra vez à E.E.F.M.E.P, por medida de precaução, fizemos uma ligação telefônica para nos certificarmos do andamento das questões, e ficamos sabendo que a referida Escola já havia sido municipalizada, e que agora ela atendia pelo nome de Escola do Ensino Fundamental São Rafael.

A Escola do Ensino Fundamental São Rafael, que antes funcionava na Rua João Lopes, Centro de Fortaleza, por trás do Paço Municipal, agora passou a funcionar onde antes era a Escola do Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho. Segundo o Secretário, o senhor Maírton Araújo nos informou, ao chegar à Escola do Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho, encontrou-a apenas com 108 alunos matriculados; sendo 54 desses alunos matriculados pela manhã, e 54 alunos matriculados à noite, nos cursos de Educação de Jovens e Adultos, os EJA's. Ainda de acordo com as informações passadas pelo o Secretário da Escola São Rafael, senhor Maírton Araújo, dos 54 alunos matriculados nos EJA's, 09 estão matriculados

no EJA- 1 e 2. Estão matriculados 33 alunos no EJA-3 , e estão matriculados 12 no EJA-4.

Nós também fomos informados pelo Secretário Maírtton Araújo, que a Escola do Ensino Fundamental São Rafael, chega às instalações da Escola do Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho com 270 alunos já matriculados pela manhã, e 221 alunos matriculados à tarde; sendo que a referida Escola funcionava no seu endereço anterior em 10 salas de aula. Observa o Secretário que a escola, ao chegar ao seu novo endereço, tem à sua disposição apenas 08 salas de aula para acomodar os 491 alunos já matriculados, acrescida da demanda local que foi e está sendo instigada a procurar a “nova escola” para se integrar à ela, como forma de ocupar um espaço deixado pela gestão da Escola do Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho, nas palavras do senhor Maírtton Araújo, Secretário da Escola do Ensino Fundamental São Rafael.

No nosso último contato com a Escola do Ensino Fundamental São Rafael, no dia 23 de Março de 2007, o que nos foi dito pelo referido Secretário é que a atual gestão ainda está tentando se situar no seu novo endereço, nas suas novas dependências, e nas suas novas condições.

Vejamos os espaços da nova escola, em seus possíveis:



Hora do recreio na Escola São Rafael, a professora de Educação Física tenta colocar ordem na brincadeira da meninada.



Na hora do recreio na Escola São Rafael, são poucas bolas para muitos alunos.



Os alunos jogando futebol na quadra da Escola São Rafael.



“Logo no primeiro dia de aula, os “grupinhos” já começam se formar”. Comenta uma funcionária da Escola São Rafael”.



Os alunos se divertem na quadra no primeiro dia de aula(26/03/2007), na Escol São Rafael, ex- Elvira Pinho.



Os alunos em duplas ou em grupos maiores, curtindo o primeiro dia de aula na “nova” Escola São Rafael; ex-Elvira Pinho.



Vista interna da Escola de Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho.



A meninada no primeiro dia de aula (26/03/2007) na Escola São Rafael; ex-Elvira Pinho,



Faixa do muro da Escola de Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho.



Muro, portões e faixa na frente da Escola de Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho



Vista interna da Escola de Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho.



Muro, portões, faixa e pedestre na frente da Escola de Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho em Fevereiro de 2006.



Visão aérea (I) da quadra de esporte da Escola de Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho.



Visão aérea (II) da quadra de esporte da Escola de Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho.



Arquivo de pastas na Secretaria da Escola de Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho.



Quadro de chaves e espanadores da Escola de Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho.

Ao conversarmos com moradores da Comunidade Poço da Draga, em dado momento perguntamos se a Comunidade mudou muito da época das Irmãs Josefinas para cá, com a escola agora chamada São Rafael:

“Mudou. Com certeza mudou muito, muito mesmo, porque as mães foram tendo filhos, e aí os filhos foram crescendo, foram tendo outras cabeças, né? Mas era todo mundo tipo família aqui né? Que o povo aqui é assim, como se fosse família, né? Tem os seus arranhões, mas aí, toda Comunidade tem; e aqui como tem muito menino, é assim né? É bom, as pessoas são muito, é... Amigas, ajudam sabe? E é muito boa a Comunidade”.

Parece que há a reprodução e a resistência em cada ato mínimo da vida: há a esperança que forja o novo, sempre, matéria-prima da arte.

CAPÍTULO IV

5.1 CENÁRIO: A CASA

Há bem pouco tempo atrás, as mansões, as casas ou os barracos, eram os locais habitáveis que tinham nas portas e janelas suas zonas de fronteiras entre o dentro e o fora: espaços que colavam em um só corpo a morada e a rua.



Mercadinho do Sr. Carlos com o seu jardim suspenso, tendo na entrada um vaso com a planta: “comigo ninguém pode” para ‘espantar’ a inveja alheia.



O Jardim suspenso da Draga.

Hoje, estas zonas de fronteiras são delimitadas pelo uso dos muros, das grades, das cercas elétricas, dos muros com pedaços de vidro na parte superior, que são demarcações sociais, estabelecendo, estratificando e pontuando as divisões que a classe social que se fez dominante impõe. A especulação imobiliária, por sua vez, faz existir e alimenta, tais como canta o cantor e compositor Zé Geraldo na música Cidadão:

“Tá vendo aquele edifício moço? Ajudei a levantar. Foi um tempo de aflição, eram quatro condução, duas pra ir, duas pra voltar. Hoje depois dele pronto, olho pra cima e fico tonto, mas me chega um cidadão, e me diz desconfiado: tu ta aí admirado, ou ta querendo roubar? Meu domingo ta perdido, vou pra casa entristecido, dá vontade de beber. E pra aumentar o meu tédio, eu nem posso olhar pro prédio que eu ajudei a fazer”



Casa da Dona Angelúcia Queiroga na Rua Deputado Moreira da Rocha.



Casa da Dona Valda na Rua Deputado Moreira da Rocha, com dois pavimentos, grades de ferro para maior segurança, e cerâmica em toda fachada.



Casa da Dona Ivoneide e suas grades de segurança na Rua Deputado Moreira da Rocha.



Casa da Dona Hiolanda; a vibração da cor laranja contrasta com sacos plásticos colocados sobre as grades de ferro que protegem a casa das chuvas.

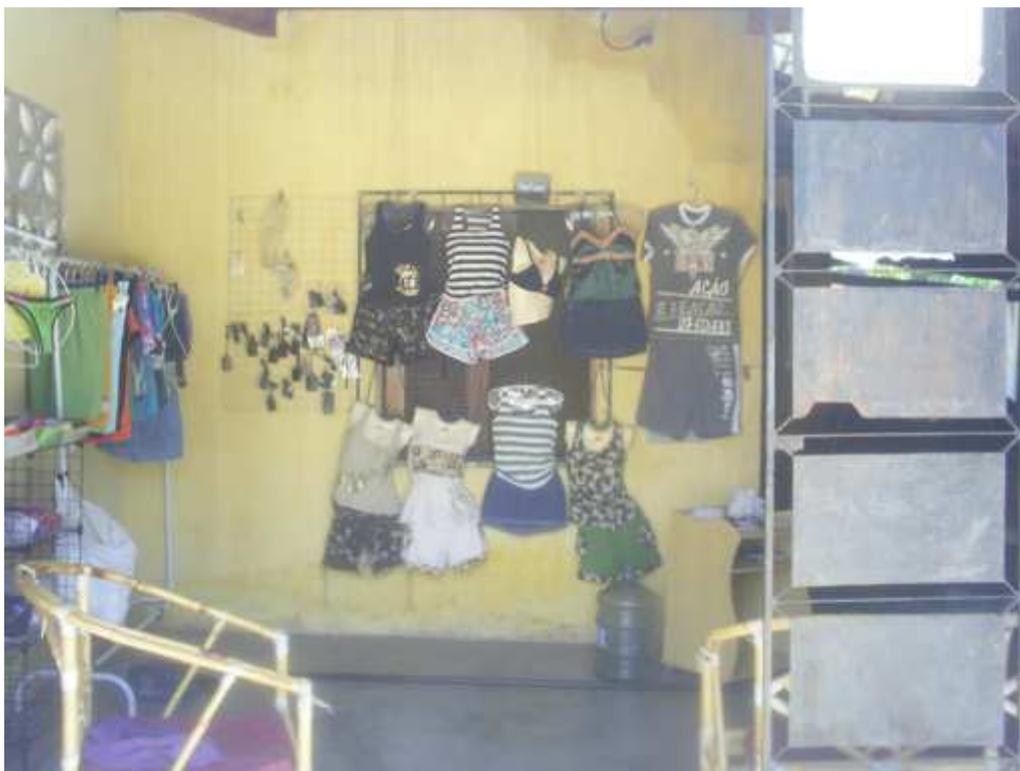
A morada, este ancoradouro que nos serve como o principal espaço de armazenamento das nossas conquistas pessoais, também nos serve como quartel general em defesa da nossa cidadania, enquanto conquista coletiva, pois ter residência fixa no Brasil, hoje, é parte constituinte do ser cidadão. Sem esta condição de moradia, todos estarão sujeitos à não inserção no contexto social como cidadãos dignos. Portanto, a casa, esta categoria sociológica, é uma espécie de “templo sagrado” dos direitos do cidadão. Em conformidade com os estudos de Luiz Tadeu Feitosa (1998):

A luta pelo espaço urbano é para as camadas populares busca de um lugar na pirâmide social, estratificada –nesse aspecto- sob a forma de edificações. O sistema imobiliário, herdado pelo capitalismo, hierarquizou o espaço, ao ponto de ele ter-se tornado condicionante das características socioculturais dos indivíduos. Assim, se conhece e classifica-se um indivíduo pelo lugar onde ele mora e pelas condições de sua morada (FEITOSA, 1998, p.113).

A casa própria para as pessoas das camadas populares –e aqui, ajustamos o foco em direção ao nosso objeto de investigação-, torna-se hoje, além do abrigo, a senha que dá acesso à busca da inserção no contexto social; pois, ainda nas palavras de Feitosa(1998):”a luta pelo espaço, materializada no sonho da casa própria, é o que torna dinâmica a vida na favela”. O que na nossa visão, com base nas observações por nós feitas, e nos depoimentos dos sujeitos entrevistados, aplica-se, adequadamente, aos moradores da Comunidade Poço da Draga, pois lá, há mais de meio século, os moradores lutam pelo direito legítimo de moradia digna.

Para os moradores desta Comunidade, ter a casa própria, reconhecida em lei, significa estar protegido contra as investidas dos poderes estadual, municipal, e das forças imobiliárias particulares que investem com violência na tentativa da conquista deste espaço geo-social. Inclusive,

observa-se que nas classes empobrecidas, o lugar de morada é também possibilidade de se viabilizar trabalho:



Uma das “Lojas Caseiras” existentes na Comunidade Poço da Draga.

Como o modo de operar deste processo de conquista é a usurpação, estes poderes tratam de imprimir nos moradores, suas vítimas futuras, os preceitos no que Feitosa (1998) chama de cartilhas de “bons modos” e bons costumes, e passam a alterar suas referências simbólicas, presentes nos modos pessoais como a Comunidade se constitui, trocando essas mesmas referências simbólicas, pelos modelos da ordem social vigente, dentro das referências dos poderes dominantes. Isto leva a uma descaracterização signífica que cada vez mais enfraquece o processo de resistência da luta pelo espaço geo-político enquanto Comunidade, pois gera uma apartação entre os que circunstancialmente têm alguma coisa material, e os que efetivamente não têm nada, além da esperança e da necessidade de ter algo. Isto leva a Comunidade

a mudar o seu perfil original e leva seus moradores a se fragilizarem, diminuindo a força motriz de resistência a estas investidas dos poderes dominantes. Nas palavras de Feitosa (1998):

Erguem os símbolos arquitetônicos, e adereços domiciliares –como as casas de fachadas e grades nas janelas, as cores das fachadas e os utensílios ostentados- como senha para pertencer a um espaço pretendido por todos. Finge-se, através dos artifícios simbólicos, pertencer a um mundo que não é o seu. Busca-se uma ascensão social fictícia (FEITOSA, 1998, p.117).

Este jogo estratégico e perverso é que alimenta a apartação (aqui, uma espécie de segregação da segregação) no interior da própria Comunidade que faz existir uma favelização na Comunidade Poço da Draga, gerando ilusões de supremacia em parte dos seus moradores, ao ponto de lhes impregnar falsas noções de estratificações sociais. Novamente nas palavras de Feitosa (1998):

Em relação às favelas e, mais particularmente, à Favela Poço da Draga, também nesta há as estratificações sociais provocadas pela hierarquia do espaço da favela. Existe uma favela dentro da outra, ambas com suas simbologias espaciais. Há o espaço das boas edificações, com ruas medianamente largas e habitadas pelos moradores mais antigos e cujas habitações são avaliadas em níveis compatíveis com o sistema imobiliário vigente no restante da cidade; e há o espaço dos barracos e tapumes, erguidos precariamente em becos estreitos, e em meio ao lamaçal do mangue situado nos fundos da favela e habitados pelos imigrantes de outras áreas desapropriadas(FEITOSA, 1998, p.116).

As cruéis ações dos poderes oficiais e da espoliação imobiliária, são uma espécie de “areia movediça” que uma vez dentro, é muito difícil escapar. Estas ações, sequer poupam os desafortunados de serem vítimas de suas garras violentas, e lhes tomam o pouco que têm, levando-os à condenação da miséria perpétua, através dos seus eternos desejos de ascensão social, e da perenização da busca incansável por melhorias. Isto lhes proporcionam uma espécie de “batalha simbólica”, que os lançam uns contra os outros, fazendo existir o que Feitosa (1998)

denominou de “legião de miseráveis”, e que passam a ter uma condição existencial sub-humana e desarmônica entre si, conforme outra vez nos diz o referido autor:

Há na Favela da Draga uma favela dentro da outra. No pequeno espaço existente entre as moradias antigas e os paredões dos estaleiros navais – área permanentemente alagada pelas subidas das marés e aterro sanitário da própria favela – situa-se a legião de miseráveis, ocupantes de barracos de tábuas e papelão, a maioria provenientes de outras favelas demolidas. Conscientes dessa estratificação social, ambas as favelas se auto-denominam de “a aldeota” (referência a um dos bairros nobres da cidade) e o “papouco” (referência a lugares paupérrimos, cujas convivências se dá com muitas brigas e confusões, fazendo jus ao codinome, que quer dizer, em sua acepção nordestina, “estrondo”) (FEITOSA, 1998, p.143).

É assim que se dá a segregação da segregação, onde aqueles que apanham aprendem, também, a bater; só que apanham dos “desiguais”(dos grandes), e batem em seus “semelhantes”(nos pequenos). Estas ações levam à efetivação da disputa interna na própria Comunidade, onde determinadas áreas se tornam acessíveis a uns e inacessíveis a outros o mesmo tipo de atitude existente nas chamadas áreas nobres das cidades.

Em consequência destas demarcações de fronteiras, é que surgem os espaços periféricos e suas zonas de tensões, pois é nestes espaços que passam a existir os maiores índices de baixas escolaridades, de desempregos, de pequenos salários, da ausência de infra-estrutura urbana e de toda uma falta de cuidados sociais.

As pessoas que estão expostas a estas condições de vida, excetuando-se as que fazem o uso do “jeitinho esperto de ser”, são cotidianamente “tangidas” em direção à não visibilidade social. Encobertas por uma ‘zona escura’, as pessoas moradoras das periferias são, geralmente, vistas como sinônimo de violência; violência, no seu sentido ativo, enquanto causadoras e não no sentido passivo, enquanto vítimas de um determinado contexto social, que é o que de fato acontece, pelo menos na origem constituidora destas demarcações de fronteiras sociais que

proporcionam a existência dos chamados espaços periféricos. O que na visão de Feitosa(1998), é parte integrante do jogo de conquista do poder espoliador:

A visão estigmatizada das periferias e mais particularmente das favelas como sendo espaços de violência, de decadência moral ou de alta periculosidade faz parte do jogo do poder urbano e suas variáveis como forma de continuar explorando as fragilidades dos lados espoliados. Assim, o espaço periférico dos centros urbanos vive sob o estigma da violência em suas múltiplas faces. Ao associar o crime e a violência às categorias desprestigiadas, o poder urbano livra-se do incômodo de ver suas ações como violentação às liberdades sociais e humanas. Esta violentação se apresenta sob a forma de políticas urbanas inadequadas, as quais demandam uma série de desmandos como as remoções, as especulações imobiliárias e as demolições, cujas explicações quase sempre deixam a desejar(FEITOSA, 1998, p.118).

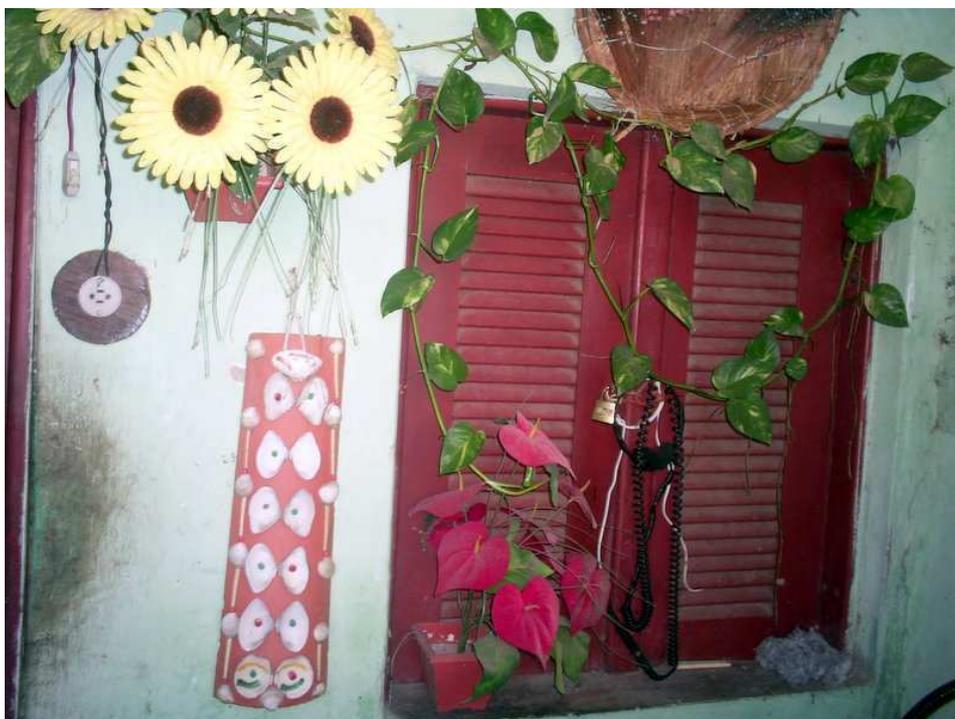
5.2 A Casa para as pessoas pobres é o porto seguro da família

Ao aproximarmos-nos mais do foco imagético da pesquisa, na Comunidade Poço da Draga, vimos que existem moradas de diversos tipos: há casas de alvenaria, casebres de taipa e têm barracos feitos com materiais diversos, tais como: papelão, madeira, tecido, metal, plástico, etc. Observar participativamente a vida da Comunidade Poço da Draga é realizar uma viagem metafórica dentro de suas representações sígnicas construídas e expressas nas construções arquitetônicas, suas varandas, nas suas mobílias, nos eletrodomésticos, nos modos de vestir e nos seus jeitos de ser, que são frutos ora de suas iniciativas criadoras, ora das tentativas de reprodução dos valores da classe dominante vigente, que a mantém sob vigília constante.

Podemos ver, também, uma micro-estética do cotidiano por todos os cantos da casa:



Detalhe da decoração da varanda da casa da Dona Angelúcia Queiroga, na Rua Deputado Moreira da Rocha na Comunidade Poço da Draga.



Detalhe da decoração da varanda da casa da Dona Angelúcia Queiroga, na Rua Deputado Moreira da Rocha na Comunidade Poço da Draga.



Dona Geraldina Pereira da Costa (82 anos) a moradora mais antiga da Comunidade Poço da Draga, enfrente a sua casa.



Detalhe da entrada da casa da Dona Geraldina Pereira da Costa.



Detalhe da decoração externa da casa da Dona Geraldina Pereira da Costa.



Detalhe da decoração externa da casa da Dona Geraldina Pereira da Costa.



Detalhe da entrada da casa da Dona Geraldina Pereira da Costa.



Decoração na sala da Dona Geraldina Pereira da Costa: a Bíblia sobre uma toalha de crochê, em um móvel estilo colonial, tendo um espelho em forma de pentágono acima, um porta CD's onde fica o telefone, uma cadeira estilo colonial com almofada de crochê, e duas telas pintadas por um artista da Comunidade.



Detalhe da decoração da sala da Dona Geraldina Pereira da Costa.

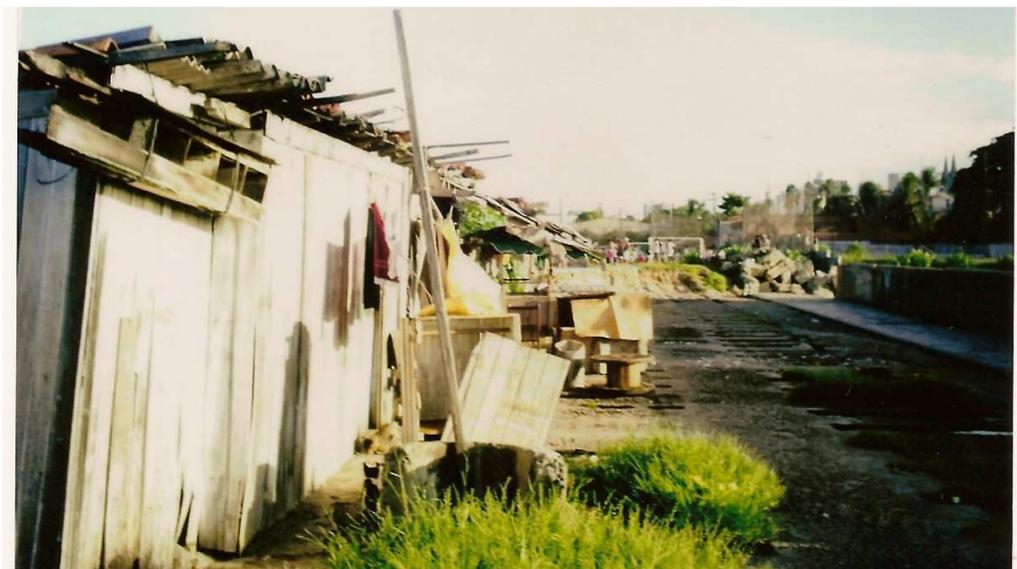


Detalhe da decoração da sala da Dona Geraldina Pereira da Costa: a Bíblia sobre uma toalha de crochê, sobre móvel estilo colonial, tendo um espelho em forma de pentágono acima, e embaixo um vidro contendo sal grosso para afastar o mal olhado.

A discrepância entre estas moradias (casa, casebres e barracos), ao longo da história da Comunidade da Draga foi sendo acentuada, pois a Comunidade cresceu nos últimos cinquenta anos, gerando a sua própria “favelização”. Deste modo é que este processo de favelização divide o território do Poço da Draga em três partes, onde a primeira parte delas está situada em uma área que apresenta melhores condições estruturais, e que tem as melhores edificações: as casas. A segunda parte é aonde existem os casebres, e é composta de pequenos e estreitos becos: compõe a maioria da Comunidade; muito embora, seja de pouca visibilidade, de certo modo, a Comunidade, por alguma razão, faça um tipo de “omissão” desta realidade. A terceira parte é onde ficam os excluídos entre os excluídos, ou os segregados dentro da segregação, que são os barracos feitos de papelão, madeira, tecido, metal, plástico, etc., revestidos com extrema má sorte, existentes nos “fundos da Comunidade”. Por “fundos da Comunidade”, nós devemos entender aqui os locais situados na pior parte da referida Comunidade, que são constantemente inundados pelas marés de miséria que corre a céu aberto nos esgotos que cruzam em várias direções dentro da Comunidade, onde as ações sociais não fazem visitas com frequência. Seriam então, esses locais, o “fundo do Poço”?

CAPÍTULO V

6.1 CENÁRIO: A RUA



O Barraco da Dona Alzira sobre a Ponte Velha(Ponte Metálica), local onde tem início a Rua Deputado Moreira da Rocha, e começa a Comunidade Poço da Draga.

Na Comunidade Poço da Draga, a rigor, existem apenas dois espaços de passagem que podem (e devem) ser chamados de: ruas. É a Rua Viaduto Moreira da Rocha, que nasce na antiga Praia do Peixe, ou mais precisamente, na Ponte Metálica, tendo no barraco da Dona Alzira a sua primeira “residência”, e prossegue cruzando a Comunidade de um lado ao outro, até “morrer” no asfalto da Avenida Pessoa Anta. A outra rua é a do trilho, que tem sentido perpendicular, porém, ao se encontrar com a Moreira da Rocha, forma uma bifurcação que “corta” a Comunidade de uma ponta a outra, criando suas ramificações. Embicados a estas duas ruas em uma complexa teia, encontram-se muitos becos, locais dos casebres e trechos que dão acesso aos barracos que ficam “incrustados” nos fundos da Comunidade.

São ruas e becos sem pavimentação, sem esgotos e sem vestígios do cuidado que o poder público lhes deve, a não ser pela presença de alguns postes de iluminação pública e algumas ligações de água feita pela Companhia de Água e Esgoto do Ceará – Cagece, tudo o mais são improvisos em uma urbanização precária.



Corre a céu aberto, um “rio de lama” dentro da Comunidade Poço da Draga.

Das duas ruas, a única que é transitável por automóvel, de uma ponta à outra, é a Moreira da Rocha. A rua do trilho, em mais de um ponto não permite passagem de carros. Mesmo a Moreira da Rocha é de uma largura que permite apenas passagem de um carro pequeno de cada vez, na maior parte de toda a sua extensão, o que serve como álibi para as poucas visitas dos caminhões que colhem o lixo na Comunidade do Poço da Draga.

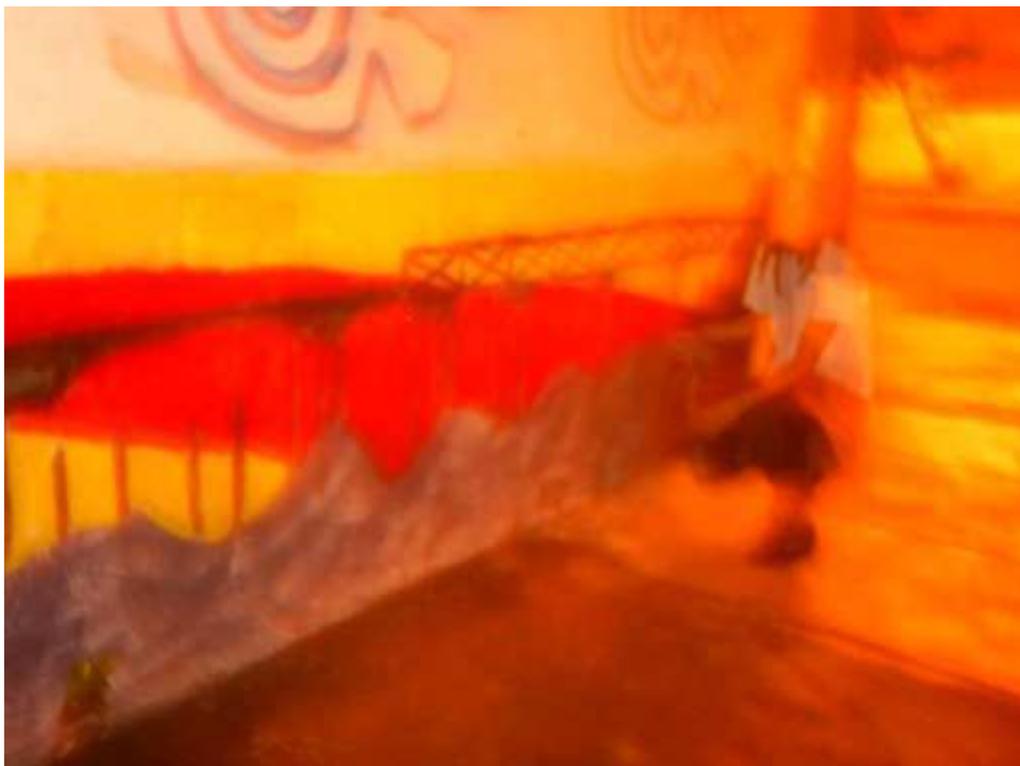
Sinalizando as ruas, vemos os grafites nos muros:



Grafite do grafiteiro "Doglas" na Rua do Trilho na Comunidade Poço da Draga.



Grafite do grafiteiro "Doglas" na Rua do Trilho na Comunidade (Detalhe).



O grafiteiro Ticiano Álvares trabalhando em um muro do Poço da Draga (I).



O grafiteiro Ticiano Álvares trabalhando em um muro do Poço da Draga (II).



O grafiteiro Ticiano Álvares trabalhando em um muro na Praia de Iracema (III).



O grafiteiro Ticiano Álvares trabalhando na Praia de Iracema, enquanto isso uma galera olha e curte o trabalho do artista.



Cada um com o seu cada qual: enquanto Ticiano Álvares trabalhava grafitando, um catador de lixo passava enfrente ao local.



O grafiteiro Ticiano Álvares trabalhando na Praia de Iracema (detalhe).



A galera que estava olhando o grafiteiro Ticiano Álvares trabalhar pede para ser fotografada com o artista.



O grafiteiro Ticiano Álvares trabalhando na Praia de Iracema na companhia do gari Renato Soares de Souza (I).



O grafiteiro Ticiano Álvares trabalhando na Praia de Iracema na companhia do gari Renato Soares de Souza (II).



O grafiteiro Ticiano Álvares atendendo ao pedido do gari Renato Soares de Souza para grafitar o "carro" dele.



Ticiano Álvares e o gari Renato Soares de Souza trabalhando juntos no grafite do “carro” do Renato Soares de Sousa.



O “Gari” Renato Soares de Souza e o seu “carro” grafitado por Ticiano Álvares.



O "Gari" Renato Soares de Souza e o seu "carro" grafitado por Ticiano Álvares.



Grafite do Ticiano Álvares no “carro” do Gari Renato Soares de Souza.

Logo no encontro das ruas (na bifurcação), há um contêiner apropriado à coleta do lixo produzido pela Comunidade . Porém, não é raro se ver lixo jogado nas ruas e becos da Comunidade Poço da Draga. Ao se conversar com os moradores, as opiniões divergem. Uns dizem que jogam o lixo nas ruas, ou nos becos, porque não têm onde jogá-lo. Outros dizem que sabem do contêiner, mas dizem que ele fica do lado de lá da Comunidade (isto é parte da segregação existente dentro da Comunidade), e não é para o uso deles. Como eles não têm onde colocar o seu lixo, colocam-no nas ruas, ou nos becos mesmo, até que a limpeza pública tome de conta! A este respeito, Roberto Damatta (1997), nos diz que:

Em casa somos todos, conforme tenho dito, “supercidadãos”. Mas e na rua? Bem, aqui passamos sempre por indivíduos anônimos e desgarrados, somos quase sempre maltratados pelas chamadas “autoridades” e não temos nem paz, nem voz. Somos rigorosamente “subcidadãos” e não será exagero observar que, por causa disso, nosso comportamento na rua (e nas coisas públicas que ela necessariamente encerra) é igualmente negativa. Jogamos o lixo para fora de nossa calçada, portas e janelas; não obedecemos às regras de trânsito, somos até mesmo capazes de depredar a coisa comum, utilizando aquele célebre e não analisado argumento segundo o qual tudo que fica fora de nossa casa é um “problema do governo”! Na rua a vergonha da desordem não é mais nossa, mas do Estado. Limpamos ritualmente a casa e sujamos a rua sem cerimônia ou pejo... Não somos efetivamente capazes de projetar a casa na rua de modo sistemático e coerente, a não ser quando recriamos no espaço público o mesmo ambiente caseiro e familiar (DAMATTA, 1997, p.20).

O espaço habitado por uma nação, por uma cidade, ou mesmo por uma comunidade, é uma dimensão social que não existe apartado e individualizado dos sujeitos que nele habitam, existindo sempre simbolicamente, fundido, acoplado, impregnado, colado ao corpo e à alma dos que dele fazem parte. O espaço habitado por um povo tem a cara deste mesmo povo.



Detalhe do grafite de Ticiano Álvares na Praia de Iracema.



Detalhe do grafite de Ticiano Álvares na Praia de Iracema.



O "Gari" Renato Soares de Souza trabalhando enfrente ao grafite do Ticiano Álvares na Praia de Iracema.



Grafite de Ticiano Álvares na Praia de Iracema.

6.2 A Rua é a morada transitória de todos

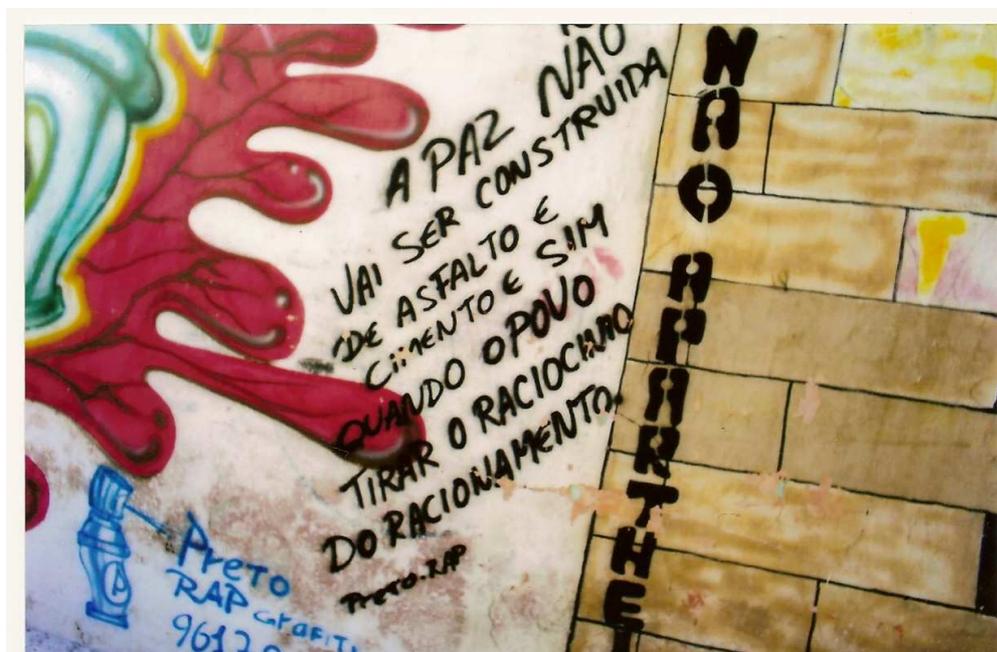


O Folião Edilberto Sousa Lima e sua bicicleta carnavalesca chegando ao Poço da Draga para o carnaval

Na Comunidade Poço da Draga, isto não é diferente; o espaço também tem o “jeito” das pessoas que nele vivem. Ele é irregular em sua forma geográfica, assim como as pessoas que o habitam são em suas formas geo-políticas. Ele é desordenado em sua constituição estrutural, assim como a maioria das famílias que lá moram se perdem em sua condição social. Muitas são as semelhanças entre o espaço físico do Poço da Draga e as pessoas que nele residem.

Mas, dentro desta Comunidade, como já foi dito, existe uma segregação que gerou a existência de uma favelização e de uma parte dela, criando distinções e diferenças complementares, que são melhores compreendidas através dos modos como a referida Comunidade foi e é constituída. Assim é que se vê espaços demarcados, como “zonas de fronteira”, que separam um pedaço de chão do outro,

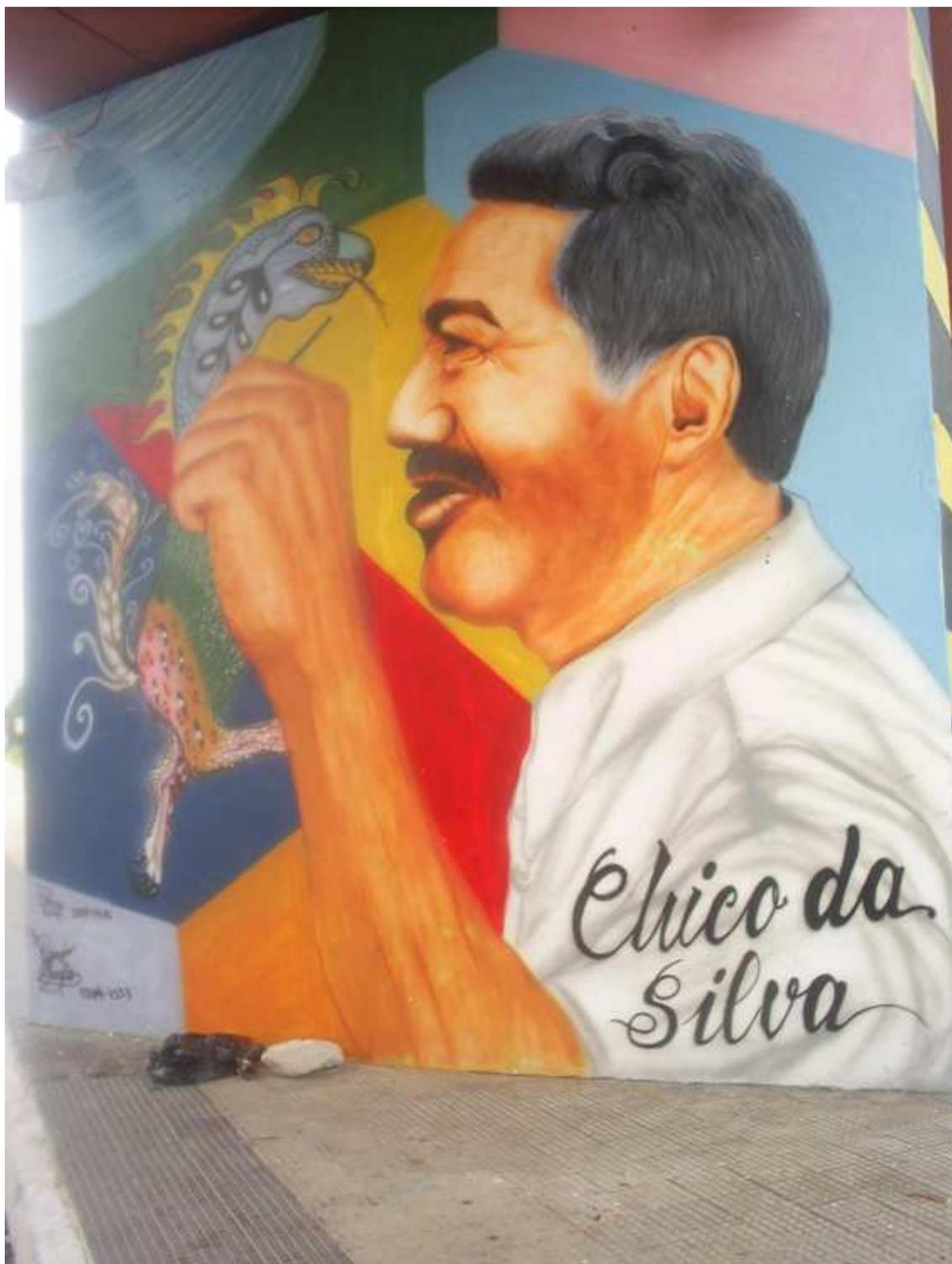
e que são usados como alicerces que servem para sustentar as paredes, paredes que separam uma morada da outra, como se separassem o osso da carne e a carne do espírito que dá vida a essa Comunidade.



Grafite do grafiteiro Preto Rap feito em um muro na Av. Leste-Oeste.



Grafite do Preto Rap no viaduto na Leste Oeste, enfrente ao Marina Park Hotel.



Grafite do Preto Rap no viaduto na Leste Oeste, enfrente ao Marina Park Hotel.



Grafite do Preto Rap no viaduto na Leste Oeste, enfrente ao Marina Park Hotel.



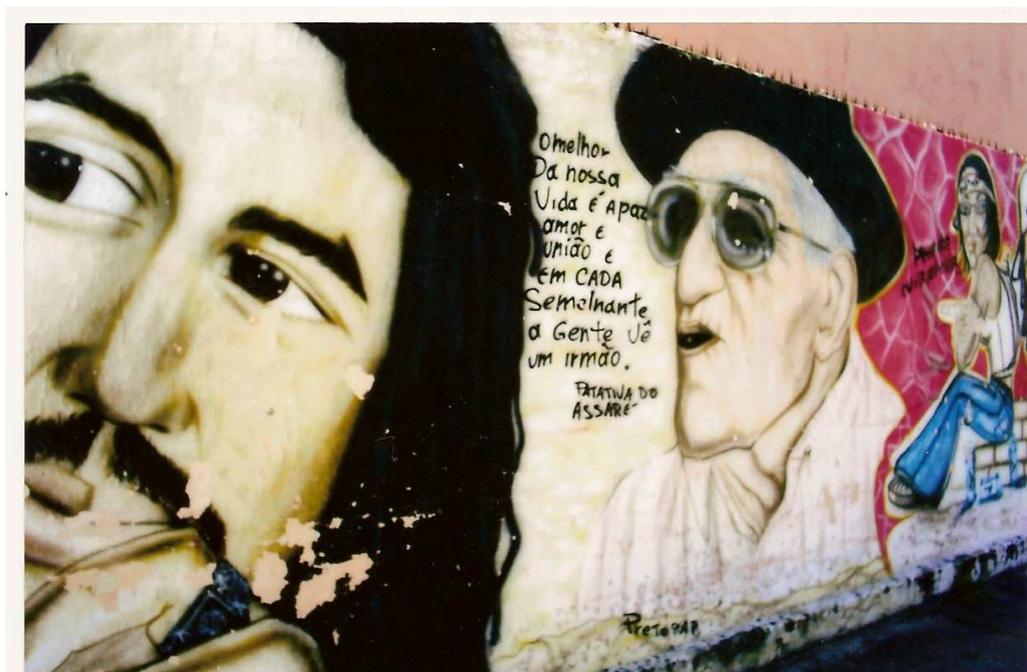
Grafite do Preto Rap no viaduto na Leste Oeste, enfrente ao Marina Park Hotel.



Grafite do Preto Rap no viaduto na Leste Oeste, enfrente ao Marina Park Hotel.



Grafite do grafiteiro Preto Rap, realizado em um muro na Avenida Leste-Oeste.



Graffiti do Preto Rap na Av. Leste-Oeste, onde Patativa do Assaré dialoga com Che Guevara, em uma conversa do tipo “pé de orelha”.



Graffiti do grafiteiro Preto Rap feito em um muro na Av. Leste-Oeste.



Grafite do Preto Rap no viaduto na Leste Oeste, enfrente ao Marina Park Hotel.

As ruas, esta rede de relações sígnicas entre as casas e os nossos destinos e que são transformadas dentro do tempo subjetivo de nossas existências nas moradas transitórias de todos nós, abrigando a efemeridade dos instantes, arquivam em sua memória as marcas dos passantes que nelas pisam, caminham e as habitam circunstancialmente, fazendo nelas os desenhos de suas vidas. As ruas têm sua gramática própria. Nelas, os textos culturais (modos, mitos, costumes, crenças, tradições, etc.) das pessoas que as habitam, ainda que de modo transitório, são mostrados cotidianamente, transformando-as em vitrines vivas e mutáveis dentro do contexto social de cada lugar.

No bojo destas acepções, o espaço físico das ruas, dos becos, e da ordem social, conecta sua representação sígnica. Nas palavras de Roberto Damatta (1997): "sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido". Na Comunidade Poço da

Draga a rede de relações sociais e de valores, implantou, desde a origem desta Comunidade, a concepção de que nela tudo é muito efêmero, temporário e de pouco (ou nenhum) valor, em termos de tempo e de espaço.

Logo na década de 1940, foi tirada de si a sua maior fonte de sustento: o ancoradouro de navios, barcos, alvarengas e rebocadores que fomentavam financeiramente esta Comunidade e dava vida às ruas locais.

Esta Comunidade nasceu com a sensação de que não se pertencia, enquanto espaço físico, e para que fosse “removida”, era apenas uma questão de tempo. Logo, tudo que nela foi (e ainda é) construído, feito, edificado, tem um caráter transitório. Toda esta desapropriação é realizada no tempo e no espaço circunscrito nas ruas e nos becos, que são as veias e artérias desta Comunidade. São pelas ruas e becos da Comunidade Poço da Draga que o poder e a miséria entram, transitam e se instalam nas casas, nos casebres e nos barracos. Nas casas que ficam nas ruas existentes na Comunidade, o poder se faz representar nas fachadas cobertas com cerâmicas, nas pinturas feitas com tintas de marcas boas, laváveis, resistentes e nas mesmas cores usadas nas ruas dos bairros nobres da cidade de Fortaleza. O poder também se faz presente nas portas e janelas feitas com armações de ferro e vidro, tais quais os vitrais existentes nas catedrais góticas, usados como iluminação, ventilação, comunicação dos símbolos religiosos e representação do poder da igreja cristã e do império romano. O poder também é encontrado nas grades de proteção e nos muros colocados nas frentes das casas ou em cães de raça que ladram assim que alguém chega da rua e se aproxima das portas das casas ou nos gatos peludos que vivem deitados sobre os sofás nas salas.



Posando para foto: “Cachorro de balaio”, ou cão de guarda?

Já nos casebres e nos barracos que ficam nos becos, a miséria é a decoração estampada nas “paredes externas e internas”, nas “mobílias”, nos “eletrodomésticos”, bem como nas caras e barrigas dos que neles vivem. A “segurança” é composta por uns pedaços de madeira, ferro ou outras coisas quaisquer que ficam encostados nas portas e janelas. Neste quadro também se vê um cão vira latas que circula de um lado ao outro do barraco, coçando-se, tentando fugir das pulgas e buscando alguma coisa para comer. E o imaginário dos grafiteiros por sobre os muros, desenhando um mundo:

Os textos sígnicos que formam as ruas e becos da citada Comunidade são compostos por uma gramática espacial e temporal extremamente oposta, confusa e contraditória, o que, de certa forma, não permite que a Comunidade tenha uma articulação social que lhe possibilite conquistar melhorias coletivas amplas, tais como: pavimentação, esgoto, postos médico, água encanada, etc. Em conformidade com Damatta (1997):

Mas o fato é que tempo e espaço precisam, para serem concretizados e sentidos como “coisas”, de um sistema de contrastes. Cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir como um todo articulado, e isso depende fundamentalmente de atividades que se ordenam também em oposições diferenciadas, permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização. (...) Assim é que cada sociedade ordena aquele conjunto de vivências que é socialmente provado e deve ser sempre lembrado como parte e parcela do seu patrimônio -como os mitos e narrativas-, daquelas experiências que não devem ser acionadas pela memória, mas que evidentemente coexistem com as outras de modo implícito, oculto, inconscientemente, exercendo também uma forma complexa de pressão sobre todo o sistema cultural (DAMATTA, 1997, p.36,37).

O tempo e o espaço parecem transcorrer de forma lenta no dia-a-dia do Poço da Draga, fazendo de suas ações ordinárias acontecidas no espaço algo que parece estar congelado no tempo. Este ritmo somente é “quebrado”, quando acontecem as festas, verdadeiros rituais que alteram a dinâmica local. Nestas ocasiões, ruas, becos, casas, casebres e barracos incorporam o senso comunitário, e se tornam partes integrantes da festa. O espaço particular passa a ser “colado” ao espaço coletivo, o *meu* cede, temporariamente, lugar ao *nosso*.



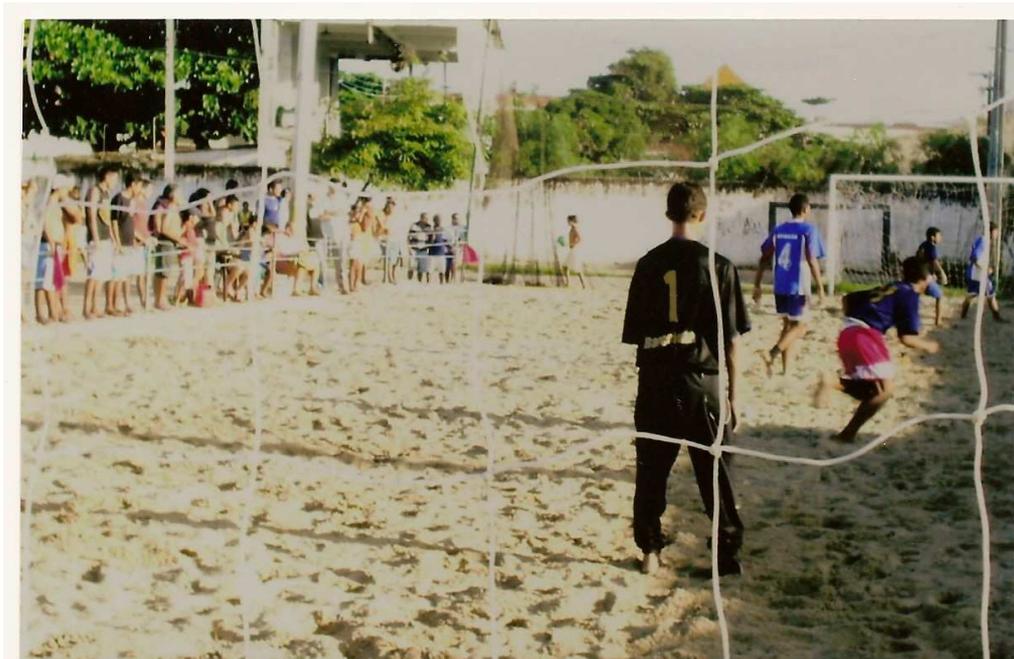
Nas Ruas da Comunidade Poço da Draga, as crianças brincam com “armas” feitas com pedaços de madeira, um pegador de roupas, um pedaço de elástico, e uma tampa de refrigerante (1).



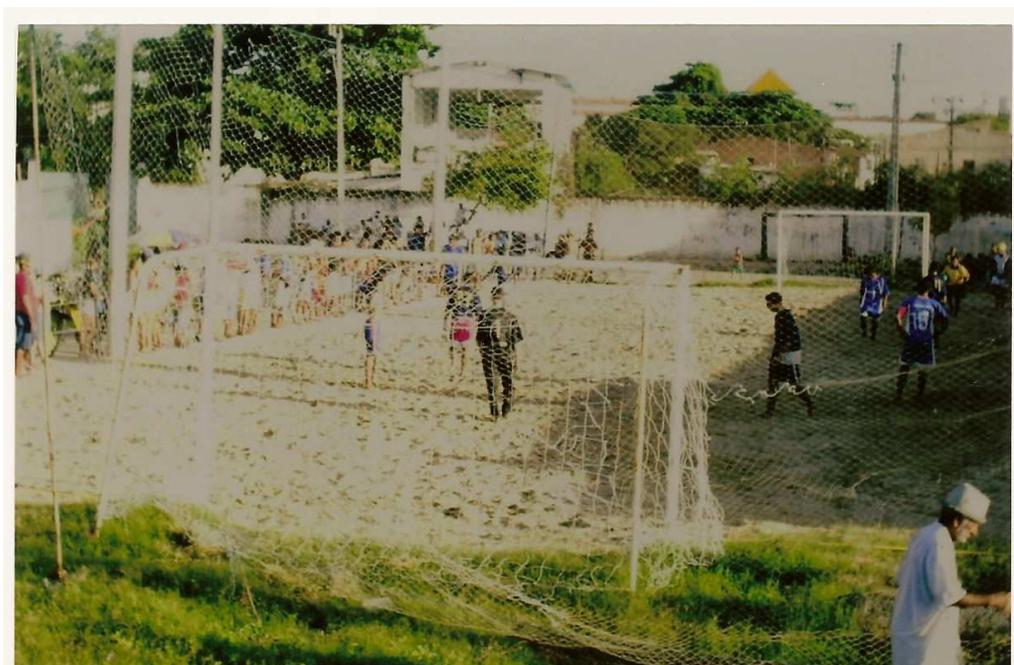
As crianças Moradoras da Comunidade da Draga e suas armas feitas de madeira, elástico, pregador de roupa e tampa de refrigerante. Da direita para a esquerda os irmãos: Rian Cosmo de Lima; Juan Cosmo de Lima e Darlan Pedro Cosmo de Lima.



A Comunidade prestigiando “o time da casa” em um campeonato realizado no 1º de Maio de 2006, em homenagem ao dia do trabalhador.



O goleiro do se adianta para observar melhor o ataque do seu time durante uma partida de futebol realizada no campo da Comunidade no dia 1º de Maio de 2006.



Os Moradores da Comunidade Poço da Draga disputando um campeonato de Futebol no campo da Comunidade no dia 1º de Maio de 2006.



As ruas e suas estéticas próprias para a festa do carnaval/2006 na Draga (I).



As Ruas e suas estéticas próprias para a festa do carnaval/2006 da Draga (II).



Raiane(10 anos); Jeovana(09 anos); Isabele(10 anos) e Evaniele(10 anos) brincando no sábado de carnaval/2006 na Comunidade Poço da Draga.



Evaniele(10 anos); Raiane(10 anos); Isabele(10 anos); Daniele(08 anos); Jeovana(09 anos) e Luana(09 anos) brincando no sábado de carnaval/2006 na Comunidade Poço da Draga.



Carnaval na Rua do Trilho no Poço da Draga; um trem de alegria cruza a Comunidade.



Isolados ou em grupo a diversão se faz presente no carnaval do Poço da Draga.



Ovos, Maizena e Carvão “temperam” o carnaval no Poço da Draga.



Concentração para iniciar o mela-mela do carnaval/2006 no Poço da Draga.



Um grupo de Moradores sob o jato de espuma no carnaval do Poço da Draga.



Crianças, jovens ou adultos, todos se divertem no carnaval do Poço da Draga.



Isolados ou em grupo, movidos a água ou a aguardente, a diversão se faz presente no carnaval do Poço da Draga.



Nem o “carro do pão” escapa dos foliões no carnaval/2006 do Poço da Draga.



A "Galera" faz pose para foto no carnaval/2006 do Poço da Draga.



A meninada usando máscaras, tinta no rosto e adornos durante o carnaval no Poço da Draga (I).



A meninada usando máscaras, tinta no rosto e adornos durante o carnaval no Poço da Draga (II).



Nem os bebês escapam à folia durante o carnaval/2006 no Poço da Draga.



Dona Rocilda recebe a visita do grupo de meninos mascarados durante o entrudo.



Qualquer coisa se torna sinônimo de alegria no carnaval do Poço da Draga.



Alegria compartilhada em grupo no carnaval/2006 do Poço da Draga.



Carnaval na Rua do Trilho no Poço da Draga; por onde o trem da alegria passa...



À espera do “trem elétrico”, que leve os seus destinos rumo à alegria, os foliões brincam sobre os antigos trilhos no Poço da Draga.



Carnaval do Poço da Draga é só alegria, todos cantam e dançam em harmonia.



Sede da Associação dos Moradores do Poço da Draga (AMPODRA).



Sede da Associação dos Moradores do Poço da Draga (AMPODRA).



Sede da Associação dos Moradores do Poço da Draga (AMPODRA).

Certamente, pelo fato da Comunidade Poço da Draga não ter em suas instâncias um lugar específico, aonde seja possível realizar os seus eventos coletivos -festas, comemorações, rituais, etc.- ela, circunstancialmente, os realiza dentro dos espaços das ruas. Em um casamento, a título de exemplo presenciado durante a pesquisa, após a cerimônia religiosa, os recém casados, parentes e amigos se encontram dispostos em cadeiras, tamboretas, sofás, e todo tipo de coisa onde se possa sentar, e ficam em torno das mesas –ou algo similar- comendo, bebendo, conversando e colocando os assuntos em dia. Se é uma comemoração, como a data de algum santo, outra vez a rua se torna o palco para a realização da solenidade. Porém, é nas festas juninas e no carnaval que as ruas são “vestidas” de cores novas, pela alegria coletiva da Comunidade.

Nas festas juninas, o contágio da coletividade tem início ainda durante os ensaios. Por falta de um lugar adequado, que comporte muitas pessoas juntas

dançando, os ensaios acontecem nas ruas. São dias e mais dias de ensaios, todos nas ruas. Durante este período, as pessoas são espontaneamente envolvidas no processo da transformação das ruas. Uns fazem enfeites e os penduram em frente às suas casas, deixando assim, as ruas mais bonitas; outros fazem enfeites e os colocam diretamente nas ruas, dando-lhes um colorido e uma estética especial. Fogueiras são acesas ao longo das duas ruas existentes na Comunidade, proporcionando calor, vida e iluminação diferente ao ambiente.

A música saía de algum aparelho de som, ligado por fios saídos de alguma casa da Comunidade, ou, diretamente “puxados” de postes da iluminação pública –o chamado “gato”, que é o uso ilegal de energia elétrica pública, para fins particulares- é o combustível que coloca as crianças, os jovens e os adultos em movimento ritmado, transformando algumas casas da Comunidade em locais de apoio, onde o *entra e sai* é constante, e todos os cômodos se tornam acessíveis pelos que por ali transitam, sem reservas do(a) proprietário(a). As ruas são transformadas em um grande salão de festas; noite e dia têm ritmos modificados, pois nesses momentos, o tempo e o espaço sofrem alterações, conforme nos diz Damatta (1997):

É porque vivemos de fato entre e na passagem de um grupo social para outro que podemos sentir o tempo como algo concreto e a transformação do espaço como elemento socialmente importante. Assim, sabemos que as rotinas diárias preservam o tempo na sua duração “normal”, ao passo que nas festas o tempo pode ser acelerado ou vivido como tal. Por que tal experiência é possível? Ora, porque, nas rotinas, os espaços específicos estão socialmente equacionados a atividades específicas. Não dormimos na rua, não fazemos amor nas varandas, não comemos com comensais desconhecidos, não ficamos nus em público, não rezamos fora das igrejas etc. Os exemplos, conforme sabe o leitor, são legião. Ora, a festa promove precisamente os deslocamentos destas atividades dos seus, digamos, “espaços normais”. Isso, então, permite a sensação de um tempo louco, notadamente lento ou, como ocorre com o nosso carnaval, uma temporalidade acelerada, vibrante e invertida. No cotidiano vivo uma ordem que me diz: conheço as pessoas na porta; vou para uma sala de jantar, onde comemos, e depois vou para um quarto dormir. Já numa festa, todas essas ações (e muitas outras) podem acontecer simultaneamente sem haver uma separação entre elas e os espaços onde normalmente ocorrem (DAMATTA, 1997, p.41,42).

A forma e o ritmo das coisas vivenciadas nas ruas têm significados diferentes; misturam o pessoal ao impessoal. O que é responsabilidade de todos, também é de ninguém. As ruas têm os seus códigos “baseados em leis universais, numa burocracia antiga e profundamente ancorada entre nós, e num formalismo jurídico-legal que chega às raias do absurdo” (DAMATTA, 1997, p.24).

Durante as festas juninas, as duas ruas da comunidade ganham um movimento diferente, acompanhado de um tempero novo que vem das barraquinhas que são montadas nas frentes das casas para vender comidas típicas da época de São João: bolo, pé-de-moleque, pamonha, canjica, aluá, arroz doce, milho assado e milho cozido, tapioca, etc., um mundo que faz parte da cultura do nosso povo nordestino. As ruas são transformadas no palco da alegria coletiva da Comunidade Poço da Draga, que é representada pelos brincantes das quadrilhas que realizam grandes espetáculos para a platéia de moradores, presente à festa. É então que os moradores ficam encantados ao verem seus parentes e amigos, fazendo parte deste momento de plena realização e, ao som da música contagiante, fazem grandes rodas, pulam fingindo medo de cobra, protegendo-se da chuva que não existe, e cantam, e dançam, e se divertem, felizes como se a vida não lhes negasse nada, pois, na Comunidade Poço da Draga, as duas ruas existentes são as suas veias, enquanto os seus vários becos são suas artérias, por onde o sangue que alimenta com sonhos as pessoas que lá moram e vivem corre e faz seus corações baterem de esperança e companheirismo durante as festividades.

Se é carnaval (festa por nós presenciada recentemente), assemelham-se aos festivos juninos, as ações coletivas, no que dizem respeito às ornamentações das ruas e as colaborações dos moradores para a realização da festa, que via de regra, é realizada na rua.

É quase sempre assim: alguém liga um som de casa ou coloca o carro na rua com o som ligado a toda altura e o entrudo tem o seu início dado. Não demora e logo chegam os foliões, dispostos a se fazerem parte da festa. Uns chegam trazendo pacotes de maizena, outros ovos crus, colorau -que é um pigmento extraído da semente de urucum-, e tantos outros já chegam com os rostos pintados com pó de carvão. Assim, todos juntos fazem acontecer o que ficou caracterizado de “mela-mela”, que são as pessoas jogando “coisas” que melem outras pessoas, numa comunicação mútua entre os corpos dos brincantes. Na concepção do professor da UFRJ, Fred Góes:

O grande carnaval, que era a transposição do carnaval europeu para cá, era um carnaval muito contido. Esse carnaval veio para civilizar a expressão que existia no Brasil que era o entrudo, onde o corpo se comunicava. Nesse carnaval europeu, eles querem um carnaval contido, onde as pessoas joguem serpentina, não limões de cheiro. Existia antes o entrudo doméstico – existia na rua, que eram os escravos quem faziam, mas nas casas senhoriais também faziam entrudo. Era uma oportunidade rara de as moças poderem se comunicar com os rapazes. Através do jogar bolinhas de cheiro, que eles devolviam na altura do colo das moças, elas tinham momentos de prazer físico. Depois é um carnaval onde são fantasias européias – o carnaval na Europa acontece no inverno, então traz o pierrô, a colombina, aquelas fantasias todas. E, depois, tem o momento de transição, ela chama carnaval mais popular, essa fusão. O carnaval foi cada vez mais liberando o corpo. E a gente não pode esquecer nunca que a palavra “folia” veio de loucura (GÓES, Jornal O Povo, Vida & Arte, p.05, Fortaleza-Ce, Domingo, 18 de Fevereiro de 2007).

Nós pudemos observar em nossas estadas na Comunidade Poço da Draga durante o período carnavalesco, que os brincantes de carnaval da Comunidade ainda mantêm as características ingênuas e simples do antigo entrudo, onde os corpos se comunicavam entre si, sem a forte presença indutora da força midiática, que constrói corpos de homens e de mulheres como verdadeiros super-corpos, todos “fabricados” e prontos para atender às exigências do mercado turístico em que se mimetiza de nosso carnaval.



Sabrina Lima brincante da quadrilha Fina Flor de Iracema vestida a caráter.



Tarciane Gomes brincante da quadrilha Fina Flor de Iracema.



Beco lateral à casa da Dona Ivoneide na Rua Deputado Moreira da Rocha.



Um dos tantos Becos da Comunidade Poço da Draga.



Telefone comunitário na entrada de um dos tantos Becos existentes na Comunidade da Draga.



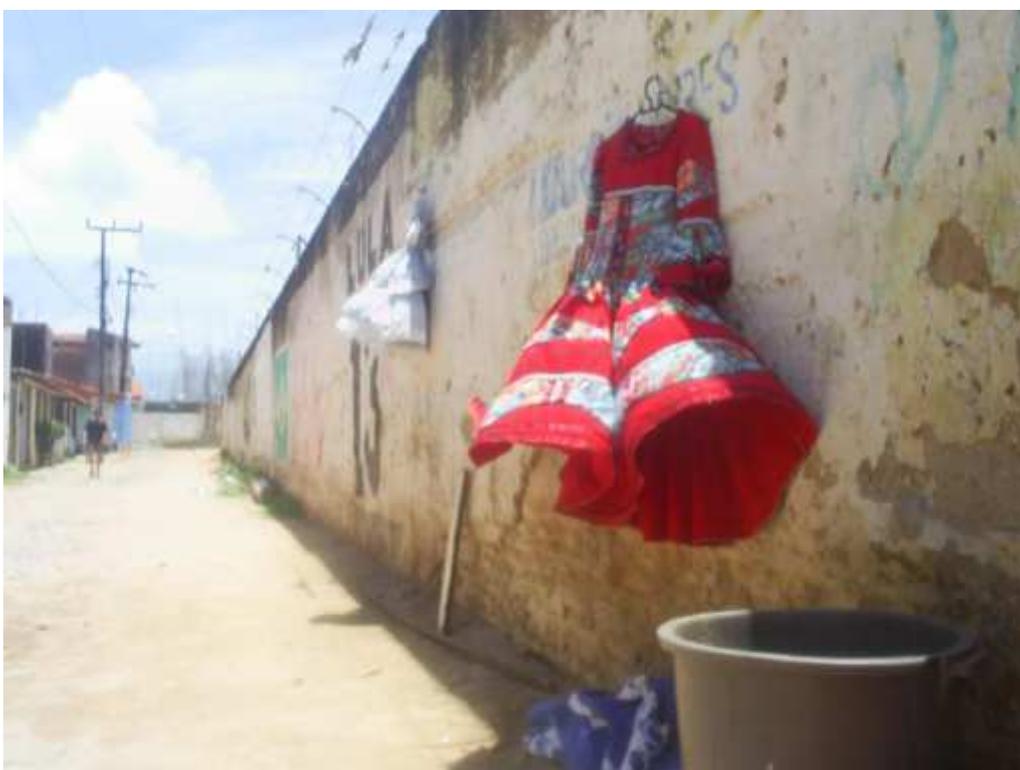
Beco do Estaleiro Naval em vista frontal.



Varal na entrada do Beco do Estaleiro Naval.



As crianças brincando de Bila (Bola de Gude) na Rua Deputado Moreira da Rocha, em um dia de sol.



A dança dos vestidos no muro da Rua Deputado. Moreira da Rocha.



O Brasil e a Fábrica Fortaleza se encontram em um Beco da Comunidade Poço da Draga.



Dona Geraldina, a Moradora mais antiga da Comunidade recebe visita de uma amiga, e as duas ficam conversando enfrenta a sua casa em um domingo à tarde.

Na Comunidade Poço da Draga, os corpos dos brincantes se sentem livres dessas opressões mercadológicas carnavalescas. Os corpos que se apresentam para a folia são os mesmos que circulam cotidianamente nas ruas e becos da Comunidade; são os mesmos que erguem os sacos com as mercadorias e ajudam a encher os navios no cais do porto, são os mesmos que correm atrás da bola no campinho de areia batida, única área de lazer do local; são os mesmos que se lançam da Ponte Metálica em direção ao mar, e nadam de volta até a praia; são os mesmos que se juntam nas reuniões da Associação dos Moradores e lutam por dias melhores para Comunidade. E suas fantasias, geralmente são feitas com poucos recursos e muita criatividade, e se confundem com os sonhos e desejos alimentados cotidianamente pelas famílias e que no carnaval juntam pai, mãe, filhos e *caem na gandaia* todos vestidos de foliões ora, ficam todos sentados à calçada assistindo à festa e dando frouxas risadas de deixar a compostura fazer parte da folia, tornando as pessoas de fora da Comunidade -como nós- sem saber quem é parte da festa e quem é expectador.

Em dia de festa na Comunidade Poço da Draga as ruas e becos tornam-se as moradas transitórias e coletivas de todos, aonde o *nós* é muito mais que a soma do eu, tu e ele. É onde o chavão “a união faz a força” assume uma conotação parecida, porém diferente, e afirma o seguinte: a união se faz, nem que seja à força! Afinal de contas, o tempo de luta, de pressão e de resistência ensinou a este povo alegre e sofrido, que a união –também- faz a farsa. E estas mesmas ruas e becos já foram palcos de muitas farsas e injustiças; e este mesmo povo brincalhão, já teve muitas vezes de se juntar em “bloco” e sair pelas ruas e becos desta referida Comunidade; mas não para bailar, e sim, para não “dançar” com os seus direitos de cidadãos.

Cruzando a Comunidade de uma ponta à outra, ainda existem os trilhos que conduziam os trens que para esta gente alegre e sofrida eram os “trios elétricos”, que levavam multidões de esperançosos, todos trabalhadores dançando conforme o ritmo dos troles, e da Maria Fumaça que conduziam as mercadorias que tanto ajudaram a enriquecer “os cordões dos puxa-sacos”, que sem se importavam com o bloco dos sujos, “metiam os cotovelos e iam abrindo os caminhos”, que sem vergonha nenhuma, locupletando-se com a força do trabalho dos que ali viviam e se banhando com o suor deste mesmo povo, alegre e sofrido. Depois de lhe ver sugar todo o sangue, a população espoliada foi transferida para longe, levando também o seu porto alegre junto, obrigando a este mesmo povo, a tentar construir a si mesmo a cada dia, a partir de suas esperanças renovadas, de sua coragem e de sua força vontade de viver; em troca, deram-lhe os sons dos bares, das boates e das vozes que lhes acusam de todos os adjetivos pejorativos: favelados, pobres, violentos, invasores, sujos, desonestos, drogados, prostituídos, preguiçosos, etc.,etc.,etc.. Mas este povo, alegre e sofrido, é também forte e corajoso, e cotidianamente se refaz.

O mapa que compõe as ruas e becos desta Comunidade é dividido em duas partes por uma bifurcação, certamente como uma forma de deixar claro que ela, a Comunidade, divide-se, mas não se quebra, nem se aparta. Assim como uma raiz que se multiplica em várias, sem deixar de ser única e que tem o objetivo central de sustentar e alimentar a árvore que as junta. Assim são as ruas e becos desta Comunidade; uma parte é a lama que a draga quer sugar, a outra é a água límpida que o poço quer guardar.

CAPÍTULO VI

7.1 CENÁRIO: O CORPO

Desde as cavernas os homens buscam desenvolver processos de intimidades com os seus corpos. Porém, os corpos que nós conhecemos mudam a cada instante; no entanto, porque conhecemos as particularidades de suas exoformas (olhos, nariz, orelhas, cabelo, braços, pernas, etc.), e com elas desenvolvemos processos identificatórios, ainda que parciais, continuamos a denominá-los: corpos.



Camisa da Dona Vanusa, Moradora do Poço da Draga, grafitada por Douglas”.



Camisa da Dona Vanusa, Moradora do Poço da Draga, grafitada Por "Doglas": (detalhe).

Os corpos são as residências dos desejos, das sensações, dos sentimentos, e por natureza, em grande maioria, nós tendemos a conservar nossos formatos físicos naturais, relativamente inalterados, e semelhantes a nós mesmos, na tentativa de assegurarmos algo que nos proporcione estabilidade existencial enquanto espécie. Mas, surpreendemo-nos com as possíveis e inevitáveis mudanças, frutos das impiedosas e certas ações do tempo, e dos desassossegos da vida. No entanto, ainda assim os reconhecemos como corpos.

Reiteramos: os corpos que conhecemos mudam a cada momento, e mesmo assim, permanecem corpos guardados em imagens nos nossos "depósitos de conservar lembranças". As ausências do que não lembramos não nos fazem tanta falta, já que a percepção do transitório que instala os corpos e

suas representações sígnicas em nós traz a certeza de nossa finitude, como: João, Maria, Pedro, Zulmira, etc. nunca enquanto corpos onde os seres que nos constituem como espécie e essência co-habitam e se destinam as suas moradas eternas. Por esta razão, nós somos todos semelhantes em nossa hominização, já que sentimos, pensamos, percebemos, amamos e inventamos de modo relativamente semelhante, ainda que de forma singularizada e pessoal.

Enfatizamos: os corpos que todos nós conhecemos mudam sempre, mas mantêm suas referências corpóreas básicas. Nossa experiência de vida nos ensinou que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço, e isto nos dá uma referência relativa em relação ao Outro, possibilitando-nos olhá-lo e poder percebê-lo, percebendo também tudo (ou quase tudo) que está à sua volta. E as mãos? As mãos constroem mundos:



O escultor Evandro Silva de Lima, Morador da Comunidade Poço da Draga e suas obras feitas em ferro.



Escultura em ferro feita pelo escultor Evandro Silva de Lima Morador da Comunidade Poço da Draga (Moto I).



Escultura em ferro feita pelo escultor Evandro Silva de Lima Morador da Comunidade Poço da Draga (Moto II).



Escultura em ferro feita pelo escultor Evandro Silva de Lima Morador da Comunidade Poço da Draga (Moto III).



Escultura em ferro feita pelo escultor Evandro Silva de Lima Morador da Comunidade Poço da Draga (Ala das Baianas).



Escultura em ferro feita pelo escultor Evandro Silva de Lima Morador da Comunidade Poço da Draga (Guardas de plantão, ao lado do canhão).



Escultura em ferro feita pelo escultor Evandro Silva de Lima Morador da Comunidade Poço da Draga (Pássaros e máquina).

Construídos como seres pensantes, falantes e letrados, acreditamos conscientes ou inconscientemente que a linguagem escrita nos é mais assimilável que a linguagem das formas. Com isso, armados com um repertório de palavras e com a força da memória, capturamos o mundo através das imagens, e o transformamos em palavras e expressões, com a ajuda do corpo. Os corpos que reconstroem vidas, formas de viver e de cruzar espaços:



Seria um novo “trem” a cruzar a Comunidade levando suas mercadorias?



Thiago da Silva Maciel(19 anos), vendedor de detergente feito na Comunidade Poço da Draga.

Os corpos que conhecemos, todavia, invariavelmente mudam! Eis que de repente sob a ação do tempo, racha-se o rosto e se abre uma ruga bem no meio da expressão facial, e a aparência jovial passa a ceder lugar a algo que parece ser diferente de nós, mas sem que deixemos de ser nós mesmos. O tempo tem os seus caprichos. N´outro momento, sob a luz brilham alguns fios de cabelos brancos, (o tempo também tem os seus encantos e mistérios), e o corpo tem que aprender a conviver com isto. Mas nem todos aceitam o fato. Sobre o corpo em

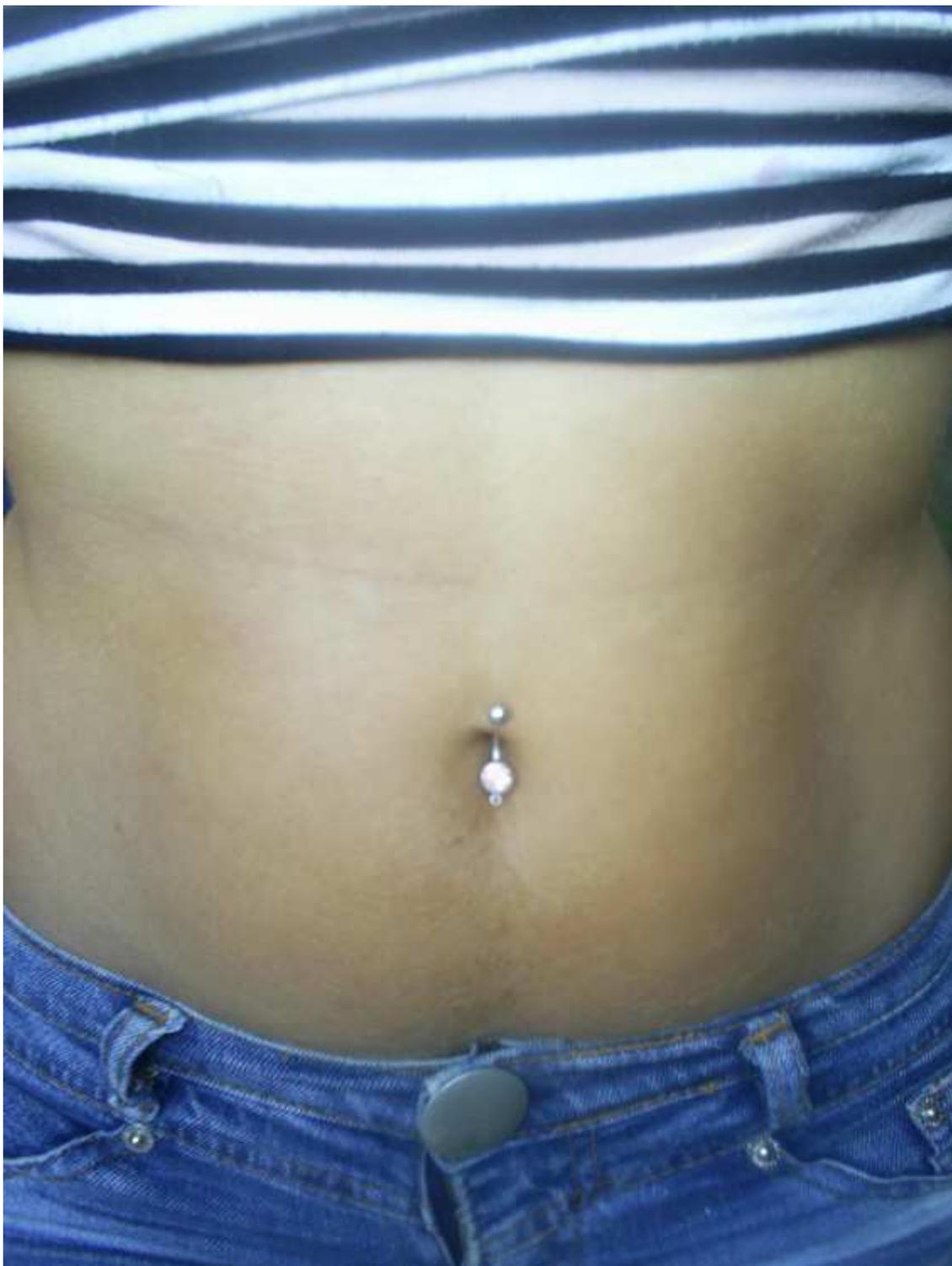
seu aspecto sgnico, Wilton Garcia do Departamento de Design da Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo, nos diz:

O corpo é um tema emergente e está na agenda dos debates – do mercado, da média, da arte e da universidade – para pensar suas (trans/de)formaes como embelezamentos est ticos, cirurgias plásticas, próteses artificiais, técnicas de alimentao, exercícios de musculao. Registro de modo enfático que isso não   só coisa de mulher, pois o homem hoje também se preocupa bastante com o corpo – vide a discussão do metrossexual. Retomando: falo de um corpo recorrente, porém emblemático, simbólico. É um corpo vivo, instigante, que pulsa. Falo de um corpo eminentemente subjetivo, o qual ativa a máxima valorizao da carne para (re)traduzir sua erótica (GARCIA, Jornal O Povo, Vida & Arte, Fortaleza-Ce, 18 de Fevereiro de 2007).

Inconformado, e não cabendo mais dentro de si, o homem provê defesas, saidas e formas de alterar os percursos naturais da vida humana, e segue transformando o seu corpo.



Dona Solidade Fantasiada de Palhaço durante o carnaval/2006 no Poço da Draga.



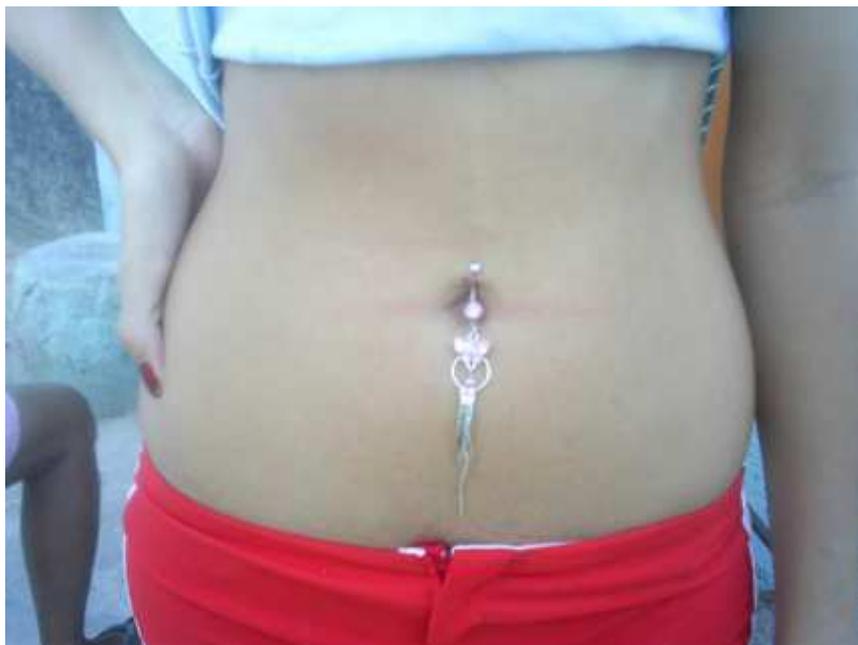
"Piercing" no umbigo da Moradora da Draga Gerlane Maiara Bernarda(18 anos).



"Piercing" no nariz da Moradora da Comunidade da Draga Valeska Lúcia de Brito(18 anos).



"Piercing" no umbigo da Moradora da Comunidade da Draga Valeska Lúcia de Brito (18 anos).



“Piercing” da Moradora da Draga, Ana Paula (19 anos), que de acordo com a sua Mãe, a Dona Angelúcia Queiroga, foi a primeira garota da Comunidade a colocar “piercing”, aos 15 anos de idade, que foi levada pela própria mãe.



Brincos na orelha da Moradora da Draga Ana Paula (19 anos).



"Piercing" no umbigo da Moradora da Draga, "D.A".



“Piercing” no umbigo, e tatuagem na cintura da Moradora da Draga Camila Alves de Melo (19 anos).



"Piercing" na sobrancelha da Moradora da Draga, "A.P".



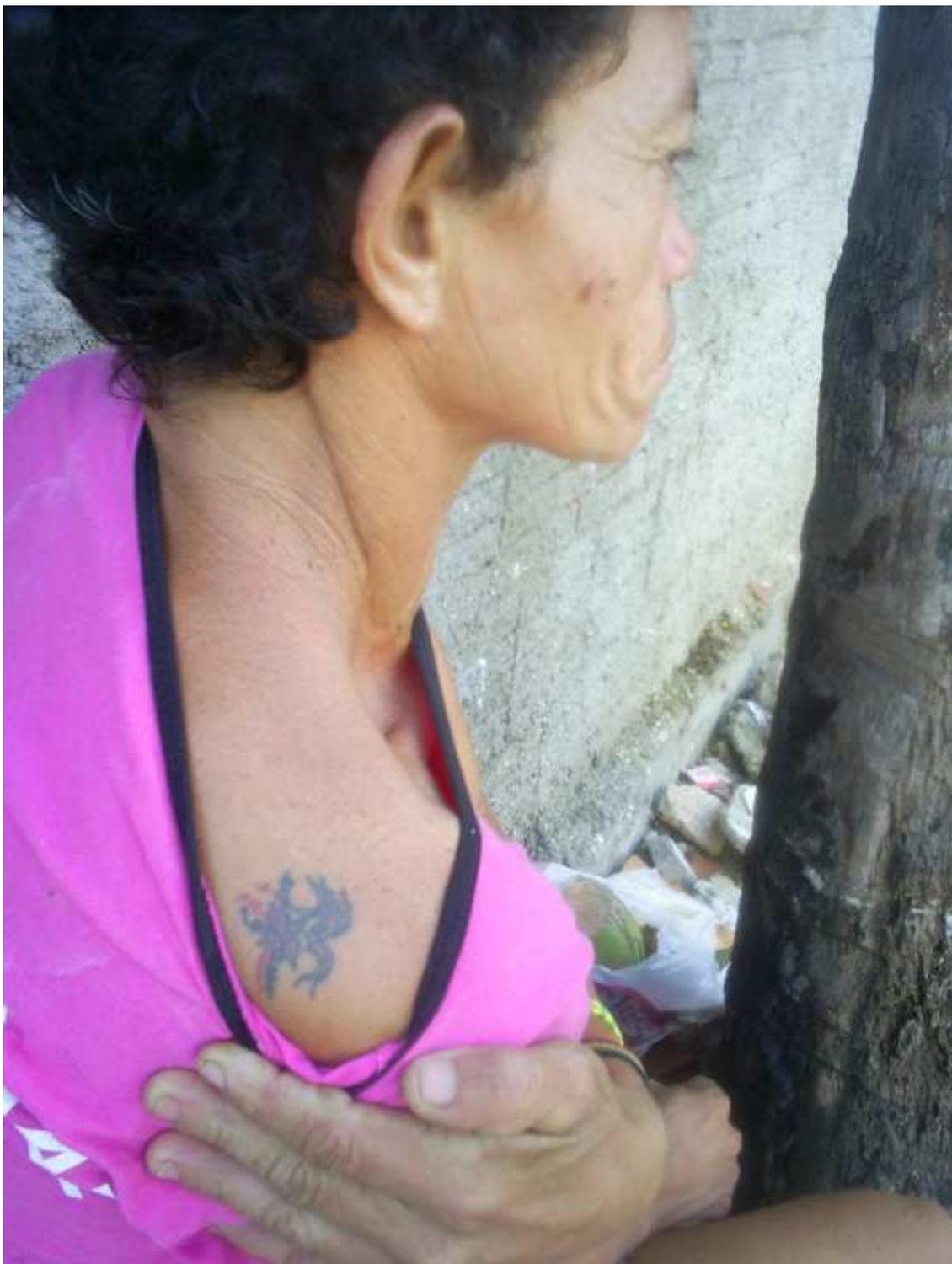
Cicatriz no rosto da Moradora da Draga, "A.P": marcas de uma "vida de luta".



Tatuagem de dois cogumelos e do sol no ombro da Moradora da Comunidade da Draga, Dona "J.A.".



Tatuagem de uma borboleta na perna da Moradora da Draga, Dona "F.L.".



Tatuagem de um Beija-Flor em uma Flor, no ombro da Moradora da Draga, Dona "F.L".



Tatuagem de um cavalo alado no braço do Morador da Draga, Senhor "A.P.Jr."



Tatuagem de um coração alado no peito da Moradora da Draga, Dona "T.M.S".



Tatuagem de tigre e ideograma oriental no braço do Morador da Draga, "K.F.S".



Tatuagem com a imagem do demônio no braço do Morador da Draga, "K.F.S".



Tatuagem na perna do Morador Christyan Alves de Melo (21 anos).

Peter Pál Pelbart (2000) nos diz que a “ tradição ocidental sempre postulou a forma do homem como já dada, ao menos idealmente, e que na sua perfeição deveria servir de modelo à nossa vida”. Deveria, pois os desvelos da existência humana em seus desvarios incontidos, quase que rotineiramente busca não conformarem-se. A este respeito, prossegue Pelbart (ibidem): “a partir de Nietzsche, porém, começamos a duvidar da perfeição dessa forma. Nietzsche ousou dizer: estamos cansados do homem, essa espécie de verme insosso, medíocre, sempre igual - basta desse formato”! Seria isto uma rejeição à forma assujeitada do nosso corpo social funcionar coletivamente?

Este era o pontapé que nos faltava para realizarmos a busca por outras coisas que habitam as nossas existências, “de formas diferentes, mais interessantes, mais intensas, mais inventivas, mais criativas, mais potentes”. Peter Pál Pelbart (2000), trilhando os percursos de Nietzsche, pergunta:

Como liberar, nessa Forma que temos ou que perseguimos, nesse Mesmo em que nós nos reconhecemos, as forças que nos habitam e que pululam dentro e fora de nós, mas que nós contemos, repelimos, driblamos ou contornamos? Se essa Forma humana, demasiado humana, aprisiona tais forças, como liberá-las senão indo além desse formato humano? (PELBART, 2000, Cap.I)

Estaria o homem cansado de um corpo espoliado pelo ter e pela opressão que ele mesmo construiu? Notadamente, este modo da existência humana nos leva a perceber o nosso corpo como algo diferente do “Eu” puro e simples. Esse feito não ocorre com os animais que são apenas os seus próprios corpos, destituídos de algo a mais; e que quanto a nós, ao afirmarmos que temos um corpo, damos ênfase na dicotomia entre o “Eu” e o corpo. Isto levou alguns filósofos ligados à fenomenologia a afirmarem que: “o corpo é a transição entre aquilo que sou e aquilo que tenho”. Nas palavras de Duarte Jr.(2004), deste modo, “nossa consciência simbólica nos “descola” de nosso organismo, mas não

de forma total, na medida em que esta consciência corporal é produto de nossos processos interativo e perceptivos, e é este meu “Eu-corpo” que me coloca em contato com as coisas do mundo”.



Tatuagem no braço do Morador Francisco Davi Alves de Melo (25 anos), em homenagem ao seu filho Christyan.



Tatuagem nas costas da Moradora Valeska Lúcia de Brito (18 anos), em homenagem ao seu filho Christyan.



Tatuagem no braço do Morador Christyan Alves de Melo (21 anos).



Tatuagem tribal no braço do Morador da Draga, "K.C.", mostrada com o seguinte depoimento: "Eu mesmo fiz essa. Quando eu tava fazendo, eu tava ´arrepido de Repinol.



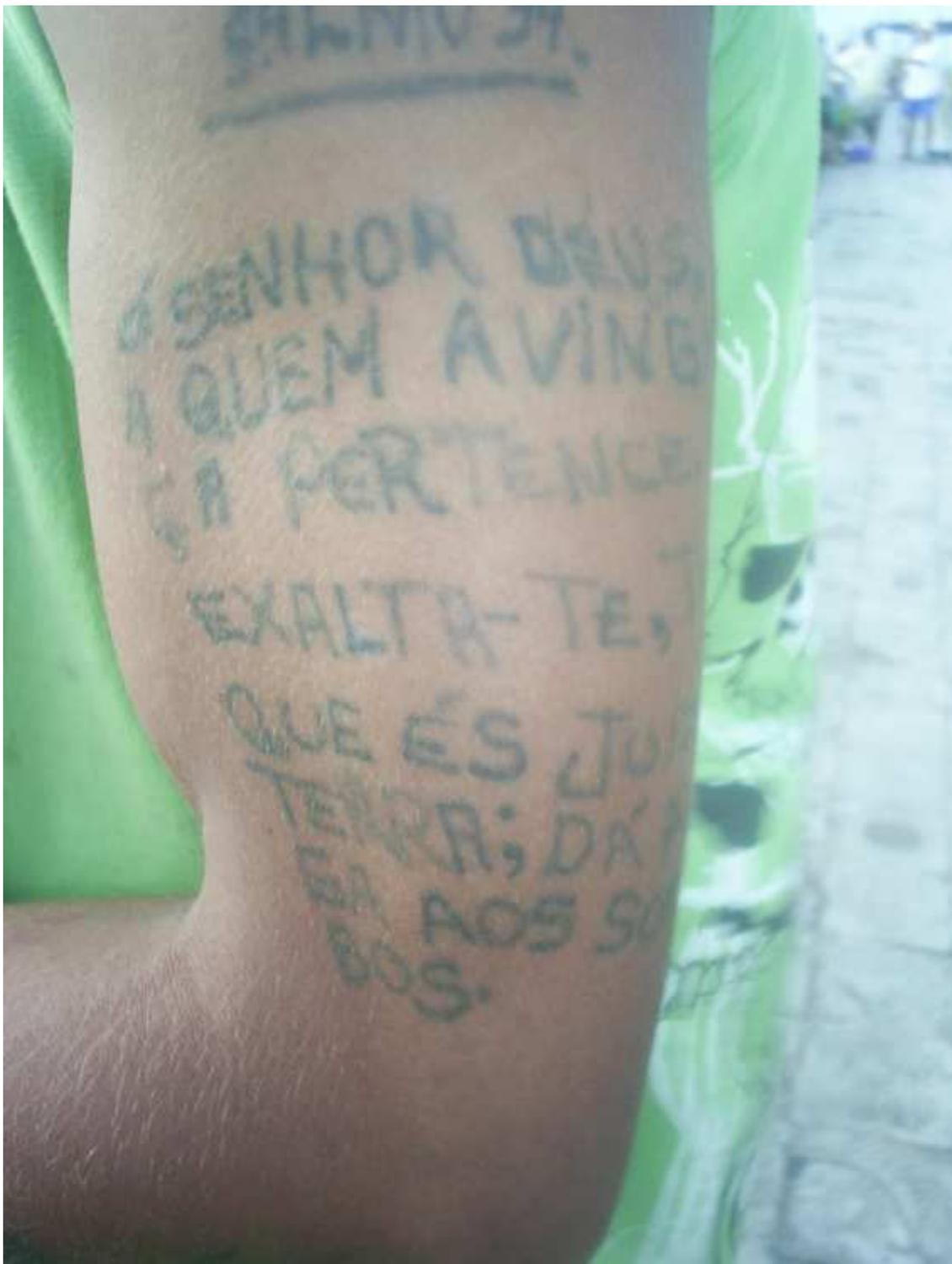
Tatuagem na parte interna do antebraço do Morador da Draga, “K.C”, mostrada com o seguinte depoimento: “Tu sabe quem é esse?” Esse é o “Seu Zé Pilinto”, o marido da Dona Maria Padilha. Ele é um Exu, por isso que ele parece o cão”.



Tatuagem na parte interna do antebraço do Morador da Draga, “K.C.”, de um V com asas, e a palavra “Potó” escrita encima. E na mão esquerda, uma teia de aranha saindo da mão em direção ao pulso.



Tatuagem de uma estrela com um olho dentro feita no ombro do Morador "K.C", e no antebraço, o salmo 94 .



Tatuagem na parte externa do antebraço do Morador da Draga, "K.C", com o Salmo- 94 que diz: "Ó Senhor Deus, a quem a vingança pertence, exalta-te tu que és juiz da terra; dá a paga aos soberbos. " .



Tatuagem no ombro e no antebraço do Morador da Draga, "K.C", mostrada com o seguinte depoimento: "Essa também fui quem fiz. Tu sabe o significa? É o seguinte: ta vendo esse coração aberto encima? Ele significa que amor só de Cristo. E tu ta vendo esse coração fechado embaixo? Ele significa que amor só de mãe; ta ligado meu chapa?"



Tatuagem no ombro e no antebraço do Morador da Draga, "K.C", mostrada com o seguinte depoimento: "Essa também fui eu quem fiz. Eu comecei fazer ela ainda na delegacia, quando eu "caí". Ta vendo esses riscos aqui? (aponta para dentro da estrela) É porque eu comecei a fazer ela com um pedaço de gilete que um chapa tinha dentro da tranca. O resto eu terminei quando eu "desci"".



Foto de São Jorge na carteira do Morador da Draga, "K.C", segundo depoimento do mesmo, será a sua próxima tatuagem a ser feita bem grande em suas costas, que é para lhe dar mais proteção.



Tatuagem no ombro do Morador da Draga, "K.C", com a letra inicial do seu nome.

7.2 O “Eu-Corpo”; este veículo de nossa viagem

A este respeito, Merleau-Ponty, em sua obra Fenomenologia da Percepção (1971) nos diz que o nosso corpo e o mundo estão de tal forma imbricados entre si, que chegam a formar “ uma única substância, uma urdidura primordial de sujeito e objeto por ele denominado “carne”. Uma carne que tem sua espessura sígnica, diríamos: ela acolhe essa junção eu-mundo.

Percorrendo estas trilhas, o fenomenólogo Wilhelmus Luijpen declara o quanto o seu corpo sabe da sua própria existência:

Meu corpo “sabe” muito melhor que eu o que significa duro, mole, agudo, viscoso, frio, quente, pesado, doloroso, saboroso, etc. As pernas de um grande futebolista, ou antes, todo o seu corpo, “sabe” muito mais acerca do campo, da bola, do gol, dos companheiros, do espaço e do tempo que o próprio jogador. Enquanto pode confiar nesse misterioso “saber” é um excelente futebolista. Assim que começa a “refletir”, está no momento de pensar em ser técnico. Meus pés “conhecem” muito melhor do que eu pessoalmente as escadas que todo dia subo e desço, e meu corpo “sabe” muito mais que eu a respeito da minha bicicleta. (...) “sob” o sujeito pessoal há, pois, em ação um sujeito pré-pessoal... Esse sujeito pré-pessoal, quase se diria “anônimo”, é o corpo humano, o qual já firmou um pacto com o mundo, antes de completar o sujeito pessoal a sua história (LUIJPEN, 1973, p.58).

Antônio Damásio(1996), apud Duarte Jr.(2004,p.132), fala-nos:”a alma respira através do corpo, e o sofrimento, quer comece no corpo ou numa imagem mental, acontece na carne”. Logo o corpo sabe de dentro para fora, e conhece de fora para dentro. A este respeito, Gilberto Kujawski(1988), nos alerta: “a razão vital tem raízes pré-intelectuais, no sangue, nos nervos, no caráter, na vida mesma, que é sua fonte pulsional e criadora”. Em seguida ele completa o raciocínio dizendo: “o conhecimento tem que voltar à raiz erótica de que provém: conhecer é estabelecer laços de amor com as coisas”.

O corpo sabe intuir o conhecer na busca de revelar o saber; logo, só nos sentimos competentes verdadeiramente, naquilo para o qual temos apetência e sabemos saborear, já que o prazer do saber está contido no prazer do sabor, na busca de si mesmo e do mundo a ser, literalmente absorvido. Esta é uma referência ao corpo e à sua apreensão imediata e original do mundo, que se faz existir em primeira instância a partir do corpo, enquanto organismo vivo e constitutivo; porém, um corpo que não só abriga, mas, que também é abrigado.

Os corpos, as coisas e os povos têm relações ancestrais. Esse raciocínio encontra ressonância e faz par com o pensamento de James Hillman (1993), quando ele nos diz:

Todos os povos têm práticas de embelezamentos: o realce de seus corpos, seus utensílios, seus movimentos na dança, sua fala na poesia e na música. Quando a satisfação do impulso da beleza está localizada na natureza e a natureza é ameaçada de destruição, o ser humano sente uma perda da alma. Somos levados a extraordinárias medidas de conservação, não para preservar as lesmas ou os grous berrantes enquanto tais, mas para preservar a necessidade da alma de beleza e a satisfação dessa necessidade pela natureza (HILLMAN, 1993, p.122).

Historicamente, o corpo se organizava de acordo com as alterações do mundo. Aliás, o termo “organizar” tem sua derivação etmológica originada dos termos “órgão” e “organismo”, que estão direta e intimamente ligados ao corpo, e que ganham evidências nas palavras de Duarte Jr.:

Desde sempre, o artesão (o trabalhador) se mostrara senhor de seu trabalho, levando, ao longo dos dias, uma vida regida organicamente pelo próprio corpo e em concordância com as alterações sazonais do mundo. Quer dizer: concorde com a estação do ano, trabalhava segundo a sua necessidade, comia ao ser solicitado pelo estômago, dormia sob o imperativo do sono, etc. Seus horários e seu regime de atividades se davam em consequência de um ritmo vital, orgânico, corporal (DUARTE JR., 2004, p.47).

Após o advento da Revolução Industrial, o corpo teve que se reestruturar, para poder atender às novas exigências das organizações dos setores produtivos

das fábricas, regidos pelas máquinas. Sem tempo nem condições adequadas para uma adaptação, o corpo teve que aprender, muito rapidamente, a se ajustar às suas novas imposições sociais. A este respeito, prossegue Duarte Jr.:

Entretanto, ao se empregar numa daquelas nascentes indústrias, ao se tornar funcionário de uma organização, sua atividade diária passou a ser regida por uma lógica que lhe era exterior, qual seja, a da nova produção industrial. Ocorrência que o obrigou a dormir, a acordar, a comer e a trabalhar em conformidade com os horários estabelecidos por uma racionalidade produtiva a ele externa e totalmente alheia às suas demandas corporais. Por isso, não é demais afirmar-se que, primordialmente e em termos dos indivíduos, a Revolução Industrial significou um radical processo de reeducação do corpo humano (DUARTE JR., .2004, p.47).

A insensibilidade contida no esquema de produção industrial, cada dia sugava mais os corpos dos operários, indiferente às suas necessidades e aos seus ritmos vitais. O preço a ser pago pelo corpo por estas mudanças comportamentais abruptas não demorou a chegar, e logo as conseqüências se fizeram existir somaticamente. Não tardaram a surgir os desequilíbrios físicos e psíquicos.

“Dançando” conforme o ritmo das máquinas das indústrias, o corpo estava submetido às novas regras de produção das fábricas de fazer “coisas utilitárias” e corpos reprimidos, pois quase todas as forças deveriam ser poupadas para serem empregadas nos dias de trabalho, fazendo as mercadorias que mantinham vivas as indústrias. O que nas palavras de Christopher Lasch (1986), restou apenas à criação do “mínimo eu” para os corpos dos operários. Porém, quando aos corpos dos operários foi negado o contato freqüente com o prazer das festas e dos divertimentos, deles, também, foram-lhes subtraídos os apegos a valores que são construídos dentro dos atos de saborear a construção das opiniões e dos estilos próprios, isto veio junto a uma apreensão e um eterno estado de alerta, que vem sempre acompanhado do medo de ficar “por fora” do que está acontecendo.

Note-se que, com isto, passou a existir um tipo de racionalidade que caminhava em direção a todas as esferas da vida humana; a lógica da industrialização, passou a ditar o modo com o qual as pessoas deveriam se comportar, e até como deveriam construir os seus desejos. A partir daí, a produção industrial foi construindo seu devorador mundo sónico.

O corpo foi tornado “prisioneiro” das indústrias em seus múltiplos aspectos: enquanto mão-de-obra que movimentava as máquinas das fábricas, e enquanto consumidores dos produtos por ele produzidos, sem ao menos ter o direito de ser consultado sobre o que ele gostaria de consumir ou usar. O corpo docilmente seguia a sua dura rotina de trabalho nas fábricas, até o surgimento da chamada “contracultura” na década de sessenta do século vinte que, de certo modo, é reinventada a cada dia. A esse respeito nos diz Duarte Jr.:

A denominada “contracultura”, surgida no final dos anos sessenta e que se tornou conhecida pelo “movimento hippie” abrigado em seu interior, consistiu, sem dúvida, numa tentativa de contestar o esquema dominante da sociedade industrial. Propondo um renascimento de valores humanos, com a estética e o prazer em primeiro plano e se opondo à ganância lucrativa do mundo moderno, aquela manifestação ousou trazer à tona temas que vinham sendo escamoteados da opinião pública, como a expansão da consciência para além dos limites rotineiros e o corpo humano como elemento básico de nossa instalação no mundo (DUARTE JR. 2004, p.57).



Tânia Maria da Silva Moradora da Comunidade Poço da Draga vindo da praia com sua estética própria de beira de praia (vista frontal).



Tânia Maria da Silva, Moradora da Draga, vindo da praia com sua estética própria de beira de praia (vista lateral), em plena Rua do Trilho.

Mas a força das indústrias que outrora mimetizava os corpos às máquinas dentro das fábricas, não se deixou vencer tão facilmente, e logo tratou de conseguir outros modos de recuperar o que ela lhe julgava de direito; o “aprisionamento” dos corpos. Então, ela passou a desenvolver gostos coletivos padronizados, gerando uma uniformização da corporeidade humana. Nas palavras de Duarte Jr., ela produz o corpo padronizado:

Ao se veicular, de modo exclusivo, um determinado tipo de beleza, esta se padroniza como sendo a única possível e desejável, descartando-se toda e qualquer variação na forma, na cor e na textura do corpo como passível de apreensão estética. Quer dizer: toda a imensa gama de beleza que a realidade do corpo humano apresenta é descartada em favor de um modelo padrão muito distante da verdadeira experiência sensível (DUARTE JR. 2004, p.114).

O corpo hoje, como objeto simulado, a serviço das indústrias e das representações comerciais que veiculam os seus produtos na mídia massiva, presta-se muito bem a substituir o que outrora fora o corpo aprisionado às máquinas, dentro das fábricas. O que de acordo com Duarte Jr.(2004), “gera bloqueios à descoberta e ao desenvolvimento da sensibilidade em relação ao próprio corpo, lugar primeiro do sentido de nossa existência”. A este respeito, prossegue o autor:

Há algum tempo elegeu-se o bronzeado, no caso das modelos brancas, como sinônimo de belo feminino, sendo uma epiderme alva rejeitada de pronto como esteticamente deficiente face ao estilo escolhido pela indústria de imagem. As variantes todas, do tom mais claro ao negro profundo, acabam por desaparecer em função dessa míope exclusividade. E as mulheres passam a sentir na pele, literalmente, as conseqüências dessa habilidade industrial, deixando-se torrar ao sol a fim de atingir o ideal veiculado (Ibidem).

Porém, toda esta nova conquista tem um preço a ser pago! Os corpos simulados, aqueles que sofrem alterações em detrimento das buscas de aceitação social, tornam-se prisioneiros das indústrias de produtos de beleza veiculados na grande mídia, e da medicina de plantão, prontas para atender a este fim. E com a

ânsia de fuga da rejeição, os corpos simulados absorvem o belo padronizado e imposto pelas fábricas de fazer belezas artificiais, e compram as suas aparências, com ou sem receitas médicas, à vista ou a prazo, mesmo sabendo que são efêmeras e de gostos duvidosos. Surgem novos cabelos, olhos, dentes, unhas, seios, nádegas, “toda e qualquer” parte do corpo, hoje, encontra-se à venda no “mercado da beleza”.

Há tempo somos vítimas destas ações acima citadas, e da “educação física” proporcionada pelas academias de ginásticas; fábricas de fazer gente, em grande parte, com conteúdos somente por fora. A este respeito, Rubem Alves (1981), com mestria, nos brinda com uma bela e irônica hipótese:

O curioso é que quando se fala em “educação física” a imagem que aparece é a de um atleta com short, camiseta e tênis, pronto para alguma atividade que envolva o uso dos músculos. Mas os olhos, os ouvidos, a boca, o nariz, a pele são também parte do físico. Podem também ficar atrofiados como ficam atrofiados os músculos. O corpo atrofiado pela inércia e pelo acúmulo de gordura pode terminar em obesidade, diabetes, colesterol alto e infarto. Mas um corpo de sentidos atrofiados termina numa doença terrível chamada “tédio”. Imagino uma faculdade de educação física que tenha também cursos do tipo: “Curso de cheiração avançada I”, “Curso de cheiração avançada II”, “Cursos de observação de cores”, “Curso de audição de ruídos da natureza... (ALVES, 1981, p.50).

Hoje em dia, o culto ao corpo é algo tão forte que nós brasileiros, quase que em geral, ressaltando as raras exceções, chegamos a ser dependentes do corpo físico enquanto veículo e objeto do prazer que nós mesmos criamos, tornando-nos assim, produtores e produtos de nós mesmos, que em conformidade com o professor do Instituto de Arte e Comunicação da Universidade Federal Fluminense, Júlio Tavares:

Os brasileiros reproduzem uma marca que foi, até a pretexto de marketing nacional e do turismo sexual, desenvolvida. Essa obrigatoriedade de ser sexy, erótico não deixa de ser uma forma ditatorial de submissão da identidade.(...) Fica muito o plano do corpo pelo corpo, e não se vê as formas de exclusão, de mascaramento, de encobrimento, de poder, de estereotipação que estão manifestas nessa corpolatria

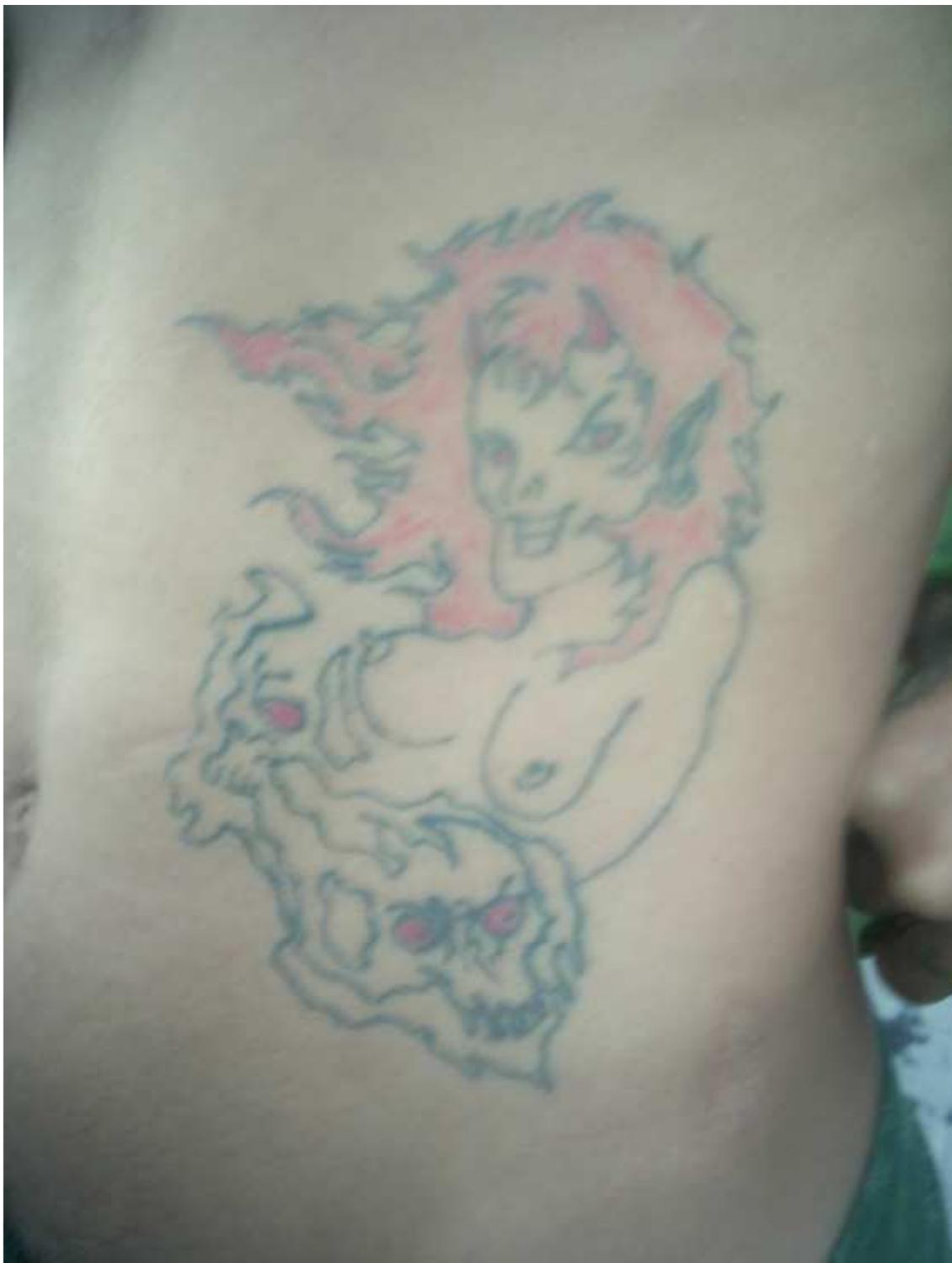
celebratória(TAVARES, Jornal O Povo, Vida & Arte, Fortaleza-Ce, 18 de Fevereiro de 2007).

7.3 Hip Hop, ou Movimento 100% Rua

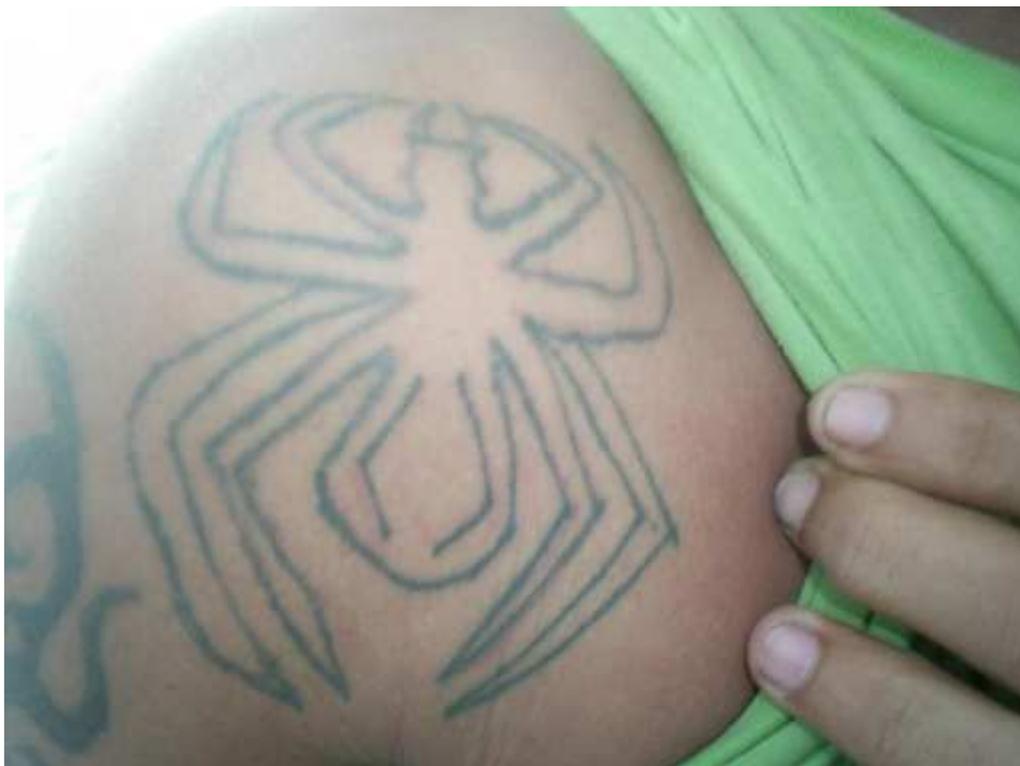
Ajustemos o foco em direção ao nosso local da pesquisa, à Comunidade Poço da Draga, lá também podemos observar a presença da influência pesada do marketing em relação ao corpo, o que não é de se estranhar, uma vez que a Comunidade do Poço da Draga fica à beira mar e, habitualmente, as pessoas que vivem nas proximidades do mar têm uma relação de intimidade e exposição com o próprio corpo. No entanto, não raro encontramos crianças, jovens e adultos que usam os seus corpos como “veículos” para transmitirem suas idéias, e/ou, usam os seus corpos para conquistar os seus ideais. Nas crianças, podemos identificar o uso precoce de produtos de beleza, tais como: maquilagens, brincos, perfumes de aromas fortes, sandálias de saltos altos, e roupas que mais lembram adultos. Entre as moças, preconceitos à parte, é muito freqüente o uso de pouca roupa: shorts pequeninos, blusas que mais parecem uma faixa sobreposta aos seios, decotes que parecem mais ter a intenção de mostrar do que omitir, roupas transparentes; além dos acessórios, muita maquilagem, pulseiras, anéis, brincos, colares, piercings, tatuagens, e todos os desejos atribuídos ao corpo que a grande mídia transmite cotidianamente através dos seus meios de comunicação.

Já entre os rapazes, o corpo é o instrumento que eles usam para mostrar os seus gostos, predileções, rebeldias, escolhas, ou adesões a um estilo de vida. Na periferia, a adesão quase que geral, atualmente é ao Hip Hop, que surgiu como um movimento onde podem ser situadas as interpretações da vida feitas

pelos jovens da periferia, através das suas mediações e pertenças a um determinado modo de vida.



Tatuagem nas costelas do Morador da Draga, "K.C", mostrada com muito orgulho, e seguida do seguinte depoimento: "Agora eu vô te mostrar a minha tatuagem mais massa.(ele levanta a blusa, e diz:) Olha só! Tu se liga? Sabe quem é ela? (ele mesmo responde) É a Dona Maria Padilha, a mulher de "Seu Zé Pilinto". Ela também é um Exu, por isso que ela tem essa cara de cão;essa é a mulher da minha vida, brother!"



Tatuagem de uma aranha no ombro do Morador da Draga, "K.C", mostrada com o seguinte depoimento: "Quando essa foi feita, eu tava muito doido de aranha".



Tatuagem nos dedos das mãos do Morador da Draga, "K.C", mostrada com o seguinte depoimento: "Agora fotografa a minha marca pessoal".



Tatuagem nos dedos da mão direita do Morador da Draga, "K.C", mostrada com o seguinte depoimento: "Agora faz só em detalhe, que é pra marcar, sacou?!"



Tatuagem nos dedos da mão esquerda do Morador da Draga, "K.C", mostrada com o seguinte depoimento complementar: "Faz só mais essa, e... Fui!"

O Hip Hop é aqui colocado como um estilo cultural que diretamente perpassa pelo estilo de vida e envolve valores pessoais e coletivos, hábitos, crenças, gostos, costumes e que tem ressonância direta nas práticas dos jovens que dele fazem parte. O Hip Hop, ou Movimento 100% Rua, que é constituído pela música, pela poesia cantada, pela dança, e, sobretudo pelas atitudes dos jovens, surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, e foi difundido no Brasil com o “boom” do break e logo em seguida com o Rap (Rytm and Poetry – Ritmo e Poesia) nas décadas de 1980 e 1990, sendo fruto de uma “hibridação” que atingiu diretamente a juventude da periferia, formando uma legião de Hip Hoppers, que são os jovens que começaram a usar as roupas e adereços utilizados pelos skatistas norte-americanos. Esta é uma das versões a respeito do surgimento do estilo adotado pelos garotos do Hip Hop.

A outra versão está associada ao fato dos jovens norte-americanos sublinharem os signos de rebeldia e exclusão expostos por presidiários e negros (também norte-americanos), e, como consequência disto, passou-se a adotar o estilo por eles usado, em busca de visibilidade e pertencimento social, de acordo com Glória Diógenes:

Nas sociedades complexas o “corpo panoramático” passa a representar o recurso, por excelência, utilizado para que se efetive a visibilidade e, consequentemente, para que se estabeleçam os liames de pertencimento. (...) Porém, deve-se indagar que modos de “fazer ver”, de exhibir-se, entre as galeras, marcam uma diferença em relação aos ritos e atores sociais, personagens emblemáticos do alvorecer da era moderna? (DIÓGENES, 1998, p.187).

Mas para ser tido e aceito pelo grupo como um *Hip Hoppers mesmo*, segundo a fala deles próprios:

“o sujeito tem que ter “moral”. Tem que ter “estilo”. Tem que ter atitude. Tem que ser autêntico. Tem que ter presença física. Tem que ter performance visual e usar as roupas e os adereços que têm a ver com o movimento, que são: calças largas, grossas e com vários bolsos, usar os tênis da “hora”; tipo Nike, Reebok, Olimpikus, Adidas, etc.. Tem que usar correntes e medalhões com símbolos que fazem alusões a questões místicas, éticas ou primitivas. Tem que usar gorros e bombetas (que são uns tipos de bonés abaixadinhos para trás, com um botão na viseira). Tem que usar jumps (que são uns tipos de coletes usados sobre os blusões ou casacos com capuz, sobre as camisas de mangas compridas). Tem que usar anéis e brincos ou pequenas argolas, e tem que usar os cabelos demonstrando “marra”; tudo caracterizado dentro do “Estilo de Rua”; e não ser “playboys de atitude”, ou “playboys falsos”, que são os jovens da periferia que se vestem tentando imitar os garotos “filhos de papaizinho”, que são “arrumados” com roupas de griffes famosas”.

A estes garotos da periferia que se vestem como os “playboys de atitude”, os Hip Hoppers os denominam de ganhos pelo sistema, pois eles usam roupas, tênis e adereços que buscam imitar os artigos das grifes famosas; no entanto, em geral são roupas, tênis e adereços comprados no “Bequit de Puerrat”, que para os íntimos nada mais é que o “Beco da Poeira” (um “Shopping Center” a céu aberto que fica no centro da cidade de Fortaleza, local que vende roupas e artesanias produzida pelas classes populares, com preços acessíveis, a esta classe empobrecida. Há também a galeria Pedro Jorge, que fica no centro da cidade de Fortaleza e abriga o Shopping Central das Fábricas, que concentra várias lojas que vendem artigos próprios para as caracterizações dos visuais dos jovens que buscam se diferenciar através de um determinado estilo visual. Há ainda, o chamado “Shopping Chão”, que nada mais é do que a existência de vários vendedores ambulantes informais que durante os dias e horários onde a fiscalização não está atuando, geralmente entre o meio dia e as 14:00H., ou nos finais de semana, estendem um plástico preto no chão da Praça José de Alencar, e passam a vender roupas, tênis, bonés, um conjunto de produções consumíveis pelas classes populares, atraindo, a atenção dos jovens que constroem seu Estilo de Rua, vendem a eles pulseiras, anéis, colares, brincos, bonés, e tatuagens que passam a compor um tipo de *marca* registrada da cada

galera. Todas estas coisas que caracterizam um estilo, e que estão circunscritas nos corpos dos jovens como campo sógnico, fazem parte e configuram o que se pode chamar de “linguagem corporal”, que é composta por um conjunto que vai desde as escolhas das roupas, dos acessórios, do corte de cabelo, do jeito de andar e de gesticular, das expressões faciais, das falas e, sobretudo, das atitudes e interpretações de mundos.

Esta situação de pertença a um determinado estilo, caracterizado aqui pelo Hip Hop na descrição de traços que o evidencia e o delinea em suas representações sógnicas e nos rituais de apresentações da cultura juvenil dentro da periferia, exprimem de modo claro os signos pertinentes ao estilo das camadas sociais mais pobres e suas relações com a cultura de massa, com o mercado e o consumo, e revelam os desejos e as fantasias que dialogam com as estetizações contidas nas relações de poder, vividas em todos os âmbitos da vida. As articulações artísticas do Hip Hop têm suas esferas culturais e políticas que explicam idéias e ideais, bem como se contrapõem aos processos sógnicos das acumulações de classe social e suas marcas. A este respeito, nos diz Glória Diógenes:

Acontece, freqüentemente, dos jovens moradores de periferia, ao trabalharem, preferirem utilizar todo o salário ganho em um mês apenas com uma roupa de “marca”, com a finalidade de se utilizar dos signos da cultura de massa juvenil. O uso dessas marcas faz com que a presença do jovem no seu espaço de moradia torne-se o símbolo de uma usurpação, do “roubo” de uma estética própria dos jovens de classes média e alta. Torna-se necessário transpor os limites dos espaços segregados para fazer registros ampliados de uma estética que internamente, no bairro, é considerada quase sempre como usurpação (DIÓGENES, 1998, p.39).

As referências por nós encontradas no bojo destas buscas investigativas relativas ao Hip Hop, dentro da Comunidade Poço da Draga, via de regra estão em

conformidades com as duas principais correntes do Hip Hop cearense que são a do Movimento Hip Hop Cultura de Rua, que tem evidenciado em suas ações os seus interesses de proximidade mais voltados para os signos da estetização, que para qualquer outro fim. Já a outra referência, o MH₂OCE, que é o Movimento Hip Hop Organizado do Ceará, que tem no grupo paulistano Racionais MC's sua fonte inspiradora, se configura como um movimento cultural e artístico mediado pelos signos da política de esquerda, dentro de uma dimensão que envolve estilo de vida e arte, porém tentando a todo custo se desvincular da idéia de felicidade via consumo. Evidente que também produzem sua militância.

Para além da estetização produzida pela juventude na Comunidade Poço da Draga, os adultos também aderem a estes signos e fazem isto com muita naturalidade, ainda que não com tanta freqüência, nem com tamanha força ideológica. É comum se ver pessoas adultas usando roupas, adereços, ou marcas sígnicas em seus corpos iguais as anteriormente descritas; afinal de contas, eles trazem em seus corpos o conflito e a resistência, a adesão e a crítica social.

Em uma entrevista com um dos Moradores da Comunidade da Draga, ao pedirmos para fotografar tatuagens ele expunha no corpo, ele não só nos autorizou, como fez questão de esclarecer e contar a história de cada uma delas, como se quisesse que as histórias das tatuagens também ficassem impressas em nossas imagens. Ao nos mostrar suas tatuagens, nos disse o Morador "K.C":

Tá vendo essa tribal aqui? Fui eu que fiz! Quando eu fiz ela, eu tava muito doido de Ripinol. E essa aqui do meu ombro, que é uma estrela de seis pontas com um olho dentro, também fui eu que fiz. Eu comecei a fazer ela na delegacia, no dia que eu "caí". Tá vendo essas marcas? É que eu comecei a fazer ela com um pedaço de gilete que um chapa tinha dentro da tranca; depois eu terminei quando eu "desci". Abaixo dela eu coloquei o salmo 94 da Bíblia Sagrada. Agora, essa outra aqui, que parece com o cão, é o "Seu Zé Pilinto", ele é um Exu, por isso que ele tem essa cara de cão. Essa aqui (ele mostra o ombro e antebraço direito), tu saca o que é? (eu digo que não, e ele prossegue): Tá vendo esses dois coração? Então, o coração fechado quer dizer amor só de Cristo; e o coração aberto, amor só de mãe. Agora, meu chapa, eu vou mostrar a minha tatuagem mais massa...

(ele levanta a blusa, mostra uma tatuagem nas costelas e diz:) Tu se liga quem é essa? (e ele mesmo responde) É “Dona Maria Padilha”, mulher do “Seu Zé Pilinto”. Ela é um Exu, por isso que ela tem também essa cara de cão. Essa é a mulher da minha vida, brother (K.C, 20 anos)

No Poço da Draga, o corpo, este espaço sógnico, também serve ao propósito de inscrição do sagrado e de suas zonas de fronteiras, que nas palavras do professor Wilton Garcia, do Departamento de Design da Universidade Anhembi Morumbi em São Paulo, nos diz:

Penso que o ato de exhibir o corpo exageradamente, tanto no bloco ou no baile de carnaval como também no dia-a-dia, é uma estratégia de persuasão, convencimento e narcisismo. Portanto, legitima-se uma situação conflituosa do ponto de vista das oportunidades identitárias e socioculturais, cujos fatores de convívio relacionam o Eu corporal e o Outro. Os equívocos distorcem a percepção corpórea. É um problema de leitura que diferencia o olhar acerca das matrizes do corpo hiperexposto. Os valores aguçam traços efêmeros. Agenciar a expressão de afeto e desejo não é abusar de uma prática corpórea que violenta o Outro (GARCIA, Jornal O Povo, Vida & Arte, Fortaleza-Ce, 18 de Fevereiro de 2007).

Em relação ao modo de olhar do morador da Comunidade Poço da Draga existiria uma ruptura entre o corpo e a mente do referido Morador da Comunidade do Poço, como sendo um resultado das forças simbólicas e das manifestações dos desejos gerados pela modernidade e de aspectos negados em si, que remetem ao transcendente? Haveria de se ter, na fala do morador, a dicotomia que Frei Betto aponta e que diz que: “pretender separar mente e corpo é o mesmo que cortar uma laranja em duas e chamar de abacate uma parte e, de manga, a outra”(apud Duarte Jr., 2004, p.217).

Esta dicotomia, em Fernando Pessoa parece equacionada quando o poeta nos diz: “tudo que em mim pensa é sentimento, e tudo que em mim sente já é pensamento”. Duarte Jr. e Rouanet, caminhando por esta trilha nos dizem algo semelhante:

Tudo aquilo que é sentido por nós faz sentido, ao mesmo tempo que nos indica um sentido a seguir. Inútil qualquer contestação racionalista: os sentimentos constituem o cerne de nossa existência, “e os sentimentos não são nem intangíveis nem ilusórios. Ao contrário da opinião científica tradicional, são precisamente tão cognitivos como qualquer outra percepção. São o resultado de uma curiosa organização fisiológica que transformou o cérebro no público cativo das atividades teatrais do corpo (ROUANET, apud Duarte Jr., 2004, p.217/218).

Sentir enquanto parte do corpo interior, é elemento constituidor da auto-consciência, é verbo construído com desejos. É habitar a si mesmo, tomando conta de sua própria existência, como parte de uma existência coletiva maior. No entanto, apenas acreditar só no que se olha, é correr o risco de ser (a)traído. Sentir é a forma que os corpos têm de reconhecer a si mesmos como seres vivos e pertencentes ao mundo físico, e de evoluírem em sua humanidade. Octávio Paz (1991) a este respeito nos diz:

Sentir é antes de tudo sentir alguma coisa ou alguém que não somos nós. Sobretudo: sentir com alguém. Até para se sentir a si mesmo, o corpo busca outro corpo. Sentimos através dos outros (PAZ, 1991, p.52).

Esta é uma visão do corpo interior, já a nossa noção de corpo exterior é constituída através de valores intuitivos manifestados por nós e pelos outros, dentro das nossas ações cotidianas; porém, sem estas ações, ficaríamos carentes de referências que nos guiassem em direção à nossa ‘hominização’, e não teríamos como nos construir em termos de conhecimentos, de moral e de beleza, conforme nos diz Mikhail Bakhtin (2003):

O corpo exterior está unificado e informado por categorias cognitivas, éticas e estéticas, por um conjunto de elementos visuais externos e táteis que nele são valores plásticos e picturais. Minhas reações volitivo-emocionais ao corpo exterior do outro são imediatas, e só em relação ao outro eu vivencio imediatamente a beleza do corpo humano, ou seja, esse corpo começa a viver para mim em um plano axiológico inteiramente diverso e inacessível à auto-sensação interior e à visão exterior fragmentária. Só o outro está personificado para mim em termos ético-axiológicos. Neste sentido, o corpo não é algo que se baste a si mesmo, necessita do outro, do seu reconhecimento e da sua atividade formadora. Só o corpo inteiro –a carne

pesada- é dado ao próprio homem, o corpo exterior é antedado: ele deve criá-lo com seu ativismo (BAKHTIN, 2003, p.47,48).

O “Eu-corpo”, este todo indivisível, é constituído concomitantemente do dentro e do fora, do sentir e do pensar; ele é quem nos permite perceber e dialogar com as coisas do mundo; tal qual uma frase que nós ouvimos (e que ainda hoje dialogamos com ela), e que foi atribuída ao poeta Chico Leite, e que diz: “ O Outro que em mim mora, é a ausência do meu dentro por fora”.

O “Eu-corpo”, este veículo de nossa “viagem”, esta fábrica de fazer sensação, este algo que sentimos, porém, sem a exata tradução, que ora pensamos que o entendemos, e ora temos certeza que não, é que, em termos existenciais, guia-nos e nos conduz em todos os rumos e em todas as direções. Mostrá-lo, deixá-lo expor-se à visão do Outro é um dizer? O dentro-fora do corpo também é uma cartografia de poderes em luta?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção dos nossos percursos visuais e das nossas reflexões está alimentada por uma série de contribuições de autores que de fora para dentro da Comunidade têm envolvimento e proximidade com o assunto por nós abordado. Na verdade, os sujeitos sociais informantes de dentro para fora da Comunidade, de forma direta, fazem parte do modo com o qual percorremos as ruas, os becos e as histórias de vida que compõem o universo real e o mundo simbólico da Comunidade Poço da Draga. Também seus olhares que recortaram e deram filtragem ao nosso olhar de pesquisadores nos possibilitaram identificar e tentar entender as contradições e os conflitos que há quase cem anos atuam como zonas de fronteira que separam e ao mesmo tempo unem a Comunidade da Draga aos poderes públicos e privados, que há décadas de modo direto ou indireto, mordem e assopram cotidianamente a população do Poço da Draga, na tentativa de se apossar do espaço físico que de direito é dos moradores do Poço da Draga – conflito que é a explicitação e o símbolo de outros e que possuem suas marcas subjetivas na sua cultura do olhar. O que nos facilitou o acesso aos dados que nos indicaram as trilhas a serem percorridas dentro das nossas buscas investigativas, foi o fato de já termos muitas coisas em comum com uma boa parte dos moradores desta Comunidade, pois temos origens que se coadunam com as origens deles. Isto exigiu processos de distanciamento e de aproximação que alternavam e que proporcionaram estranhamentos e diálogos.

Porém, para além das contradições e dos conflitos, nós pudemos perceber e registrar em nossos percursos visuais e nas reflexões sobre a cultura do olhar e do sentir, que em termos de educação, política e estética na antiga Praia do

Peixe, ou na saudosa Praia Formosa, aonde hoje ambigualmente ainda é a Comunidade Poço da Draga, na acepção dos de dentro, que são os seus moradores; ou na Baixa Pau, na concepção dos de fora, que em geral se relacionam com ela como seus opressores, nós constatamos a existência de uma população de sujeitos sociais carentes de várias coisas, entre elas, e sobretudo, do que lhes são de direito: os cuidados por parte dos poderes públicos e seus serviços. Encontramos, também, uma população que apesar de todas as dificuldades por ela enfrentadas, conserva seu jeito simples e singular de ser. Uma população que se diz, nas imagens que constrói; e com as quais dialoga como está a vivenciar sua condição socioeconômica, política, cultural, educacional e humana. Uma população que sem muito alarde grita por seus direitos, de um modo esperançoso, ora objetivado, ora sinuoso. Uma população que se posiciona e sabe dizer sim; nós precisamos de ajuda. Nós precisamos de esgotos, calçamentos, postos de saúde, escolas, áreas de lazer, trabalhos e do direito de dormir tranquilos, sem os fantasmas da espoliação nos batendo diuturnamente à porta, e nos fazendo ameaças reais e propostas fantasiosas. Uma Comunidade que diz no seu corpo, casa e rua de um dentro-fora que une e que aparta. E diz mais: “nós precisamos ser respeitados como moradores legítimos deste local, e, como tais, queremos viver sem as falsas e sedutoras promessas da especulação imobiliária que nos encantam, e ao mesmo tempo amedrontam, colocando-nos em situações de exclusão e luta permanente”.

Exclusões evidenciadas na fala do Consultor Adjunto da Secretaria de Infra-estrutura do Governo do Ceará na Gestão Lúcio Alcântara, senhor Eduardo Ney, que diz:

Qual é o grande patrimônio que eles têm, e que foi o motivo da consulta inicial? Antes de qualquer coisa nesse projeto; foi feita uma consulta àquela

população, em que o Governo procurou mostrar para eles, que eles tinham um grande patrimônio, que é a posição estratégica que eles hoje ocupam; e que o Governo estaria disposto a fazer uma troca dessa posição estratégica pelos benefícios que o projeto vai gerar (Entrevista gravada em vídeo em 22/06/2004).

Que troca estratégica poderia fazer uma população espoliada em seu dizer? Onde escutá-la? Como? Pensar a cultura do olhar do Poço da Draga é tecer caminhos para essa escuta deste Outro que é interdito.

O poder público finge desconhecer que os moradores da Comunidade Poço da Draga sabem o grau de importância que eles ocupam pela posição privilegiada onde habitam e vivem. Sim, dizemos enfaticamente habitam e vivem, por mais que isto pareça redundante, no entanto não é, pois os moradores do Poço da Draga são mais que habitantes dessa Comunidade, eles a vivenciam cotidianamente, e fazem isto com seus corpos e almas singulares, lutando e resistindo às investidas das forças dos poderosos, com coragem, com sensibilidade e companheirismo. E isto nós pudemos acompanhar em nosso percurso de pesquisa. A este respeito, vejamos como nos fala Izabel Cristina, uma moradora da Comunidade Poço da Draga:

A maior violência cometida pela sociedade dentro de uma favela é o descaso do poder público, né? E essas investidas que vêm acontecendo dentro do Poço da Draga nos tem trazido muito desespero, principalmente para os mais velhos, né? Os moradores mais velhos, porque aqui eles são, é... As suas origens são daqui. As suas vidas. Cada tijolo colocado tem um valor sentimental nessas casas. Eu tiro aqui pela casa da minha mãe, quando a gente, é... Deixa eu ver... Há uns quinze, dezesseis anos, nós morávamos praticamente num barraco, que quando chovia, a gente tinha que se enrolar naqueles plásticos pretos, onde as pessoas tinham tanta pena, que alguns moradores daqui quiseram até fazer uma contribuição para levantar a nossa casa, né? Mas devido à necessidade de cada um, e as condições também, não conseguiram. Então a gente foi à luta mesmo. A gente se acordava duas, três horas da manhã, fazia café e saía vendendo nessas construções aqui no entorno. E a gente conseguiu levantar essa casa que hoje a gente tem o maior orgulho de tê-la, de ter conseguido com muito suor e sacrifício. E esse valor sentimental, não tem preço. E o Governo todo ano quer mostrar os seus prédios históricos, quer deixar cada um a sua "marca", mas se quer, pensa no maior patrimônio, que é o patrimônio mesmo nosso, as pessoas! Não só as estruturas, né? Se eles estão pensando em patrimônio tombado, porque não tomar a memória dessas pessoas daqui? A memória dessas pessoas é quem conta toda essa

trajetória de morar em um bairro, em uma área como é conhecida a Praia de Iracema, que conheceu todo o seu progresso e sua autodestruição, e que conta parte da história de Fortaleza, que conta toda a história dessa degradação que era esse local aqui, a Praia Formosa, né? Que eles destruíram por causa de ambições.

Em nosso modo de ver, isto ilustra o quadro das contradições e dá passagem aos conflitos, que se acirram, também em suas dimensões simbólicas. Por parte do poder público, estes conflitos mudam os seus focos, tão logo tenha, no dizer da referida Comunidade, um “revestrés” nos interesses do grupo de políticos que esteja à frente no poder.

Em nossas caminhadas na construção dos nossos percursos, nós podemos perceber, comprovar e registrar, que há quase um século contradições e conflitos se vê este “puxa que estica, mas nós não largamos”, que é a relação entre a Comunidade Poço da Draga e os poderes locais. Constatamos, também, que ao longo do tempo, apoiados pelo poder público, bares e boates fazem promessas e tentam fazer cooptar a população, no sentido de negar seus direitos ao local. A Comunidade seduzida por estas falsas promessas e com muita esperança ora recua, ora cede. A rede hoteleira puxa para o outro lado e faz outras propostas; novamente a Comunidade se enche de esperanças e cede mais vez. À medida que a área onde está situada a referida Comunidade foi sendo mais e mais valorizada, a população do Poço da Draga tornou cotidiana sua luta para ficar, para morar e viver do que tem aprendido também com a exclusiva, e os poderes públicos e o poder privado organizam suas querelas na tentativa de fazer a Comunidade sair.

Constatamos –ainda- que a vida da população da Comunidade da Draga está construída sobre o signo da resistência, é uma Comunidade não violenta, porém guerreira, e esta talvez seja a síntese contraditória que melhor define esta Comunidade. Existindo há quase um século, mais da metade deste tempo luta

contra o estigma da favelização de forma digna; resistindo ao tempo, faz da luta pelo lugar também a luta pelo direito de sonhar: ver, olhar, sentir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. Teoria Estética, Arte e Comunicação, Martins Fontes Editora Ltda, SP, 1970, Tradução de Artur Mourão.

AGAMBEN, Giorgio. Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua. Tradução: Henrique Burigo, Ed. UFMG, Belo Horizonte, 2002.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelho de Estado, Editorial Presença, Lisboa, 1970.

ALVES, Rubem. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1981.

BARBOSA, Ana Mae, (org.), A Imagem no Ensino da Arte, São Paulo, Perspectiva, 1991.

_____, Tópicos utópicos, Belo Horizonte, C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae, e SALES, Heloisa M. (orgs.) O ensino de arte e sua história, São Paulo, MACAJSP, 1990

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. -4º ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003. – (coleção biblioteca universal)

BENJAMIN, Walter, Magia e técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre a Literatura e História da Cultura; tradução: Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1994.- (obras escolhidas; V.I).

BEZERRA, Teresa Cristina Esmeraldo, o "estetismo difuso" na experiência do hip hop: resistência e adaptação nas versões locais do MH20CE e do movimento hip hop cultural de rua (Dissertação de Mestrado), Fortaleza, UFC, 1999.

BOSI, Alfredo, Reflexões Sobre a Arte, Editora Ática, SP, 1999.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico, Ed. Bertrand, Rio de Janeiro, 1989.

- _____. La distinction – Critique social du jugement – Paris: Minuit, 1979^a.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues, Pesquisa Participante, São Paulo, Brasiliense, 1984.
- BRITES, Blanca e TESSLER, Elida (Org.), O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas, Porto Alegre, Universidade/UFRGS, 2002. (Coleção Visualidade; 4.)
- BUORO, Anamelia Bueno, o olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola, São Paulo, Cortez, 2003.
- _____, Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino de arte, São Paulo, Educ/Fapesp/ Cortez, 2002.
- CAMBI, F. História da Pedagogia. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2^a ed., 1999.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Diferentes, Desiguais e desconectados: Mapas da Interculturalidade. Tradução: Luiz Sérgio Henriques, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.
- _____. Cultura Híbrida: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade, Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; trad. da introdução Gênese Andrade, 4^a ed. 1. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CAVALCANTE, Zélia. Arte na Sala de Aula, Artes Médicas, Porto Alegre, 1995.
- CHAUÍ, Marilena- Artepensamento/Organização Adauto Novaes, SP- Companhia das Letras 1994
- COGGIOLA, O. Universidade e ciência na crise global. São Paulo: Xamã, 2001. COSTA, Marisa Vorraber. Educação Popular Hoje. São Paulo: Loyola, 1998.
- CORTELLA, Mário Sérgio. A Escola e o Conhecimento: Fundamentos Epistemológicos e Políticos. Cortez Editora, São Paulo-SP, 1998.

_____, Mário Sergio. A Escola e o Conhecimento, Cortez, São Paulo, 1998.

DAMÁSIO, Antônio. O Erro de Descartes. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1996.

DAMATTA, Roberto. A Casa e a Rua, 5^o Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DERDYK, Edith- O Desenho de Figura Humana, Editora Scipione, série Pensamento e Ação no Magistério- São Paulo, 1990.

DESLANDES, Suely Ferreira, Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade/Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora), Petrópolis, Rj: Vozes, 1994.

DIÓGENES, Glória. Cartografias da Cultura e da Violência: Gangues, Galeras e o movimento Hip Hop, São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretária da Cultura e Desporto, 1998.

DUARTE Jr, João Francisco. Fundamentos Estéticos da Educação, 2^a Ed. Campinas, SP, Ed. Papyrus, 1988.

_____, O Sentido dos Sentidos, a Educação do Sensível, Ed. Criar LTDA, Curitiba-PR, 2004.

FEITOSA, Charles: Fala Proferida no Curso: A Arte de Pensar a Arte no TJA em 11/04/2001.

FEITOSA, Luiz Tadeu. O Poço da Draga, A Favela e a Biblioteca. Ed. Annablume, São Paulo-SP, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buraque de Holanda. Minidicionário da Língua Portuguesa, Escolar, Século XXI, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2001.

FISCHER, Ernest. A Necessidade da Arte, Zahar Editores, 2^a Ed, RJ, 1976, tradução de Leandro Konder.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão, Petrópolis, Vozes, 1983.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa: São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

FURLANI, Clarisse. Revista Farol, Nº 01, Publicação da Prefeitura Municipal de Fortaleza- CE, OUT. 2006.

FORQUIM, Jean-Claude. Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas de conhecimento escolar. Tradução: Guacira L. Louro. Artes Médicas, Porto Alegre, 1993.

FUSARI, M.F.R.; FERRAZ, M.H.C. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1993

GUEDIN, E. & PIMENTA, S. G. Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

HEGEL, G. F. Hegel, Estética, In Folio, Guimarães Editores, Lisboa, 1993, tradução de Álvaro Ribeiro e Orlando Vitorino.

HILLMAN, James. Cidade & alma. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

Hip Hop-São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretária da Cultura e Desporto, 1998.

HELLER, Agnes. 1988. "Existencialismo, alienación, postmodernismo: los movimientos culturales como vehiculos de cambio em la configuración de la vida cotidiana". In: Políticas de la postmodernidad Barcelona: PenínsulaIdeas.

JUNG, Carl Gustav, O Homem e seus Símbolos, Ed Nova Fronteira, Ila Edição, RJ, 1992.

KOWARICK, Lúcio. A Expolição urbana, 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. A crise do século XX. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

LANIER, Vicent. Devolvendo a arte a arte-educação. Arte 3(10): 04-08, 1984.

LASCH, Chistopher. O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

LIBÂNEO. J. C. Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998. (coleção da nossa época, v. 67)

LINHARES, Ângela. O tortuoso e doce caminho da sensibilidade- um estudo sobre a arte e educação, Editora Unijui, Rio Grande do Sul, 1999

LÓPEZ Quintas, Afonso. Estética; Tradutor Jaime A Clasem-Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

LUIJPEN, Wilhelmus A. M. Introdução à fenomenologia existencial. São Paulo: Ed. Pedagogia e Universidade Ltda,1973.

MARCELO D2; Negão, B. (Participação Especial). CD: Mtv Acústico. Sony Music Publishing, Warner/Chappell. São Paulo, 2004. Faixa 6; Título da faixa: Contexto.

MARTINS, M.C.F. Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M.T. Telles. Didática do Ensino de Arte; a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte, São Paulo: FTD, 1998.

MASON, Rachel, Issues in multicultural art education: A personal view (por uma arte-educação Multicultural), Campinas, Mercado de Letras, 2001.

MCLAREN, Peter. Multiculturalismo Crítico. São Paulo: Cortez, 1997.

MERLEAU-Ponty, Maurice, O Primado da Percepção e suas Conseqüências Filosóficas; tradução de Constança Marcondes César- Campinas, SP: Papyrus, 1990.

_____, Fenomenologia da percepção. Rio de janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1971.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade, Petrópoles, RJ: Vozes, 1994.

MIRADOR, Dicionário. Atlas Mirador Internacional, Rio de Janeiro: Enciclopédia Britânica do Brasil, 1980.

NEMER, José Alérto, Eu Me Desenho: O Artista Diante da Criação Individual e Coletiva, Maza Edições, BH, 1991.

NEVES, Leczy Consuelo, A Casa do Mágico, RJ: Agir, 1986.

NÓVOA, A. (Coord). Os professores e sua Formação, 3ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997

_____ Formação de Professores e Profissão Docente. In: NÓVOA, Antônio.

OLIVEIRA, M. R. N. S. (Org). Confluências e divergências entre didática e currículo. Campinas, SP: Papirus, 1998. (Série Prática Pedagógica)

OSTROWER, Faysa. Acaso e Criação Artística, RJ: Campus, 1990.

PAREYSON, Luigi, Estética: Teoria da Formatividade; tradução de Ephraim Ferreira AlvesPetrópolis, RJ: Vozes, 1993.

PAZ, Otávio. Convergências: ensaios sobre arte e literatura. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

PELBART, Peter Pál. Catálogo: Formarviajarestarinventariar; Cap. I; SESC, São Paulo, Agosto/Dezembro 2000.

PÉREZ GÓMES, Ange!. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, Antônio> (coord) Os professores e sua formação. Lisboa:

Dom Quixote, 1991(coleção Nova Enciclopédia,39).

PEREIRA, Marcos Villela, A estética da professoralidade. Um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. Tese de doutoramento em Supervisão e Currículo, São Paulo, PUC, 1996.

READ, Herbert, A Educação pela Arte, Martins Fontes Editora Ltda, SP, 1982.

RICHTER, Ivone Mendes, Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes

visuais, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

ROUANET, Sérgio Paulo. As razões do iluminismo. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

ROLNIK, Suely. Cultura e Subjetividade. (Org.) Daniel Lins, Ed. Papyrus, Campinas – SP, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência, São Paulo, 5ª Edição, Cortez Editora, 2005.

SCILLER, Friedrich- Cartas Sobre a Educação Estética da Humanidade, Editora Pedagógica e Universitária Ltda, SP, 1991.

SCHON, Donald, Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antônio> (coord) Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1991(coleção Nova Enciclopédia,39).

SEVERINO, Antônio Joaquim, Educação, sujeito e História, São Paulo: Olho d' Água, 2001.

SILVA, J.M. O elo mais frágil. Folha de São Paulo, Caderno Mais, p.13, 10 de maio 1998.

SUASSUNA, Ariano. Iniciação à Estética, 3ª Ed, Recife; Ed. Universitária da UFPE, 1992.

TADDEI, Nazareno. Educar com a Imagem, V ol.I,Ed.Loyola,SP, 1981.

TELLES, Vera da Silva. A pobreza como condição de vida: família, trabalho e direitos entre as classes trabalhadoras urbanas. Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo, V. 4, Nº 2, P. 37-45, Abr/Jun, 1990.

_____. Pobreza e Cidadania: figurações da questão social no Brasil moderno. In: Diretos Sociais: afinal do que se trata? Ed. UFMG, Belo Horizonte, 1999.

TEODORO, Luiza- O Povo, 1996.

WALKLING, P. "Multicultural education", in: ENTWISTLE, Noel (org.), Handbook of educacional ideas and practices, Londres, Routledge, 1999, p. 82-90.

YAZBEK, Maria Carmelita. Classes Sulbateras e Assistência Social, Ed. Cortez, São Paulo, SP, 1993.

ZEICHNER, Ken. A formação reflexiva de professores: idéias e práticas. Lisboa: Educa, 1993.

ZAMBONI, Silvio. A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência/ polêmicas do nosso tempo; Ed. Autores Associados, 1998.

MATERIAL COLHIDO NA COMUNIDADE POÇO DA DRAGA:

ANEXO I

9.1 ENTREVISTAS

Caminhando pelas Ruas e Becos da Comunidade Poço da Draga, nós pedimos ao Júnior, filho da Dona Rocilda Lima Ferreira, ex-presidente da Associação dos Moradores do Poço da Draga, para nos falar a respeito da referida Comunidade, então ele nos disse:

“Pra cá, já fizeram duas maquetes de dezesseis apartamentos, e outra maquete de duplex. Também, por último, chegou a idéia de um Centro Multifuncional de Feiras e Eventos; este Centro teria sua base de construção no mar, soterrando uma parte do mar, e transformando esta parte onde é a Comunidade Poço da Draga e da Indústria Naval, em estacionamento. É assim que o poder público tem pensado esse Centro, e a gente; e a Comunidade da gente, como é que fica?

O terreno da antiga Casa Pernambucana (que era uma loja, ele reforça) e os próximos, eram os lugares pensados para levar a Comunidade para lá. Foram feitas centenas de reuniões para isso. Já desde o Juracy (Prefeito de Fortaleza na época), que desde o prédio da Brahma (que era uma fábrica, ele reforça novamente) até aqui o Poço da Draga, era para fazer os apartamentos.

A gente vive abandonado aqui. Um dos problemas é não ter saneamento. Os banheiros que se tem aqui, na maioria, são com fossas de anéis nos seus quintais. **Este** calçamento (aponta) foi conseguido através da Associação, no tempo que a minha mãe, a dona Rocilda, era a presidente”.

(Nós perguntamos: Júnior, o quê a Associação tem feito hoje, em relação a tudo isso?)

“Nós hoje temos uma ONG, que é o Instituto Velaumar -Assessorias e Empreendimentos-, nós procuramos trabalhar com o pessoal daqui, do Poço da Draga. Nós conseguimos lavagem de roupas para as mulheres da Comunidade, através de contatos com hotéis e motéis.

Nós temos até o plano de uma lavanderia comunitária. Já mandamos tudo o que é de projeto pra todo órgão, e nada!_Aqui tem muita gente que é avulsa, não trabalha com carteira assinada. Mas trabalha do jeito que pode. Hoje, o presidente da Associação, trabalha mais com esporte, que é legal, mas a Comunidade tem fome!”

(Observa-se que a população percebe a magnitude da problemática da fome; apesar de reconhecer a intenção do presidente da Associação (“o presidente é legal”), assinala a prioridade da fome, como problema maior do Poço da Draga) (grifo nosso).

“Tem caso que o marido fica sem nada, sem trabalho... A mulher cobra o trabalho do marido, então eles discutem; é aí que ele bate nela. Essa é a vida de todas as comunidades da periferia. Tem **isto** também”.

(Observa-se, também, a relação que a população faz entre os aspectos materiais da vida e sua influência no plano subjetivo, no mundo das relações domésticas) (grifo nosso).

(Enquanto conversávamos, nós caminhávamos entre as Ruas e Becos da Comunidade, ao chegarmos ao início da Ponte Velha, a verdadeira Ponte Metálica, Júnior nos disse:)

“Eu moro aqui há mais de vinte anos, atualmente, o mar ficou revoltado. Aqui não tem como se desviar do mar. Eles aumentaram o paredão pra livrar o Marina Park (hotel de luxo instalado nas dependências da Comunidade) então, o mar vem com toda força derrubando tudo. Aqui (apontando para o local) moravam nove famílias, mas o mar foi comendo. A Prefeitura tentou indenizar alguns que saíram, mas a Dona Alzira ficou”.

(Subimos na ponte velha, paramos ao lado de um barraco que fica sobre a ponte, e Júnior faz uma pausa, olha em volta e nos fala:)

“Aqui, neste barraco, sem a mínima estrutura, mora a Dona Alzira”.

(Em seguida, Dona Alzira chega à porta, e nós somos apresentados a ela, que nos convida a entrar. Nós entramos, e logo percebemos que ela é uma pessoa da “língua solta”; como ela mesma disse:)

“Eu sou uma pessoa que não tem ‘papa na língua não’, o que eu tenho pra dizer, eu digo é na cara do freguês”!

(Para começo de conversa, ela nos diz que já mora no local há muitos anos, e completa dizendo:)

“Eu num sou a dona daqui não, mas eu num saio da Ponte! E saio, mas pra ficar por aqui ‘mermo’ na Comunidade. Aqui eu vivo da pesca, se eu for pra outro lugar, eu vou viver do quê?

Tem dia que eu não tenho nenhum real pra comprar a mistura do comer. Muita gente diz: Alzira, mulher, sai daqui, que aqui é perigoso! Mas eu num saio não! Eu é de ir pra donde?

Ainda tem uns ‘baitola’, que vem drogado aqui, levar meus caibros, telha; tudo gente peça ruim. Tem nada não, eu arrumo de novo!

Outro dia, teve uma moça que passou por aqui, o nome dela é Rafaela, doidinha assim...(gesticula com a mão fechada, e o dedo indicador estendido e girando em torno da orelha), mas arrumou umas telha, madeira e ajeitou minha casa. Antes, tava tudo enjilhado, igual a tabaco de velha, bem velha!”

(Em meio à conversa, Dona Alzira se levanta, e passa nos mostrar detalhes da sua morada que é constituída de dois cômodos. Em um ela dorme, no outro ela faz de um tudo. A conversa foi divertida e prazerosa. Em seguida, agradecemos a Dona Alzira, e saímos com o Júnior outra vez pelas Ruas e Becos da Comunidade; ao passarmos enfrente a um dos espaços da Comunidade, o Júnior nos disse:)

“Eu estudei aqui (aponta para o local onde hoje é o prédio da Associação), na escolinha das Irmãs, era pela Arquidiocese. Antes, aqui era a escola Comandante Fernando Cavalcante. Eu fiz aqui a alfabetização. Era para ocupar as crianças que ficavam nas ruas. Depois, aqui foi a Delegacia, e também tinha um posto de saúde. O Juracy desativou o posto, com o tempo, ficou deformando. Mas nós ajeitamos, e aqui passou a ser o posto de saúde de novo. A Delegacia não era mais. Agora já está desativado de novo”.

(Ele fez uma pausa, e prosseguiu dizendo:)

“A Comunidade já tem mais de cem anos. A Dona Geralda (Dona Geraldina Pereira da Costa) foi a primeira moradora da Praia de Iracema.

Na verdade, o único pessoal que pode contar a história original da Praia de Iracema é esse aqui do Poço da Draga!_Quando nós chegamos aqui, só tinha o Estoril, a Rua Tabajaras, a Rua Batureté, que hoje só tem depósitos. Aqui onde nós estamos (aponta para o chão), é a Rua Moreira da Rocha, que o mesmo nome do Viaduto, da Ponte Metálica, a Ponte onde tem a casa da Dona Alzira._Aqui era antes a Colônia de Pescadores, a antiga Praia do Peixe; a Indústria Naval se apossou. Depois a Colônia de Pescadores foi remanejada para a Barra de Ceará e para o Conjunto Palmeiras. A Indústria Naval ainda indenizou os que foram pescar (morar) na Barra do Ceará.

Os outros que eram pescadores, e foram remanejados para o Conjunto Palmeiras como vão viver lá, se não há mar lá e eles são pescadores?

Hoje, muitos de nós somos portuários na faixa do cais, estivadores, arrumadores de caminhões, arrumando cargas e trabalhando a bordo dos navios.

As famílias mais antigas daqui são: os Santos e os Vasconcelos._Aqui tem pessoas que entraram depois; não são nativas.

Aqui tem gente de todo tipo: tem pedreiro, servente, encanador, lavadeira; mas tem também muita gente que é formada”.

(Neste momento, chegamos à casa da Dona Rocilda, ex-presidente da Associação dos Moradores do Poço da Draga, e mãe do Júnior e da Izabel Cristina. Logo que chegamos, pedimos à Izabel Cristina que nos falasse sobre a Comunidade, e ela nos disse:)

-Fala da Izabel Cristina, filha da dona Rocilda:

“A Associação foi fundada em 06/06/1983. Pelo período de dez anos, minha mãe foi Presidente da Associação dos Moradores daqui, do Poço da Draga. Contra as investidas do poder público, a Comunidade teve de se virar, de lutar por seus direitos de moradia.

Eu passei por ali e vi algumas pessoas medindo a área; o pessoal (os moradores) já diz: mais outra? Mais outra vez eles vêm querer nos tirar daqui de qualquer jeito? É assim que nós vivemos aqui.

No ano de 1960, Hélio Modesto fez um projeto para revitalizar a Praia de Iracema; foi quando o porto foi transferido para o Mucuripe.

As pessoas aqui viviam da pesca e do porto, o Estaleiro Naval, em 1970, foi instalado aqui, que na época era conhecida como: Praia Formosa ou Praia do Peixe (o antigo Arraial Moura Brasil, ou o Curral, como era também conhecida); porque de fato era muito bonita, e tinha muito peixe. Hoje, já não é tão bonita como era antes; por conta das especulações, apesar de ainda ser bela. Nem tem muitos peixes, por causa das mudanças causadas no mar para beneficiar os ricos que por aqui chegaram depois, como os donos do Marinas Park Hotel. Ainda na década de 1970, eles (os poderes

públicos) mandaram o povo (alguns moradores da Comunidade) para o conjunto Marechal Rondon, em Caucaia (zona municipal de Fortaleza), e para o conjunto Palmeiras. Pra lá, foram mais de duzentas famílias”.

(Ela faz uma pausa na sua fala, então nós pedimos para ela nos falar um pouco mais sobre essa história, ela continua dizendo:)

“A primeira coisa foi porque desativaram o porto. Então, desativaram aqui a economia mais importante da gente. De lá para cá, fica sempre essa cobiça aqui”.

(Ela faz outra pausa, e nos parece que esse assunto foi por ela dado por encerrado, ao menos por enquanto. Então, nós pedimos a ela que nos falasse sobre como os jovens da Comunidade se vêm. Ela nos disse:)

“Vocês me perguntam como os jovens se vêm nesse mundo (dilacerado) da Comunidade? Nós vemos primeiro a Praia de Iracema degradada. Os jovens... As drogas... A prostituição infanto-juvenil... Nós somos muito visados pelas drogas e pela prostituição. Aqui perto (apontando para o lado), era a Escola Comandante Fernando Cavalcante, das Irmãs Josefinas, que passaram 30 anos fazendo alfabetização e catequese na Comunidade. Naquele tempo era mais fácil, o jovem tinha limites; hoje, tem toda essa fantasia que eles acham que é real. Tem as ‘boites’, de dez da noite às cinco da manhã, é: tum, tum, tum...(faz um som com a boca); não sei como arranjam tanta gente para dançar! Uma antiga moradora da Praia de Iracema teve que ir embora daqui, porque não conseguia sair de manhã com o carro dela para ir ao trabalho, pois tinha sempre algum carro estacionado enfrente à sua garagem impedindo a sua saída. O Pirata (um bar dançante que fica próximo), quando era de madrugada, pareciam que tocavam aqui em cima de casa. Nós fizemos um abaixo assinado, eles colocaram uns tapumes, melhorou 50%.

Mais aqui na Comunidade, tem muito jovem que faz coisas legais também; tem o Douglas que faz grafite e aproveita para criticar esse descaso social em que nós vivemos. Todas as caricaturas dele são cheias de sarcasmos, de ironias sociais. Tem também o Alan, o Estevão, o Wilton, e o David, que são outros jovens que fazem arte dentro da Comunidade. O Estevão e o David, eles pintam quadros e vendem lá na feirinha da Beira Mar. O Wilton faz pirogravura (que é um tipo de gravura feita sobre madeira, usando um instrumento que queima a madeira e registra o desenho). O Estevão também trabalha com aquarela, são lindos os quadros dele!

Muitos deles gostam de ficar jogando futebol no campinho da Comunidade, ou vão jogar na quadra do Dragão!”

(Ela fica calada por alguns instantes, e nós aproveitamos para lhe perguntar: E em termos de cultura, como os jovens da Comunidade se relacionam?)

(-Ela nos disse:)

“Pra cá, para os jovens, de ‘vez enquanto’, vinham alguns cursos para eles fazerem, mas pararam de vim”.

(Nós perguntamos: por quê?)

“Porque ‘eles’ mandam, só que vem um curso sobre turismo, quando a Comunidade queria fazer outro tipo de curso. Vinha um curso de xilogravura, quando a Comunidade gostaria de fazer curso de bordado, por exemplo. Os cursos iam ser na Escola Elvira Pinho, que fica aqui na Comunidade, mas parou”.

(Por que, perguntamos novamente?)

“Essas ações são sempre pensadas de cima para baixo, quando deveriam ser pensadas juntas com a Comunidade, sendo feitas enquetes para saber das necessidades da gente, para saber das nossas precisões e das demandas”.

(-Ela faz uma outra pausa, então nós perguntamos: e quanto às diversões?)

“Os jovens daqui têm pouca oportunidade de diversão dentro da Comunidade. Aqui tem um pequeno campo de futebol e nada mais para eles durante o dia. Já à noite, o que eles têm como divertimento, é o espaço da praçinha do Dragão do Mar, ou, nos finais de semana, freqüentar o próprio Dragão do Mar, ou os bares próximos, ou as boates que ficam nas redondezas, como o Bicho Papão, que é um bar de Reggae, o Hei Ho Rock Café, o Canto das Tribos, o Armazém ou a Órbita, que são bares e boates. Mas nestes lugares, eles só ficam, na maioria das vezes, do lado de fora, pois é pago para entrar, e eles não têm: gesticula com a mão, passando o dedo indicador e o polegar um contra o outro, em seguida diz, grana (dinheiro). No mais, é só ficar perambulando pelas redondezas. Antes do Dragão, era dar umas voltas na Praia de Iracema, mas agora, a Praia de Iracema está morta, não tem ninguém! Só o Pirata bar, e algumas boates funcionam, praticamente”.

(E como você vê o Centro Cultural Dragão do Mar, perguntamos?)

“Como que eu vejo o Dragão do Mar? Eu vejo o lado bom e o ruim... Nós vemos que não foi investido assim, aqui para a qualidade de vida da Comunidade em quase nada, na verdade em nada. O lado ruim é o desejo do Governo de se apropriar, do que é nosso. Esquece o Governo, que o maior patrimônio é o próprio povo.

O lado bom é a gente de certo modo, ter acesso assim: 'eles' (referência ao Dragão do Mar) oferecem umas cortesias para a Comunidade, aí a gente vai pegar para poder assistir alguns espetáculos; mas são bem poucas as cortesias, tem uma cota. Outra coisa legal, é que 'eles' abriram espaços para algumas pessoas daqui trabalharem lá no Dragão do Mar. Tem os monitores volantes, que recebem o público visitante nas dependências do Dragão. Tem também o projeto Pintando e Brincando no Dragão, que faz um resgate das brincadeiras populares, que tem 15 monitores que são daqui da Comunidade. Todo final de semana, no Domingo a partir da 16:00 horas, na Praça Verde do Dragão do Mar, os meninos são auxiliares de monitoria dos Museus e fazem brinquedos populares (o que para eles é uma coisa muito legal, pois muitos nunca tiveram a oportunidade de brincar com essas coisas).

Outra função desenvolvida por algumas pessoas da Comunidade, é a de recepcionista, são umas cinco ou seis pessoas que já estão trabalhando nesta função; elas recebem o público e falam sobre os eventos do Dragão, etc..

No total, já são mais de vinte pessoas trabalhando. Eu mesma trabalho 'lá' como coordenadora dos monitores. Bom, esses são os modos d'agente participar, nós sabemos que ainda não é o ideal, mais já foi bem pior. No início, assim que alguns dos meninos da Comunidade colocavam os pés nas calçadas do Dragão, os seguranças ficavam todos ouriçados, passando comunicações uns para os outros através dos rádios de comunicação, para todos ficarem alertas, pois os meninos eram vistos como marginais! Hoje, eles já são respeitados 'lá'.

Mais tudo isso não veio de graça não! Veio às custas de muitas lutas, e das reivindicações nossas! A gente sabe que se não se mexer, nada acontece, a não ser, correr cada vez mais o risco de perder o que é nosso; pois 'eles' estão de olho gordo sobre nós!

Outra coisa, com a chegada do Dragão, valorizou tanto essa área, que tá cada vez mais difícil ficar aqui. No dia 23 de Maio deste ano(2006), a Comunidade completou 99 anos de existência, o Dragão chegou aqui 'ontem', mas 'eles' dizem que nós somos o entorno do Dragão do Mar; mas 'eles' é quem são nosso entorno, pois nós já estávamos aqui quando 'eles' chegaram!"

(E como é a relação de vocês, Moradores da Comunidade Poço da Draga, com Centro Cultural Dragão do Mar?)

"É como eu falei, têm coisas boas e têm coisas que atrapalham. Mas a gente vai levando, nós somos herdeiros desse mundo, e vamos lutar por ele!"

(Nós estamos em pleno mês de Julho, férias, quais a atividades realizadas dentro da Comunidade? Nós perguntamos.)

(Nesse momento, a senhora Luísa de Marillac, que estava presente, toma a palavra para si, e responde a nossa pergunta dizendo:)

(-Fala da Dona Luísa de Marillac:)

“Aqui tem as quadrilhas: Vozes da seca e a Fina Flor da Graviola, que antes era Fina Flor de Iracema; pois é composta basicamente de ex-moradores daqui, do Poço da Draga, que foram morar lá na Graviola (o local fica entre as ruas Tenente Benévolo e Monsenhor Tabosa). A maioria daqui tem ainda ligação de vizinhança com os de lá.

Quando era a Fina Flor de Iracema, nós fizemos aqui na Comunidade; mas quando as pessoas passaram para a Graviola (referência à outra Comunidade vizinha, onde parte dela foi composta por ex-moradores da Comunidade poço da Draga), nós fizemos mesmo lá na Graviola; mas ano que vem, vai ser de novo aqui no Poço da Draga. Vai ser sempre um ano aqui e outro lá, para nós não perder a ligação”.

(E como são organizados os ensaios, nós perguntamos?)

“Bom, a gente reúne as pessoas daqui da Comunidade, e ensaia os ‘passes’...”

(E como são esses ‘passes’, nós perguntamos?).

“Os ‘passes’, são os tradicionais: olha a cobra; olha a chuva; anarriê; grande roda, o caminho da roça. Hoje a quadrilha já está mais espanhola ou francesa, mas eu faço a mais tradicional mesmo”.

(E as roupas da quadrilha como são; nós perguntamos?)

“A gente faz de chitão, ou de resto de tecido, vamos transformando as roupas antigas com retalhos. Os jovens vão se organizando e fazendo o visual deles com o que arranjam. Eles fazem manifestos à política que tá aí. Eles fazem através dos gestos, no perfil da dança mesmo. Ano passado, eles fizeram uma crítica à transposição das águas do São Francisco; foi o

pessoal da quadrilha Vozes da Seca. Nós falamos de história de vida, do saber da Comunidade; é a tentativa de buscar o direito básico de vida”.

(Nesse momento, chega uma Moradora, a Ticiane Gomes, que é brincante da quadrilha Vozes da Seca, e passa a fazer parte da nossa conversa, junta com a Izabel Cristina)

(-Ticiane Gomes, que tinha acabado de chegar, nos diz:)

“Esse é o primeiro ano que eu tô dançando na quadrilha Vozes da Seca, mas já tem 15 anos que ela existe. Esse ano a quadrilha traz uma história de tradição e luxo pra contar. Antes não era como ta sendo hoje: hoje é só luxo; a quadrilha pra nós é o chitão mesmo!_Essa mudança de tecido, do chitão para o tafetá (do tecido ordinário para o tecido de luxo), nós fazemos a crítica até através dos gestos.

Hoje, é o luxo, mas o chitão é esse questionamento. Talvez nem todos tenham nem noção de que se está fazendo uma crítica, mas na prática, têm a consciência disso sim; na prática eles se perguntam: porque o tafetá? Por que um vestido de quinhentos reais? A quadrilha na prática faz esse questionamento, quando procura usar uma calça de retalhos, ou um vestido de Chitão.

O tema foi: Uma história para contar; que fala na tradição e no luxo, esse conflito._O tema desse ano foi o Jangadeiro e a Mulher Rendeira”.

(Nesse momento, Izabel Cristina usando a palavra nos diz:)

“Ainda tem o “Arrastapé”; que um grupo coordenado pela Dona Geysla Viana, que resgata as danças populares com vinte crianças da Comunidade. Ela ensaia o Côco, o Xaxado e o Samba de roda; ela faz essas coisas só com as meninas”.

(Nesse momento, chega a Sabrina Lima, filha da Dona Luísa de Marillac, e sua mãe lhe pede para ela vestir um dos vestidos da quadrilha para que nós façamos uma foto. Ela veste e nós fazemos sua foto.)

(Em outra visita à Comunidade, conversamos com alguns moradores, seguem algumas falas:)

(Nós perguntamos à Dona Mara Vasconcelos: a senhora acha que a Comunidade tem mudado nos últimos anos?)

(-Fala da Dona Mara Vasconcelos:)

“Só para vocês terem uma idéia, nos anos 70, havia somente uma televisão na Comunidade, na casa da Dona Geralda (Dona Geraldina Pereira da Costa); ainda era preta e branca. E a gente tinha que tomar banho, pentear os cabelos, trocar a roupa e fazer fila para ver os programas. Hoje em dia, quase toda casa tem uma televisão; e ainda é colorida! Então, eu acho que mudou muito, só não sei se foi para melhor”.

(E em termos de estrutura, nós perguntamos?)

“Ah! Nisso quase não mudou nada, ta tudo quase do mesmo jeito!”

(Nas nossas andanças pela Comunidade, encontramos o Wasghinton, que nos foi apresentado pela Izabel Cristina, como sendo o treinador dos times de futebol da Comunidade, então, nós lhe pedimos para que ele nos falasse um pouco sobre suas atividades esportivas dentro da Comunidade, ele nos disse:)

“Faz onze anos que eu sou voluntário nesse projeto do futebol da Comunidade. A idéia da gente, não é fazer jogador de futebol profissional, mas sim, tirar essa meninada da rua, afinal de contas, eu tenho dois filhos, e não quero um destino desses para eles”.

(Wasghinton, como é que são os times da Comunidade, perguntamos?)

“Aqui tem quatro times: um adulto. Um infante. Um infantil e um pré-mirim. Em cada time tem doze atletas. Os treinos são as terças e quintas-feiras. Esses times já existem há oito anos. Antes nós tínhamos o apoio do Governo, dentro do projeto: Esporte Massa, que durou aproximadamente

um ano e meio, mas acabou. Atualmente existem algumas promessas, mas são apenas coisas de ano de eleição, e para ser apenas por um curto período, e logo sumir, nós preferimos não começar, para haver decepção depois”.

(Nesse momento, passam os atletas vestidos para o treino, nós aproveitamos para fazer uma foto, e o treinador Wasghinton pede licença para sair, pois tem que realizar o seu trabalho. Porém, antes de sair, diz que vai nos deixar na companhia agradável do “Belchior”; e nós somos apresentados ao senhor José de Carvalho que acabará de chegar.)

(-Fala do José Edson de Carvalho: o ‘Belchior’; apelido ganho pela grande semelhança com o cantor e compositor cearense:)

(Nós o pedimos para que ele nos falasse a respeito do que ele acha da Comunidade, e ele nos disse:)

“No ano de 71, eu vim de Coreaú, interior do Ceará, para trabalhar na cantina da Alfândega, que depois passou a ser chamada de Receita Federal. Mas com a mudança do superintendente, eu tive que deixar de trabalhar lá, então eu fui trabalhar de vendedor ambulante. O meu lugar de trabalho sempre foi a Praia de Iracema. E em 1986, eu vim morar aqui na Comunidade.

Eu estou aqui faz vinte anos. Eu vivo pagando aluguel, pois a casa não é minha. Tem água e luz no meu nome, mas de direito, eu sei que ela não é minha, e eu só quero o que é meu. Eu comecei a pagar o aluguel, eram dois cruzeiros, se não me engano, em 1985/86, e hoje eu pago cento e quarenta reais de aluguel”.

(Edson, para você que veio do interior do Ceará, como é a morada na Comunidade, perguntamos?)

“Aqui é uma Comunidade tranqüila. O pessoal chama de ‘favela’, eu chamo de centro, pois é no centro da cidade que ela existe; foi dela que a cidade começou, ela é que é o centro, o restante é que é a periferia dela.

Para vocês terem uma idéia, eu trabalho de vendedor ambulante nesta área, desde 1971. Eu tenho em casa um boteco. . . Algumas pessoas dizem que é um bar, mas eu chamo mesmo é de boteco. Nele eu vendo algumas 'coisinhas', que ajudam a pagar as despesas. À noite, eu vendo caldo e salada nas calçadas do Dragão do Mar; mas nem sempre dá para ganhar algum dinheirinho.

Neste final de semana (21,22,23/07/2006), vai ter um evento no Dragão do Mar, graças a Deus, vai dar para pagar a água e a luz.

Você sabe, em beira de praia, só passa fome quem quer mesmo, ou quem não tem coragem de trabalhar, pois se quiser, o 'nego' se vira de todo jeito.

Eu gosto muito daqui, eu só quero sair daqui se for para ganhar uma casinha aqui próximo mesmo. Por mim, eu não saia daqui nunca, pois eu gosto de morar aqui. . . Eu já criei raízes aqui.

Durante o tempo que eu moro aqui, eu só vi a Comunidade sair no Barra Pesada (programa policial que passa na TV) duas vezes. Uma vez foi uma briga entre dois cunhados que estavam bêbados; aí um matou o outro com uma facada. Mas já faz muito tempo. Recentemente, uns caras vieram aqui, em um carro, um Celta parece, e tudo indica que eles vieram à procura de "algumas coisas", você sabe (drogas)! E não deu certo, então eles discutiram com um cara e deram quatro tiros nele e foram embora. Porém, foi só isso durante esse tempo todo. Aqui é muito tranqüilo".

(Você disse que já criou raízes na Comunidade, e por falar em raízes, nós soubemos que aqui tem uma 'pracinha' com o seu nome, comentamos):

"É verdade. Bem. . . Assim: tem umas plantinhas que eu plantei, e todo dia eu cuido delas com o maior carinho. Então, algumas pessoas começaram a chamar, a 'pracinha do Belchior', e aí pegou!"

(E como foi que surgiu essa idéia, perguntamos?)

"'Diadesses', eu observei que lá no cantinho do muro (apontando com o dedo para o local), saiu uma pontinha de grama, então eu comecei a aguar. A graminha gostou, pois logo, logo era cresceu. Então eu consegui umas plantinhas e fiz um jardinzinho, e todo dia eu cuido dele como se fosse uma pessoa, até converso. Algumas pessoas às vezes dizem que eu estou ficando doido; mas eu não ligo não!

Durante a copa de mundo desse ano(2006), eu tive a seguinte idéia: ora, a grama é verde e o muro é branco, só falta o azul e o amarelo para ficar igual as cores da bandeira do Brasil; então eu consegui as tintas e pintei em homenagem ao País; ficou bonito, não ficou " (ele pergunta)?

(Respondemos que sim, nos despedimos, e seguimos nossa caminhada por entre os Becos e as Ruas da Comunidade.)

(Em outra visita à Comunidade, encontramos o senhor Evandro Silva de Lima, que nos foi apresentado como sendo escultor. Para começo de conversa, perguntamos de onde ele era; ele nos disse:)

“Eu nasci e me crie aqui na Comunidade, hoje estou com 43 anos de idade”.

(E o trabalho de escultor, como foi que começou; nós perguntamos?)

“Já tem mais de um ano que eu faço esse trabalho com reciclagem de ferro. Eu já trabalhei em uma metalúrgica, era essa aqui do muro amarelo (apontando). Era a Aluprinte Metal Gráfica. Era só negócio de troféu, placas de luminárias. Mas lá eu não tinha a oportunidade de fazer outra coisa que não fosse o trabalho da empresa.

Depois que sai de lá, eu fiz um curso de soldador serralheiro, que trabalha com esquadra e esquadilha; foi aí que eu comecei a me interessar em fazer esse trabalho de escultura. A primeira escultura que eu fiz, foi um palhaço. Eu fiz e mostrei o pessoal; a ‘negrada’ gostou, e eu me empolguei e fiz outras. Tinham aqui outras, mas eu vendi quatro delas”.

(E por que o senhor não produz outras, perguntamos?)

“Se eu tivesse nas mãos tudo que eu preciso para fazer mais, em um dia eu faço uma peça dessas. Eu tenho um colega que trabalha na Gertaxi, o Luiz, ele disse que vai conseguir umas peças dessas para eu fazer mais algumas esculturas, para eu vender”.

(E por quanto o senhor vende cada uma dessas peças, perguntamos?)

“Por cinquenta reais cada uma”.

(O senhor deveria fazer uma exposição com suas esculturas, comentamos.)

“Eu já pensei em ir expor na feirinha da Beira Mar, mas as pessoas me disseram que eu tenho que ter a carteira de artesão, e como eu não tenho, então, eu fico com medo de me tomarem as peças. É assim que ‘eles’ fazem lá”.

(Nós comentamos que essa carteira de artesão, é conseguida (tirada) na central de artesanato Luísa Távora, na Avenida Santos Dumont, o artesão vai até lá, e faz uma demonstração de sua habilidade, comprovando que é ele mesmo quem faz suas peças, e a carteira é fornecida. O senhor Evandro diz que vai pensar no assunto. Em seguida, Ele passou a nos mostrar e a comentar as suas obras. Eram esculturas feitas com peças retiradas de máquinas antigas, e que juntas, compostas, formavam figuras muito interessantes. Terminada a sessão de fotos e de entrevista, nos despedimos, e seguimos nossa caminhada.)

(Em outra visita à Comunidade, nós fomos apresentados ao Douglas, como sendo um dos grafiteiros da Comunidade.)

(De saída, para começar o papo, lhe perguntamos o seu nome completo, ele nos disse:)

“Meu nome é Doglas (sem o ‘u’, só com o ‘o’ mesmo, ele fez questão de frisar) da Silva Vasconcelos”.

(Há quanto tempo você trabalha com grafite, perguntamos?)

“Eu trabalho com grafite há uns três anos”.

(E como foi que você começou?)

“Começou quando minha mãe comprou umas tintas para pintar umas coisas em casa, aí minha irmã me chamou para pintar as paredes de casa sem a mãe saber; então foi aí que tudo começou. Nós pegamos as tintas e fizemos uns desenhos nas paredes de casa. Só que ela, a minha irmã, pintou um coração com uma flecha; e eu pintei uma loucura e achei o maior barato”.

“Antes eu já desenhava. Eu sempre desenhei bem, eu acho... O grafite foi uma forma d’eu mostrar o meu desenho. Antes, eu fazia ‘mangá’; aqueles desenhos de quadrinhos japonês”.

(Doglas, com quem você aprendeu, e em quem você se inspira para fazer o seu trabalho; perguntamos?)

“Grafitar eu aprendi sozinho olhando revistas e batendo papo com a galera sobre o assunto. Mas logo ao chegar na galera, ela não solta de cara os segredos da grafiteagem não; leva um tempo prá eles liberar o jogo e passar ‘as manha’ (leia-se, dar as informações.)”.

“No meu grafite, eu não gosto de trabalhar muito a expressão não, que é para quem olhar, ter a sua própria idéia a respeito; eu penso assim”...

“O que eu gosto, é que sempre pintam umas perguntas do tipo assim: “Cara, por que o desenho não tem nariz? Por que o olho é desse jeito?” E a minha resposta é sempre a mesma, é porque é. Eu me divirto!”

“Outro dia me aconteceu uma parada bem legal. Foi em 2005. Chegaram aqui na Comunidade cinco garotas que vinham dar umas oficinas sobre “zine” (Fanzine; revistas em quadrinho). Duas de Recife, uma Venezuelana, uma Americana e uma Inglesa. Na verdade, elas vieram para dar umas palestras lá no Dragão, então, deram uma passada na Comunidade. Na época eu fazia um curso de desenho animado na Casa Amarela, e não tava nem afim de faltar o curso para bater papo com as ‘gringa’. Mas aí, resolvi da uma folga prá elas. Diz aí que as ‘mina’ piraram a minha cabeça! Cara, as ‘mina’ eram muito loucas, meu! Faziam autos-grafites. Eu pirei depois da passagem dessas ‘mina’ por aqui. Antes, a pintura e o desenho para mim eram gratificantes, pois eu podia compartilhar com os outros; mas agora com o grafite, eu tenho o meu caderno de desenho e os meus quadros que estão em casa, e tenho o “caderno do grafite” que está na rua, em páginas espalhadas pelos muros e paredes da cidade, e isso é o maior barato”.

“A partir daí eu resolvi encarar a coisa de frente. Então, um dia eu vendi o meu celular e comprei uma pistola de pintar. Depois eu vendi o meu videogame e comprei um compressor. Antes eu já tinha comprado umas tintas. Logo em seguida, eu conheci a galera do H2O, que é uma galera de Hip-Hop. Um ‘diadesses’, a Izabel Cristina me deu um toque que o artista

plástico Zé Tarcísio tinha convidado alguns grafiteiros para fazer uns grafites no Dragão do Mar, então falou prá eu ir lá conferir a parada. Quando eu cheguei lá, eu me deparei só com as feras; entre elas, o 'Grude', meu irmão, vixe-maria, o cara grafita muuuito..."

"Logo que eu cheguei na parada, eu fiquei me perguntando: vale-me Deus! O que é que eu vou fazer? Foi nesse dia que fiz a primeira figura de um nordestino. Quando eu terminei, eu me afastei um pouquinho, fiquei olhando... E me amarrei na figura que eu fiz; foi louco cara, foi muito louco 'mermo'!"

(Você trabalha mais com aerógrafo, Spray, ou com os dois, perguntamos?)

"Eu gosto mais de trabalhar com aerógrafo; trabalhar com o spray é mais difícil para mim".

(Por que, perguntamos?)

"Por causa das "manha" do Spray que são foda! Desculpa aí o palavrão. . ."

(Dizemos que está tudo bem, em seguida, o Douglas tem que começar o seu trabalho, que é pintar uma moto de um dos seus amigos, ou como ele mesmo nos diz, parceiro; então, ficamos registrando tudo em fotografia. Ao final, agradecemos ao Douglas, e nos despedimos.)

Entrevista com a Coordenadora pedagógica da Escola de Ensino Fundamental e Médio Elvira Pinho, a senhora Sandra Pedrosa.

(Perguntamos: Dona Sandra, faz quanto tempo a senhora está na Escola, e como é que a senhora hoje vê a Escola Elvira Pinho?)

“Para mim, a minha história na Escola, é a minha história no serviço público, né? Que eu entrei em 94, vai fazer doze anos. E que, como a gente tinha conversado o que eu vejo da Escola, é um projeto de Escola que não deu certo; o mesmo projeto que se tinha dez anos atrás se quer implantar agora, e não está dando certo, visivelmente não está dando certo. A Comunidade mudou, sensivelmente para pior, nesse sentido de, não consegue se profissionalizar, não consegue ter um atendimento de educação básica satisfatório, não consegue melhorar a sua qualidade de vida, o que a gente vê na Comunidade é essa deteriorização, cada vez mais, e a Escola faz parte disso, e está indo junto nesse bolo, né? Ela está num bairro turístico, a Escola não atende a expectativa dessa clientela, a gente fica perdida até posso dizer assim, nós fomos criados na Praia de Iracema, e será que tem sentido uma Escola na Praia de Iracema, um bairro turístico, será que a gente faz parte desse complexo cultural Centro Dragão do Mar, que é ultra moderno, e a Escola ficou para traz? Né, a gente se pergunta muito isso. Será que a Escola não é necessária nesse momento atual? Então, todos esses questionamentos a gente tem. E a gente pensa que a gente tem duas vertentes, a Escola, ou Ela caminha só para a profissionalização e vestibular, ou então nessa parte da formação, né? Não só objetivando o concurso, o vestibular seria um concurso. A gente formar mesmo o cidadão, trabalhar mesmo o cidadão na sua plenitude dentro da Escola, com tudo que Ele tem aí, com tudo que Ele traz para esse espaço, e a gente não está conseguindo nem uma coisa, nem outra. Eu acho que aí está a nossa falha”.

(A Coordenadora Sandra Pedrosa faz uma longa pausa, e nós aproveitamos para lhe perguntar: Qual a importância dessa Escola para a Comunidade, e como é que a Comunidade hoje vê a Escola Elvira Pinho?)

“Hoje, assim... Isso é uma opinião minha pessoal, né? Do que eu vejo ao longo desses quase doze anos. E que a Escola era um espaço que quem queria, ou não, tinha formação, e essa formação chegava, e nas entre linhas era aceita. Hoje eu vejo como a Escola, e como também o projeto político do Estado quer, é que a Escola se abra à Comunidade, no sentido de que, a Escola seja aberta pro líder comunitário, no caso aqui da gente o Joãozinho (João Brito), mas que seja um espaço que tenha esporte, que aqui tenha reunião da Comunidade, que aqui tenha a missa que a Comunidade quer, que aqui venha o pastor, que aqui forme a catequese, mil e uma coisa, mas que isso é totalmente descaracterizado do nosso objetivo maior que é esse lance da aprendizagem. Mas a gente também não pode fazer com que isso aqui vire um clube social, ou um centro

comunitário. Então, ta num ponto que eu vejo que a proposta política do Estado, é que, aqui vire um centro comunitário, que os outros também faliram, essa parte assistencialista, né? O serviço social do Estado. Eles tão só falindo, então, eles estão só jogando tudo pra Escola, e a Escola está sendo descaracterizada. A gente que pegar os homens sentar e dizer olha: a Escola ainda uma instituição que trabalha com ensino e aprendizagem. A gente não pode também deixar se descaracterizar. Então a gente ta assim... a gente ta perdido, mas a gente acha que ta num rumo, que a gente ta certo. Como se essa discussão fosse maior que a função social da Escola. Será que Ela ta perdida, e não tem como resgatar? Eu acho que é esse ponto que a gente ta”.

Então, perguntamos: o que a senhora nos diz, é que a Escola não desconhece as necessidades as quais a Comunidade passa; a Escola somente tenta rebuscar a sua necessidade primeira, que é trabalhar o ensino, a aprendizagem, não é isso?)

“Exatamente”.

(E no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem, como está se dando essa questão dentro da Escola Elvira Pinho?)

“Aqui ta num nível, péssimo de ensino, péssimo. O que a gente vê é a gente não ta conseguindo os objetivos da gente, formar... quer queira ou não, você trabalha com, com, com... com uma cultura sistematizada, né? Então a gente tem aquele conteúdo, você toda uma programação, claro que a gente trabalha com flexibilidade, o ideal de trabalhar com o corpo humano, então vamos ver como é que ta... como é a imagem que os meninos têm do corpo, né?, a gente não trabalha só aquele conteúdo em si, então a gente explora: qual a imagem que a gente tem do corpo da gente? O que é que o meu corpo reflete na maneira de eu ser? Então a gente ta sempre trabalhando isso; traz outros profissionais, para ´enfeitar´ os projetos que trabalhamos na Escola, mas a gente ta sentindo que a coisa não anda, não anda! Os meninos estão desinteressados, o professor também está totalmente desmotivado; e isso tem um peso assim, fundamental, a gente conseguiu, historicamente, conseguiu que o professor se sinta acabado no final da carreira. O legal era a gente ta no final de carreira, contente porque chegou inteiro, né?, aos trancos e barrancos, você chegou inteiro, você acumulou experiência, mas o professor não ta mais realizando isso. Ele contando o tempo que falta para ele se aposentar. Isso é uma perda que eu fundamental; você trabalhar desmotivado, também”.

(Ela faz outra pausa, então, nós lhe perguntamos: a Comunidade vem até a Escola, ainda que não seja em número significativo, desejado, mas ela vem à Escola? A Escola também vai à Comunidade?)

“Vai, a gente tem um trabalho, a gente faz um mapeamento de toda essa questão da evasão, a gente tem matrícula, mas não tem a frequência do aluno, que é a assiduidade dele. Então a gente se preocupa muito com isso, o quê ocasionou a evasão. E dentro do possível, quando a gente localiza o aluno, a gente vai ver: ou faz visita domiciliar, ou por telefone, ou através, quando a gente perde o contato com esse menino que ele abandonou, que agente vai ver, ele mudou, viajou, ou ta preso; ou por algum motivo que a gente registra na ficha dele, para a gente saber qual foi o motivo dessa evasão. E por incrível que pareça, muitos dos abandonos que a gente tem; e eu não sei aqui lhe dizer a porcentagem, mas muito mesmo, um grande número, é que o menino simplesmente deixou de estudar e está na rua”.

Pausa.

(Aproveitamos para fazer outra pergunta: e este, “simplesmente deixou de estudar”, não tem motivo, ainda que seja aparente, por esta falta de interesse?)

“Eu acredito, várias reprovações pesam muito, né?, reprovações sucessivas, não tem aluno, não tem cristão que agüente, né?, por que ele se sente muito por baixo, há uma baixa da estima danada, vejo também, que ele não vê na Escola... Como é que eu posso lhe dizer? Ele não está vendo na Escola, motivo. A Escola não está atendendo de imediato a necessidade dele de sobrevivência”.

Pausa.

(Fazemos mais uma pergunta: parece que os alunos estão tendo outros tipos de interesses; interesses que a Escola não está conseguindo corresponder às expectativas. O que a senhora acha que deveria ser feito com a Escola, como um todo, para que ela pudesse corresponder a essas expectativas, e ter de volta um número significativo de alunos?)

“Bom, eu penso, assim, é uma coisa ousada, mas eu ainda acredito que no Ensino Fundamental, a gente tem que ter um horário integral. A Escola ter uma estrutura boa, que esse aluno fique no esporte, com uma qualificação profissional. Que a gente prepare, não vou nem dizer que a gente

profissionalize, mas você qualifique para a vida profissional. Para isso, o esporte é fundamental. Artes. Que não ta tendo na Escola, pois nós não temos profissionais na Escola que trabalhe um projeto com artes, teatro. É... que trabalhe essa parte da expressão corporal, que ajuda também na parte do esporte. Artes Visuais, né?, a gente vê alguns projetos, que um ou outro aluno que está fora da Escola e que participa de (ONG) Organização Não Governamental, ou de alguns projetos, e que você vê que esse aluno muda o comportamento, muda o nível de interesse dele, e ele muda totalmente, muda a pessoa. Então, a gente ta pensando, que esse tipo de coisa é que tem que ser trazida para dentro da Escola, mas não que a Escola isole isso, que coloque, provavelmente, dentro do currículo da Escolar, não seja coisas isoladas, jogadas, que a Escola ta servindo à Comunidade, na época "X" faz isso; não, deve ser um trabalho contínuo, que faça parte da nossa rotina, que a gente precisa e ta sentindo muita falta disso".

(Fazemos uma nova pergunta: A senhora falou do tempo integral de estudos, como sendo uma das formas de resolver, a Escola, segundo me foi informado, só está tendo aulas pela manhã e à noite, porque não tem aula à tarde?)

"Porque há evasão. No ano anterior não, e em 2005 a gente terminou com um número muito reduzido de alunos e é inviável a Escola formar toda uma estrutura, um aparato, funcionar com dinheiro e tudo como é que a gente tem essa responsabilidade de funcionar como tava funcionando. A gente tentou convergir o que pode alocar no turno da manhã e no turno da noite".

(Fazemos uma nova pergunta: Nós temos circulado de forma razoável pela Comunidade Poço da Draga, e temos visto a meninada em uma grande quantidade, sobretudo à tarde sem fazer nada na Comunidade ou fazendo "qualquer coisa"; circulando de bobeira etc. Essa meninada poderia estar muito bem na Escola, ainda que não fosse, propriamente na sala de aula, mas, desenvolvendo outras atividades, como a senhora mesma falou; esporte, arte, ou algum tipo de formação. Tem algum projeto desse tipo que possa trazer a meninada pra cá?)

"A gente fez projetos que foram abortados. Abortados no sentido de que, nós mostramos os projetos para a Secretaria de Educação e não foram contemplados. A gente mostrou a carência da Comunidade e o levantamento do número de alunos da Escola que queria assistir; aí eles disseram que era uma área muito privilegiada por ter o Centro Cultural, o Dragão do Mar, tinha Fundação Pirata, e que isso já tava contemplando essa meninada que ta aí, né? E alegando o número reduzido de alunos, só

que o número reduzido de alunos da gente é por conta de não afetar também esse outro lado, uma coisa ta negando a outra né?”

(Fazemos uma nova pergunta: é interessante que se sente a defasagem, a deficiência, e ela se dá, ou pelo menos é justificada pelo fato de se ter um equipamento como o Dragão do Mar, ou seja, vocês já tem o que precisam, nós não damos mais porque vocês já tem o que precisam, no entanto, o Dragão do Mar também é um órgão público, ou pelo menos em parte público, e que lá não se absorve a Comunidade Poço da Draga, não tem nenhum projeto lá que esteja funcionando em termos pedagógicos pra essa meninada que ta muito de bobeira, não é? Ou seja a meninada nem vai ao Dragão do Mar, nem vem à Escola. Não vem à Escola porque já tem o Dragão do Mar, e não vai ao Dragão do Mar porque já tem a Escola, então fica em um jogo de puxa e estica que não corresponde à expectativa nem de um lado, nem do outro, e a Comunidade continua prejudicada. Como é que você ver essa questão?)

“Porque é diferente de situação pra situação. No sábado levamos um grupo de vinte alunos pra assistir o projeto miudinho que é de concerto musical, né? E foi uma aula pedagógica, só que a gente sentiu que o aluno não tinha, a gente quer criar um espectador, mas é difícil em momentos isolados não se tem essa informação a partir da Escola; não adianta levar pra assistir um concerto se na escola ele não tem vivência nenhuma com instrumento musical ele nunca viu um vídeo que aborde isso didaticamente, né? Não tem um professor que trabalhe com isso; que tenha esse lado artístico mais apurado, até como espectador, porque você sabe que eu posso muito bem não ser um artista, mas eu posso ter um olho pra apreciar, né? Então a gente vê que até na gente, na nossa formação faltou esse olho de espectador”.

(Nós comentamos: Ou a própria audição.)

“É exatamente”.

(Fazemos uma pergunta: que tipo de trabalho estava sendo apresentado no momento?)

“Na escola?”

(Fazemos uma pergunta: não lá no Dragão do Mar, era música? Que tipo de música?)

“Era música, eles estavam mostrando os instrumentos antigos, como o cravo, a família das flautas, a percussão. Como é que iniciaram os mais antigos instrumentos, e tocaram um pouquinho de música contemporânea e música de época”.

(Comentamos: é difícil para essa menina assimilar se ela não tinha tido um contato anterior)

“Exatamente... A gente sempre precisava. Falta isso, esse lado artístico para trabalhar na Escola o esporte. É... Todo mundo sabe jogar bola, mas pra competir, será que essa menina, não tá treinada para uma competição?”

(Comentamos: falta noção de coletivo, de objetivo, de disciplina.)

“De coletivo de disciplina, e de respeito”.

(Comentamos: e isso é um papel da Escola.)

“Isso a gente passa, quer dizer: a gente tá batendo em uma prática, mas não se faz nada”.

(Nós comentamos: dentro de um rachinha em uma Comunidade, em princípio, é definido pela lei do mais forte, a Escola e que entra para...)

“No racha, o mais forte vai definir; se o time é meu, eu vou definir as regras. E aqui não, você sabe que no esporte você vai trabalhar a disciplinar de forma mais democrática, né? A gente vai ter que se dedicar ao grupo, não sou eu, é ao grupo... Eu acho que é essa parte do educativo também muito forte que a gente peca, né? Então a gente se sente sem recurso sem material humano. A gente ficar só no livro, na xérox, quando muito um vídiuzinho, né? Você fazer leitura, mas aquela leitura com acervo, mas só o acervo que a gente tem, né? Que a gente ainda procura ousar alguma coisa nessa parte de leitura, diversificar os portadores de textos, a gente trazer leituras de fora para dentro da Escola, traz o gibi, trás o jornal, traz o... Como agora a gente trabalhou o projeto político sobre política, então vamos trazer os santinhos dos candidatos, vamos ver aqui pela cara pelo número, né? Ver o partido. Então, foi uma pesquisa assim bem legal. Os meninos hoje, eu acredito, pela conversa que nós tivemos com os meninos, que eles sabem identificar bem melhor; sabem dissociar quem que presta independente de partido ou não. Do que o próprio pai, que é o eleitor, né? Das crianças, pois eles deram uma aula aqui pra gente”.

(Perguntamos: você falou da questão do livro, nós lembramos da Biblioteca Pública que é aqui vizinha. Como é que se dar a relação da Escola Elvira Pinho e a Biblioteca Pública Menezes Pimentel?)

“A gente já teve trabalho legal também por lá, pois eles trabalharam projeto de contação de história, né? Com o público infantil, e a gente participava desse projeto. Durante seis meses, a gente ia semanalmente lá com um grupo de crianças eles participavam da contação de história e eles iam manusear os livros escolher a leitura deles por prazer, que o fundamental era isso você vai ler por prazer não por obrigação. E a gente foi e trouxe essa cultura para casa, né? De que além dessa leitura imposta, você ter também, momentos da leitura prazerosa, né? Então, e os meninos, por incrível que pareça, os que gostam de ler, aqui com a gente, eles freqüentam a Biblioteca”.

(Comentamos: uma coisa puxa a outra.)

“É, exatamente, foi uma coisa que nos ajudou, porque uma coisa puxa a outra”.

(A Escola Elvira Pinho, bem como a Comunidade Poço da Draga, têm uma vizinhança muito abastada, né? É uma vizinhança rica; o Marinas Park, toda essa rede hoteleira que se encontra aqui à direita da Escola. Tem alguma iniciativa dessa vizinhança abastada de participar efetivamente, contribuindo de alguma forma com a Escola? Perguntamos.)

“Até hoje, só a Fundação Pirata, que é uma gotinha no oceano, mas que eles têm um grupo, e é legal que esse projeto eles renovam de dois em dois anos, e quando o menino completa doze anos, ele sai do projeto, por que eles só trabalham com crianças de oito a doze anos, e a gente vê o resultado, com esses alunos que participam do projeto (Ela faz uma correção), não são só alunos, eles atendem à Comunidade, né?, são crianças da Comunidade. E quanto aos outros, os outros empresários aqui da Praia de Iracema, eles só nos procuram, a Polícia Federal tá dando em cima questão da prostituição e do tráfico de drogas, e eles para limpar a barra deles, criam ali uma Associação, pegam a Escola para conversar e tal, então prometem, prometem, mas de fato nunca houve uma contribuição”.

(Nós comentamos: parece-nos que logo no começo o pessoal do Pirata, o Júlio, também sofreu alguma hostilização, por conta da Comunidade; o que de certo modo nos pareceu justo, uma vez que, quando o bar se instalou, causou um barulho enorme durante as noites. Porém, segundo nos foi informado, a Comunidade procurou conversar com o proprietário, e ele entrou em acordo com a Comunidade, pois entendeu o posicionamento da mesma.)

“Exato. A Fundação Pirata não surgiu do nada, ela surgiu desses acordos, dessas negociações. Vamos dizer: ‘você está no nosso espaço, então você vai ter que nos dar alguma coisa em troca, que beneficie as pessoas daqui’”.

(Comentamos: Não seria o caso, então, de se pressionar esse corpo de empresário, para que esse mesmo corpo de empresário passasse a contribuir com a Escola, nesse momento difícil, em que a Escola está passando?)

“Olha, a gente cansou de esperar essa ajuda, agora a gente luta assim, não a Escola de frente, mais a gente luta com o quê? Com um líder comunitário, com a Associação da Praia de Iracema, né? Porque a Associação deles, que já criou a CAPENE; se não me engano, o nome é CAPENE, ela já furou. Então é uma coisa assim, que a gente não acredita muito neles, como Associação, enquanto Associação; porque Associação hoje existe, amanhã não! Então é uma coisa, assim meio ocasional. Mas isso aí, é realmente, a gente tem que se juntar e dar uma pressão, porque até agora... E eu acho que a Comunidade ta pressionando muito pouco! Tanto a Comunidade, aqui eu digo a Escola também, como sendo da Comunidade”.

(A Comunidade e a Escola, elas viveram sempre, ou quase sempre, entre a iniciativa pública e a iniciativa privada. Nós ouvimos de um morador da Comunidade, que a um tempo atrás, tinha uma escolinha que era mantida pela Arquidiocese, e que eram umas freiras quem tomavam de conta. O que a senhora sabe sobre essa História?)

“Daqui do bairro?”

(Não, da Comunidade. Nós parece que a escolinha funcionava onde hoje é a sede da Associação dos Moradores da Comunidade Poço da Draga.)

“Ah! É... Era a quem chamavam: a “Escola das Irmãzinhas”, era conhecida como a “Escola das Irmãzinhas”, que logo depois, ficou um grupo de voluntários, que a Prefeitura dava o material, mas não fornecia os profissionais, dava algum material, como sobrevida daquela Escola, né? Porque ela (a Prefeitura) nunca a assumiu de fato, né? A das Irmãzinhas eu peguei muito pouco essa época, quando eu peguei já era assim, essa sobrevida via Prefeitura, né? E o Estado também nunca pegou esse gancho lá. Agora essa questão da Escola das Irmãzinhas, eu acho que ali houve pouca briga da Comunidade, sabe? De, dali fazer uma coisa maior, aquela foi uma iniciativa legal, apesar de que é aquela coisa que eu te digo, nunca é como a gente quer, nunca abrangia a clientela, o máximo que a gente queria absorver né? E a gente teve uma relação quando a Prefeitura deu uma sobrevida à Escola, a gente teve uma relação de que, a gente pegava todos esses alunos que quando antes a gente... Teve uma coisa boa que eu vou tentar aqui explicar: a gente pegava alunos com seis, sete anos que nesse tempo a gente ainda a tendia de seis anos, que nunca tinha ido à Escola, que pra gente, quer dizer aquele aluno já entrar com sete anos com uma defasagem em escolaridade, cheio de experiência no meio da rua, mas com uma defasagem de Escola já de dois três anos. Então, passando por lá ele só tinha um pouquinho de adaptação no que é uma Escola, então pra gente é meio sentido, e eles vinham semi-alfabetizados, né? Então, a gente via que esses alunos, quando a gente pegava e fazia distinção de um aluno de sete anos que nunca tinha estuda, que realmente eles tinham mais facilidade, né? Então pra gente era bom porque a gente tinha essa troca, a gente trocava livros, o material excedente que a Escola tinha a gente

repassava para eles, cansamos de uma mão lavar a outra; como se diz, né? Por que a gente não queria que a Escola morresse, mais a gente achava as vezes vinha uma ordem governamental oferecida, e pouco a Comunidade fez para ela continuar”.

(Pausa.)

(Perguntamos: tem alguma coisa mais para ser acrescentada?)

“Ressaltar aqui, assim, sem jogar louros em ninguém, que a gente tinha uma líder comunitária muito guerreira dentro dessa comunidade, muito guerreira, que é tal coisa, né? A época dela passou, as pessoas entenderam de outra forma, que foi a Dona Rocilda. Realmente a Dona Rosilda mostrou o Poço da Draga para mídia, posso dizer assim. O Poço da Draga era só o Baixa Pau. A Dona Rocilda, acho que foi a grande líder que... pode ter outros trabalhos, mais a Dona Rocilda conseguiu pegar o Baixa Pau e dizer: olha nós somos é Poço da Draga, e estamos aqui, nós existimos! Esse é mérito da Dona Rocilda”.

(Perguntamos: e de onde vem esse nome Baixa Pau?)

“Olha, dizem os alunos que é essa história que tinha muita briga, né? A história baixou o pau, na Comunidade baixou o pau. Ai ficou baixou o pau, né? É a história dos alunos, não sei se tem fundamento”.

(Uma outra coisa que nos ocorreu, a Escola aqui é de Ensino Médio e Fundamental, qual a faixa etária que vocês trabalham?)

“Esse ano os alunos de sete, oito anos já tão sendo absorvidos pela Prefeitura. Então, a gente ta deixando esse Fundamental Hum, né? Aos poucos, a gente ta trabalhando com criança a partir de nove anos, ai tem o Ensino Médio à noite, que é irrestrita à idade, estamos trabalhando com alfabetização de jovens e adultos, que também tem alunos de 75 anos, sendo o aluno mais velho. Então a gente tem alunos do Ensino Médio que era pra ta de 14 a 18 anos, a gente estendeu tem aluno aqui que tem 60 anos, e ta no Ensino Médio, e já voltou a estudar”.

(Perguntamos: esse aluno de setenta e cinco anos qual o nome dele? Ele está em que série?)

“Deixa eu lembrar o nome dele... Seu Jerônimo; Seu Jerônimo tem setenta e cinco anos, e Seu Jerônimo, a maior felicidade dele é porque leu o nome do ônibus, né? Ele tá identificando o nome dele, fazendo o nome, fazendo como se diz, né? Fazendo o nome, e lendo o nome lendo dele, onde ele vê o nome dele, ele já reconhece, e lê o ônibus dele. Então ele tá começando esse processo de alfabetização e é aluno super assíduo, e só falta dia de quarta, porque é o dia que ele tem um trabalhozinho extra. E é assim super legal a experiência do Seu Jerônimo”.

(Isso é uma maravilha, vamos ver se em outro momento desses, conversamos com o Seu Jerônimo, seria muito legal.)

“E o legal que nessa sala, eu tenho mãe e filho estudando, se alfabetizando, aquele filho que abandonou a Escola, retornou para esse processo de alfabetização, e tá mãe e filho tudo junto”.

(Perguntamos: isso é à noite?)

À noite.

(Perguntamos outra vez: e o espaço nesse momento à noite é oferecido a um público bem específico?)

“Pronto! E é legal saber deles, porque eles retornaram à Escola, e por que eles permanecem na Escola”.

(Comentamos: eles devem ter boas histórias para nos contar.)

“Hanran... E como têm”.

(Ok! Dona Sandra, nós vamos dar uma parada por aqui, e desde já agradecemos e esperamos poder voltar...)

“Tantas vezes vocês queiram...”

(Legal. Então, muito obrigado, pela entrevista e pelas boas informações fornecidas.)

“Muito obrigado também”.

Entrevistas realizadas com algumas pessoas que participaram da oficina de artes feita com areia colorida dentro de vidros, realizada na Comunidade Poço da Draga em Setembro de 2006.

1º Entrevistada:

(Por favor, qual o seu nome completo, e a data do seu nascimento?)

“Djeyne Silva Rudolf, nascida no dia 16 de Julho de 1990”.

(Djeyne, fale para nós, sobre a experiência de ter feito esse curso de artes com areia colorida.)

“Foi muito bom, diferente. Eu nunca tinha feito um curso assim, foi muito legal”.

(Djeyne faz quanto tempo que você mora aqui na Comunidade?)

“Desde que eu nasci. Faz dezesseis anos”.

(Como é para você morar aqui na Comunidade; o que tem aqui que você acha que é legal, e o que você gostaria que mudasse?)

“Não, nada. Eu gosto de morar aqui, das coisas que aqui tem. Eu gosto”.

(Você já tinha feito outros cursos aqui na Comunidade?)

“Não. Eu nunca me interessei em fazer nenhum curso por aqui não”.

(E porque você não havia se interessado antes em fazer algum curso?)

“Não sei... Falta de tempo, eu acho”.

(Atualmente você está estudando, se está, está em qual série?)

“Eu estou no primeiro ano do Ensino Médio”.

(Você pensa em fazer vestibular, e para quê, você já tem alguma idéia?)

“Não sei se eu vou fazer vestibular não”.

(Por que você não se imagina na Faculdade, ou em algo do tipo?)

“Eu não me imagino na Faculdade, mas talvez eu tente para bioquímica”.

(E esse interesse pela bioquímica vem de onde?)

“Vem... Vem... Sei lá, é porque eu gosto. Tipo assim... É porque eu tenho interesse”.

(Você se imagina trabalhando com biologia, ou com química?)

“Me imagino”.

(E que tipo de trabalho você gostaria de fazer?)

“Tipo assim, é... Como cientista, fazendo misturas, coisas assim”.

(Legal, maravilha, então é só estudar, terminar o Ensino Médio, fazer vestibular e entrar na Faculdade, o que você acha dessa idéia?)

“É, vamos tentar né? Ver se passa e aí, seguir carreira”.

(Legal, muito obrigado, e boa sorte.)

“Obrigado você”.

(Por nada.)

2º Entrevistada:

(Por favor, nome completo e data de nascimento:)

“Raúla Alimigica Silva Lourenço, nascida no dia 29 Julho de 1992”.

(Faz quanto tempo que você mora na Comunidade?)

“Há dez meses”.

(E antes você morava aonde?)

“Eu morava no Conjunto Esperança”.

(E que houve, para você vim morar aqui na Comunidade?)

“Não, é que quando o rapaz me disse, eu achei muito interessante, e eu tive vontade de vim aprender como é”.

(Mas você mora na Comunidade, ou no Conjunto Esperança?)

“Agora eu moro aqui”.

(Você já está morando a dez meses aqui, é isso?)

“É”.

(E por que a mudança do Conjunto Esperança para cá, para a Comunidade Poço da Draga?)

“Foi o momento, a minha avó morar aqui, aí a gente também veio morar aqui”.

(Ah! Você morar com os seus pais e avós nesse momento, não é?)

“É”.

(Comentamos: vez ou outra nós temos ouvido comentários do contrário: pessoas daqui da Comunidade Poço da Draga que foram morar no Conjunto Palmeiras;

agora está acontecendo o inverso. É alguém que já tinha morado aqui antes, e agora voltou, você sabe dizer?)

“Não. Ela sempre morou aqui na Comunidade, minha avó; nós é que vínhamos só passar o final de semana, mas chegou uma época que nós viemos morar aqui de vez”.

(Você está estudando, e está em que série?)

“Eu estou na 8º Série”.

(Que tipo de coisa você acha que tem de legal na Comunidade, e que tipo de coisa você gostaria que fosse mudada aqui na comunidade?)

“Eu não sei, porque faz pouco tempo que eu estou aqui, e eu acho muito legal essa Comunidade. Sempre aparecem esses cursos para a gente aprender alguma coisa e eu acho isso muito interessante”.

(Por falar no curso, como ele foi para você, e que experiência você tirou dele?)

“Eu achei muito interessante, porque eu nunca tinha visto, tinha só ouvido comentar, mas eu não sabia como era que fazia”.

(E como para você ter contato com essa técnica?)

“Foi engraçado, assim divertido”...

(É legal, não é?)

“É”.

(Ok! Muito obrigado e bom final de semana.)

“Pra você também; tchau!”

3º Entrevistada:

(Por favor, nome completo, e data de nascimento.)

“Geovânia Silva de Lima, nascida em 23 de Fevereiro de 1968”.

(Aonde a senhora nasceu?)

“Eu nasci aqui mesmo, na Comunidade mesmo”.

(Como é que foi a sua infância aqui na Comunidade?)

“Ah! A minha infância foi um pouquinho triste, porque eu perdi a minha mãe muito cedo, fiquei sem mãe, aí... Eu não gosto nem de falar muito sobre minha infância, porque foi muito triste”.

(A senhora lembra da parte boa da infância, que era brincar por aqui?)

“Pois é, é como eu disse para vocês, eu quase não tive infância; pois quando a minha mãe morreu, eu fui cuidar dos meus irmãos que eram muitos irmãos, aí não tive infância; tive só muito trabalho, né? Pra cuidar dos meus irmãos que eram muito pequenos. Ficou um que era muito novinho, que a minha avó terminou de criar. E aí eu não tive infância”.

(A Comunidade mudou muito dessa época para cá?)

“Mudou. Com certeza mudou muito, muito mesmo, porque as mães foram tendo filhos, e aí os filhos foram crescendo, foram tendo outras cabeças, né? Mas era todo mundo tipo família aqui né? Que o povo aqui é assim, como se fosse família, né? Tem os seus arranhões, mas aí, toda Comunidade tem; e aqui como tem muito menino, é assim né? É bom, as pessoas são muito, é... Amigas, ajudam sabe? E é muito boa a Comunidade”.

(O que tem de legal na Comunidade que a senhora gosta, e o que a senhora gostaria que fosse mudado na Comunidade?)

“Ah! O que eu mudaria, era porque aqui na nossa Comunidade, a gente gostaria muito que fosse colocado um saneamento, que não tem né? Gostaria que fosse colocada uma creche, porque aqui tem muitas crianças que as mães têm que trabalhar, e num tem como trabalhar porque não tem com quem deixar essas crianças; uma creche era bom, né? Só uma creche mesmo”.

(E o que tem na Comunidade que a senhora acha que é legal, e deve ser mantido?)

“Ah! Tem esse nosso campo aqui que nós acabamos de inaugurar, né? O campo de futebol para as crianças jogar. Tem aqui a praia que é bem pertinho de casa, tem o Dragão do Mar também, que é bom também, né? E faz parte da nossa Comunidade. E... Só mesmo isso aí”.

(E tem uma proposta, ou um projeto de tirar vocês daqui, e levar para outro local, o que a senhora acha desse projeto?)

“Eu num acho nada bom, porque bom mesmo a gente continuar aqui onde nós estamos. Porque aqui é muito bom de se morar, né? Pertinho do centro -da cidade-, qualquer coisa que a gente queira, corre ali e resolve rapidinho. Tem farmácia, tem tudo, pertinho. Então essa proposta da gente sair daqui, não é boa pra gente, e a gente quer permanecer aqui na Comunidade”.

(Tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de acrescentar nesse momento?)

“Não. O que eu gostaria era que esses cursos que estão vindo; que estão sendo muito bom, né? Qui... Pra vim mais cursos para os adolescentes, que aqui tem muitos adolescentes, tem muitas moçinhas que não fazem nada, pra se ocuparem, fazer alguma coisa, né? Esses cursos eu tô adorando, esses cursos que estão vindo pra cá”.

(Legal. Muito obrigado.)

“Obrigado também”.

4º Entrevistada:

(Por favor, nome completo e data de nascimento:)

“Maria Shirley Vasconcelos, nascida no dia 30 de Maio de 1940”.

(Dona Shirley faz quanto tempo que a senhora mora na Comunidade Poço da Draga?)

“Ah! Eu comecei aqui desde 1965, sai um tempo, depois voltei diretamente e moro aqui vizinho há vinte anos”.

(A senhora é natural de onde, nasceu aonde?)

“Eu sou de Meruoca, depois de Sobral. Eu sou da comarca de Sobral, mas não joga pedra não, viu?”

(Que maravilha. E como a senhora chegou à Comunidade?)

“É porque eu era interna de um colégio de freira, e tinha as Irmãs aqui, então eu vim para essa Comunidade, e fui auxiliar de um médico que trabalhava aqui, aí depois eu tive outra formação, e depois eu voltei outra vez, e sai e voltei, e hoje estou por aqui”

(A senhora trabalhou aqui na Escola das freiras?)

“Ajudei. Depois eu saí, porque eu fazia curso de enfermagem, né? Depois terminei, e até chegar uma bela aposentadoria. E ainda estou por aqui ainda; na vida sacrificada, mas estou”.

(Que tipo de coisa existe na Comunidade que a senhora acha que é legal e por isso deveria ser mantida, e que tipo de coisa existe na Comunidade que a senhora acha que deve ser mudada?)

“Nós precisamos muito de ajuda, que nós somos uma Comunidade muito esquecida pelas autoridades, né? Porque mesmo essa casa aqui era para ser uma casa melhor (Ela está se referindo à sede da Associação dos Moradores do Poço da Draga), para que esse povo tivesse apoio, os jovens que estão na delinqüência, e não tem quem ajude. Agora mesmo eu presenciei um jovem apanhando, apanhando para dizer aonde era que estavam os objetos (roubados), e não é assim que se corrige uma pessoa. Porque ele sofre de cleptomania; o que ele vê ele pega, e também a maldita droga que hoje liberaram né? Fumar, usar, não sei o que. Aí é que começam esses jovens desse jeito, né? Porque eu sou uma pessoa que já trabalhei na pastoral carcerária, sou da enfermagem, eu sei muito bem como é que se tratam essas pessoas, viu? E se tivesse uma mão amiga acho que esses jovens melhorariam mais. Porque foi deprimente para mim, eu cruzei os braços e fiquei olhando o policial. Ele olhou para mim e disse: agora eu pus as mãos nele, viu Dona... Aí ele pronunciou o meu nome. Aí eu lhe disse: só que não é desse jeito que se corrige uma pessoa, com pancadas. Porque onde ele estava batendo, ele provocaria um derrame no jovem, porque ele mandava o jovem levantar o pé, e ele batia. Porque se você cair de uma altura com a planta do pé, ou você quebra o tronco, ou o pescoço, ou você tem um derrame. Então esse jovem apanhava como um bicho, não adianta bater, não adianta. É ter uma maneira de ajudar esses meninos. Porque tem menino aqui que às vezes tira uma besteira por uma necessidade, né? Quer dizer, que ele precisa ter uma mão amiga que o ajude. Ajuda um pouquinho aí despreza, ajuda um pouquinho e aí despreza; que a Comunidade aqui tem um defeito: começa uma coisa e depois deixa pra lá, não vai frente. Agora eu fui persistente, fiquei, fiquei, fiquei aqui, até de uma maneira até humilhante, mas eu ainda estou por aqui, espero sair um dia, mas não sei quando, também não posso sair já, já, né? Também aqui eu, eu... Eu tenho uma certa cultura, mas ninguém aproveita o que eu sou e o que eu sei fazer. Estou lutando né? Que eu sou do conselho de saúde. Estou lutando pra ver se a gente arranja pelo menos

duas salas, né? Pro pessoal que é da saúde vim trabalhar aqui naquele projeto da família, como tem duas salas aí, uma para dentista e outra para ginecologista; porque aqui tinha um posto, não sei por que a Comunidade não se interessou, aí ele fechou. Aí a Regional não quer reformar esse posto, que já é tudo bem estruturado, só falta mesmo uma reforma, porque de certo modo, certos procedimentos de enfermagem têm que ter lugar adequado. Por exemplo: um dentista, um ginecologista. Então, têm que ter os seus lugares reservados, né?”

(E o que a Regional diz em relação a uma reforma?)

“Eles disseram que iam reformar, depois não. E agora, a Coordenadora do posto me disse: não, esse aí está descartado, eles não querem mais saber não. Porque são duas salas aqui dentro. São duas salas que geralmente eram da ginecologista. Agora fica mais sacrificado, né? Se fosse lá seria melhor, mas se com a continuação, quem sabe se a gente não arranja. O Governador, né? É uma pessoa que eu até conheço, talvez até ele dê uma ajudinha”.

(Então vamos torcer para que isso aconteça, não é?)

“Eu tenho certeza se eu falar com o Cid ele faz alguma coisa. É só esperar, né? Ele tem que tomar posse, né? Porque daquela área eles são todos trabalhadores. Às vezes as pessoas criticam que ele é muito jovem, não sei o quê, mas ele tem boa intenção, eu que conheço bem Sobral sei. Tem algumas áreas que nem tudo a gente pode fazer, né? Bem, lá em Sobral ele transformou outras coisas mais. Na Merouca mesmo, na minha terra, o Prefeito de lá ele ajudou muito, até que melhorou”.

(Ok! Legal. Muito obrigado.)

“Bom agora eu vou pro meu povo, né? Ensinar lá os meus truques, eu sei alguma coisa, eu já trabalhei... Sei Arte Nouveau, sei bijuteria. Na área da higiene e beleza tenho todos os cursos. Tenho curso de enfermagem. Tenho de pintura em tela; tenho alguma coisa, agora na arei foi que eu emperrei, também nunca tinha provado esse tipo de trabalho, né?”

(Mas agora já dá para desenvolver.)

“É quem sabe... Eu estou pensando em retornar e fazer o vestibular. Eu já fiz, mas estava com um problema tão sério. Eu estava fazendo direito, né? Aí a minha mãe foi assassinada, aí destruiu tudo”...

(A senhora fazia Faculdade de Direito e cancelou por causa do...)

“Eu cancelei porque a morte da minha mãe foi tão difícil para mim. Minha mãe foi assassinada, e aí ficou muito difícil. Me causou até uma revolta. Embora eu tenha naquela voz dela, quando ela chegou aqui no Zé Frota (Hospital Instituto José Frota), eu perguntei quem era, ela me disse, disse que só peço que você não diga para ninguém, e nem queira vingança, perdoe e aprenda a esquecer. Isso eu trago dentro de mim. Mas quem sabe, se eu não vou fazer outra vez, não é?”

(Claro.)

“Mas se eu for fazer, eu vou fazer na área de saúde mesmo, que é o que eu me identifico bem. Eu num sou de castigar não; sou muito de ajudar. Que na saúde você ajuda muito, se você tiver vocação para saúde, é uma área... A

área da saúde é... Porque é vida, né? E a vida tem que ser respeitada. Pois é”.

(Ok! Muito obrigado.)

“Obrigado vocês”.

(Nós inclusive vamos precisar voltar conversar com a senhora, pois a senhora deve histórias fabulosas para nos contar...)

“Tenho sim; tenho experiências com presídios. Eu já fiquei como refém em presídio. Inclusive já vi até assassinato de pessoa na minha frente. Eu tenho uma boa experiência nessa área de delinquência. Já trabalhei com prostitutas, já trabalhei com uma infinidade de coisa”.

(Bom, muitíssimo obrigado, e nós vamos voltar a conversar outras vezes.)

“Ok!”

5º Entrevistado:

(Por favor, nome completo e data de nascimento:)

“Diego Firmo da Silva, nascimento dia 24 de Outubro de 1983. E eu quero falar que o curso foi um curso de bastante experiência, e eu queria sempre ter experiência de como trabalhar com areia, então essa experiência para mim foi muito boa. E como eu já sou uma pessoa da Comunidade, da Associação, eu trabalho já com o pessoal da Associação há oito anos. A gente tem um projeto com as quadrilhas aqui dentro que a gente trabalha com os jovens. E é sobre isso que a gente está falando agora”.

(Faz quanto tempo que você mora na Comunidade?)

“Desde que eu nasci que eu moro na Comunidade”.

(E como é que foi a sua infância aqui na Comunidade Diego?)

“Na infância, como a gente é jovem, ainda ta ainda ta um pouquinho da infância da gente na Comunidade, e a gente quer mostrar nossa infância pra toda a Comunidade, né? A ingenuidade hoje em dia não é... A gente não vê a infância da gente hoje em dia, a gente vê muita criança fora na rua. É por isso que a gente ta trazendo a infância pra dentro desses projetos que a gente traz para dentro da Comunidade”.

(Diego, que tipo de coisa você acha que tem na Comunidade, e que deve ser mantida, e que tipo de coisa tem aqui que você acha que deveria ser modificada?)

“O que tem aqui dentro da Comunidade é só um campo de futebol. E o que a gente queria aqui mesmo era reformar esse prédio para a gente botar vários cursos, várias coisa, porque a gente perde muito projeto porque aqui não tem uma estrutura boa, o prédio aqui. O que eu acho era que... A gente tinha um posto de saúde que agora não tem mais, e que era muito útil para a Comunidade. E esse prédio aqui que antes vinha um curso de cozinha, mas só que não tinha uma estrutura boa no prédio, aí agente perdeu também esse curso. Tem vários projetos que a gente perde por causa do prédio aqui. Isso é da Prefeitura, a gente não tem nenhum documento desse prédio. Aí fica difícil até conseguir uma estrutura para o prédio”.

(Então seria reestruturar esse prédio, para dar condições de vim mais cursos para cá, seria uma boa mudança para a Comunidade?)

“Seria bom, né? Porque a gente tem vários projetos, mas só que num tem aonde fazer; aí a gente está batalhando para vê se agente consegue estruturar esse prédio para poder fazer os cursos, alguma coisa pros jovens da Comunidade”.

(E no geral, o que a juventude da comunidade fica fazendo durante o dia, qual é o tipo de lazer, qual é o tipo de ocupação que a meninada daqui tem?)

“Lazer aqui só tem esse campo de futebol que eu falei. Começa às cinco da tarde e vai até as oito da noite. Esse é o único lazer que a gente tem. E agora que eles botaram uma rede de vôlei, e de basquete que eles botaram na pista e nos postes, eles ficam brincando até as onze da noite. Essas são as diversões que a gente tem, porque a gente podia muito bem ter duas, porque o que a gente queria fazer naquele espaço do outro lado do prédio, ali era tipo um anfiteatro da Comunidade. A gente vai ver se consegui fazer um abaixo assinado, para a gente ver se agente consegue fazer os eventos, o anfiteatro, alguma coisa para a Comunidade”.

(Maravilha. Teria mais alguma coisa Diego que você gostaria de acrescentar?)

“Não, só isso mesmo. Eu queria agradecer pela oportunidade que vocês estão dando pros jovens, e pra gente também, né? Só isso mesmo”.

(Legal, nós que lhe agradecemos Diego, muito obrigado).

(Entrevista com a Dona Geraldina Pereira da Costa, a moradora mais antiga da Comunidade Poço da Draga.)

(Nós perguntamos no começo da entrevista: Dona Geralda; pois é assim que ela é conhecida na Comunidade, a senhora nasceu aqui na Comunidade?)

“Ela nos responde dizendo: não, eu não nasci aqui. Eu nasci em Juazeiro do Norte, e me orgulho muito de ter nascido lá, naquela terra de gente religiosa e honesta”.

(Nós perguntamos: e foi que a senhora chegou à Comunidade?)

“Devido às conseqüências de pobreza, a minha mãe veio para cá e me trouxe com ela, colocou um botequinho para vender tapioca e café, e me colocou para estudar no colégio”.

(Nós perguntamos: então, há quanto tempo a senhora já mora aqui na Comunidade?)

“Eu moro na Comunidade há 71 anos. Eu nasci em 1924, tenho 81 anos. Em 03/12/2007, eu vou completar 82 anos, se Deus quiser. Quando eu cheguei aqui, eu tinha 10 anos de idade. Com 15 anos eu comecei a namorar um portuário que se chamava Sérgio, e me casei com ele. Nós tivemos seis filhos naturais e criamos mais dois meninos que nos deram. Desses dois, um havia feito concurso para a Alfândega, e era funcionário de lá; mas ele morreu, e me deixou uma pensão. O outro menino que é filho de coração, hoje ele é funcionário do tribunal; e não é porque ele tem esse emprego não, mas ele é o melhor dos meus filhos. Ele é um bom filho. Ele é muito cuidadoso, carinhoso e me tem muita consideração. O nome dele é Antônio Marcos”.

(Tentando saber o porquê da existência de dois dados estéticos existentes na casa da Dona Geralda, que nos chamou à atenção, nós perguntamos a este respeito o

seguinte: Dona Geralda, nós gostaríamos de saber da senhora, se há alguma razão para a senhora ter colocado no registro de luz da sua casa, a imagem de Nossa Senhora e uma concha do mar?)

“Ela nos respondeu dizendo: não, foi o seguinte: eu tinha colocado um vidrinho com sal, porque dizem que espanta o mal olhado. Mas veio aqui uma pessoa que era do Pará, e me disse: Dona Geraldina, a senhora é uma mulher muito invejada, e que eu deveria colocar três litros brancos cheios de água do mar na porta de entrada da minha casa. Eu disse que não iria colocar, pois o povo daqui poderia pensar que eu era macumbeira. Um dia, eu recebi a visita do homem da Coelce (Companhia Elétrica do Ceará), e eu perguntei se poderia colocar aqui uma Santinha, e ele disse que não tinha nenhum problema. Depois, o meu filho que é mergulhador, me trouxe uma ostra do mar e me deu essa concha de presente, eu juntei com a Santinha e coloquei no medidor de luz. Outro dia desses, eu fui à feirinha da Beira Mar, e comprei aquele lá de cima (aponta para um crucifixo que está acima da porta de entrada). Então, eu coloquei encima da porta de entrada para dar proteção”.

(Nós lhe perguntamos a respeito dos dois jarros de plantas colocados na área de entrada de sua casa, e ela nos disse:)

“Aqui são duas plantas que se chamam: comigo ninguém pode, e espada de São Jorge. São duas plantas de proteção; se é para livrar coisa ruim, elas estão aí”.

(Nós perguntamos sobre a Bíblia que estava sobre um pequeno móvel na sala, e Dona Geraldina nos disse:)

“Eu procurei um lugar para coloca a Bíblia, mas na estante já estava muito cheia, então eu coloquei naquele canto da sala, e deixei aberta no salmo 90, pois dizem que é uma reza muito forte, então eu rezo todo dia de manhã”.

(Nós perguntamos à Dona Geraldina, como era a Comunidade Poço da Draga antigamente, e ela nos disse:)

“Ah! Outrora era muito melhor, meu filho, não tem nem comparação. Outrora as pessoas eram mais honestas, as pessoas eram mais amigas, agora o pessoal “são” muito importante, não pode ter um empreguinho, uma besteirinha que se julga o dono da situação. Eu fico assim olhando para certas pessoas aqui, que eu desconheço por causa do orgulho e da besteira, porque você pode ter “ouro em prata”, mas você não pode ser orgulhoso, porque aquilo cai, aquilo vai ao chão, então, as pessoas outrora... Os pescadores que pescavam aqui aonde era o Estaleiro da Dona Eliza, eram muito mais amigos, muito mais pessoas boas do que esses de hoje em dia, dessas casas bonitas, tudo de carro na porta, mas são orgulhosos, não procuram ter amigos, cada um que decepiona o outro, que procura derrubar o outro. Eu não gosto; falo com todo mundo, dou bom dia, boa tarde, mas eles lá nas casas deles, e eu na minha. Se um dia eu precisar, e eles quiserem fazer um favor, tudo bem, se eu não precisar, é porque eu tenho Deus por mim, pronto. Porque eu tava aqui morando com o meu filho que morava aqui comigo, tudinho, ele foi embora daqui, vendeu a casa, eu fiquei aqui, mas todo mundo é meu amigo, mas como é eu digo: cada um na sua casa, e eu na minha, pois eu respeito todo mundo, para eu ser respeitada; mas que outrora o Poço da Draga era melhor do que agora, isso era. Era muito mais pobre, era uma vila de pescador, trabalhador da Praia, que chamavam de “Traio”, mas eram pessoas muito boas e muito honestas. Hoje em dia, se você tem alguma coisa você tem amigos, se você não tem nada, você não tem amigos; hoje aqui só se vale o que se tem, se você não tiver nada, nada é o que você vale. É o contrário de mim. Tem um “doidinho” que mora aqui na Comunidade, que lê é louco, doido mesmo, que anda por aqui com um pau e um pano vermelho. Ele ia ser padre, mas ficou doido. Todo dia ele vem aqui buscar a comida dele, eu não faço comida aqui, eu como de um restaurante que manda deixar aqui a minha comida. Eu não dou a comida dele, mas eu dou o dinheiro, e ele vai comer aonde ele quiser. Por que eu dou a o dinheiro a ele? Porque ele é um pobre carente, e não tem ninguém que faça nada por ele, e eu sei que só fazem é chutar ele, e eu não, eu boto ele para dentro da minha casa, amparo, dou pão, dou leite, dou café, faço uma vitamina nos copos daqueles “grandão”, e pego e dou para ele, pois eu tenho pena de quem não tem nada, e detesto gente orgulhosa, gente orgulhosa não venha para mim não!”

(Nós comentamos: Dona Geraldina, nós soubemos por uma pessoa daqui, que há algum tempo atrás, a sua casa era a única casa da Comunidade que tinha televisão...)

“Ela nos interrompeu e nos disse: a primeira casa da Comunidade a ter televisão foi a minha, mas a sala ainda não era essa, era essa e essa outra aí do lado. Quando o meu filho se casou, eu parti a casa no meio, e fiquei com uma banda , e dei a outra banda para ele. Mas o meu marido e eu “sentia” muito orgulho de ver essa sala cheia de menino para ver televisão. Todo mundo podia vinha; podia ser pobrezinho de pé no chão. Só tinha uma exigência do meu marido, porque nós somos da antiga, “nós zela por isso”, tinha que vestir uma camisa. Não vinha um menino assistir televisão só de calçãozinho sem camiseta. Quando chegava um sem camisa, meu marido dizia: não, volte e vá dizer para a sua mãe para botar uma camisa. Quanto ao banho, está limpo, cheiroso, não, não... Podia entrar, tinha só que está de roupa, de calção e camisa. A casa enchia todo dia, porque só tinha televisão na aqui na minha casa. Foi a primeira casa com televisão da

Comunidade, graças a Deus! E de lá para cá, nunca mais faltou televisão aqui em casa, sempre tem duas ou três, uma na sala, outras nos quartos, é assim”.

(Nós perguntamos à Dona Geraldina, sobre o que ela acha da mudança da Comunidade para outro local, conforme projetos apresentados pelo poder público?)

(Ela nos respondeu dizendo:)

“Olha, se é para sair, e me indenizar com uma “coisa” que dê para eu comprar uma “coisa” e morar num canto digno, eu quero! Agora, se é para me tira e jogar lá para o Conjunto Palmeiras, ou lá para o meio do mato, eu não quero não, isso não! Eu quero uma indenização em dinheiro, que eu possa comprar uma casa no meio de gente melhor do que eu. Mas para me colocar lá aonde não presta, eu não quero”.

(Nós perguntamos em tom de provocação: e a senhora acha que vai sentir saudades do Poço da Draga?)

“Ela nos respondeu: Ah! Eu choro muito só de pensar. Eu tenho uns coqueiros aqui no fundo do quintal que eu começo a olhar para eles e começo logo a chorar, porque eu amo, acho maravilhosa a minha casa, né?”

(Nesse momento paramos a entrevista, porque Dona Geraldina baixou a cabeça , e começou a chorar...)

ANEXO II

GLOSSÁRIO

ABALAR: Gerar impacto, chamar atenção para si, aparecer.

ARRASAR: Dominar a situação, ser o centro das atenções.

AFANAR: Roubar.

AFOGÜENTADO: Esquentado, marrento, bom de briga.

ALEMÃO: Burguês, Playboy, “filhinho de pai”.

AGÜENTAR: Ato ou efeito associado à prática da violência.

AGÜENTADO: Condição de quem foi vítima de violência.

ARANHA: Comprimido de nome científico Artane, que é usado para “lombrar”.

ÁREA: Região, local, espaço, território.

ARREGAÇAR: Impactar, chocar, aparecer, bater com violência.

ARREPIAR: Chamar atenção, abalar, arregaçar, arregaçar.

ATITUDE: Expressão utilizada para indicar autenticidade, consciência e conduta por parte de quem integra o hip hop.

BAGULHO: Droga ou qualquer objeto de valor.

BACANA: Gente boa, pessoa legal e aceita pelo grupo.

BAGANA: A ponta do cigarro de maconha.

BANCAR: Assumir, pagar, comprar.

BARATO: Curtição, divertimento, acontecimento interessante.

BATALHA: Persistência, ativismo, luta diária para conseguir o desejado.

B. BOY: Dançarino de break ou jovem que assume o estilo hip hop.

B. GIRL: Termo utilizado para identificar as garotas que fazem parte do estilo hip hop.

BECA: Blusa, camisa.

BOCADA: Local onde a droga é vendida, “boca de fumo”.

BIA: O mesmo que bagana.

BICHÃO: “Fodão”, aquele que se destaca por participar de ações e aventuras perigosas.

BICO: Pequeno trabalho temporário, biscate.

BEAT BOX: Movimentos realizados com a boca, produzindo sons que imitam o estilo musical eletrônico.

BOLAR: Acontecer na seqüência.

BOTAR FÉ: Acreditar.

BROTHER: Irmão, parceiro, chapa.

CAIR: Ir preso.

CATAR: Conseguir, obter.

CABEÇA: Chefe, líder.

CABUETA: “dedo duro”, delator.

CAGA PAU: Estraga prazer.

CHAVECAR: “Cantar” as meninas ou os meninos, paquerar, azarar.

CHAPA: “Irmão”, parceiro, amigo.

CHAPADO(A): Drogado(a), muito doido, “ligado”.

CHEIRAR: Inalar cocaína.

COMER PARTIDO: Assumir a briga dos outros, tomar posição diante de uma disputa.

CORRER ATRÁS: Tentar conseguir algo que se deseja, persistir.

CORRERIA: Batalha, busca dos objetivos, ativismo.

DA HORA: Do momento, da “moda” circunscrita ao grupo, e não à moda do mass

media.

DETONAR: Quebrar tudo, cometer ações violentas, chamar atenção, arrasar.

DESBARATAR: Desbancar, desarticular, desmontar.

DESCOLAR: Arranjar, conseguir, obter.

DORMIR DE TOCA: Vacilar, marcar bobeira, descuidar, ficar desatento.

ESTAR NA FITA: Acontecer, se fazer presente em um acontecimento, aparecer.

ESTRIBADO: Cheio da “grana”, endinheirado.

ESTRESSE: Tensão.

EMBAÇAR: Confundir, complicar, embolar o meio de campo.

EXU: Guia, caboclo, entidade, santo, espírito que na macumba ou no candomblé é tido como de linha “negra”, que tem pacto com o demônio.

FARINHA: Pó, cocaína.

FICAR: Beijos e abraços por apenas uns momentos passageiros.

GANGUE: Termo de origem norte-americana, associado às formas de organização juvenis contemporâneos, sobretudo àquelas identificadas ao universo do crime organizado.

GAROTÃO: “Bichão”, jovem inexperiente, aquele que “se acha”.

GRADE: Cela, prisão.

IBOPE: Sucesso, destaque, fama, notoriedade.

LANCE: Acontecimento.

LIGADO: Atento, esperto, de olho, muito doido.

LOMBRADO(A): Estado de espírito daquele(a) que está sob o efeito da droga.

MANHA: Jeito, forma, maneira, modo, informação.

MANO: Irmão, parceiro, amigo, brother.

MARRA: Estilo, vontade própria, personalidade, atrevimento.

MARIA PADILHA: Ver Exu.

MC: Mestre de cerimônia responsável pela recepção e diálogo com o público nos rituais de hip hop.

METER NOME: Pichar

MINA: Garota.

MISTURA: Carne ou outro tipo complementar ao arroz e feijão nas refeições.

MIXER: Aparelho usado na sintetização de sons e ritmos.

MORAL: Qualidade consideração típica daquele(a) que “se garante”, que se impõe.

MÔRO?: Compreendeu?

ONDA: Curtição, agito, diversão.

PÁ: Expressão comumente usada para identificar quantidade.

PANCADA: Som alto, ou algo de boa qualidade.

PARADA: Acontecimento.

PEDAÇO: O mesmo que área.

PEGAR O BECO: Retirar-se do lugar, ir embora.

PIVETE(A): Menina ou menino pequeno.

PODE CRÊ: Pode acreditar.

PRESENÇA: Qualidade de quem toma atitude, quem tem ação ou estilo próprio.

QUEBRAR A BANCA: Arrasar, arrepiar, chegar chegando.

QUEBRADA: Lugar, área, território.

RACHA: Disputa, competição.

RANGO: Comida.

SAIR FORA: O mesmo que pegar o beco.

SAMPLER: Aparelho utilizado para colar, copiar, juntar, prolongar sons e letras de músicas.

SANGUE BOM: Gente fina, boa gente, legal, parceiro.

SEGURAR A ONDA: “Se garantir”, assumir a responsabilidade.

SEGURAR O “B.O”:

Expressão típica do vocabulário policial (B.O= Boletim de Ocorrência), que também traduz um sentido de enfrentamento, tomada de responsabilidade diante de uma situação difícil, sobretudo envolvendo violência.

TELA: Cabeça.

TIRAR ONDA: Curtir, “fazer hora com a cara do outro”.

TIRAR DE TEMPO: Disfarçar, enganar, dispensar, “dar um chega pra lá”.

TIRAR UM BARATO: O mesmo que tirar uma onda.

TRAMPO: Trabalho, emprego.

TRANCA: Prisão, Cela.

TRÊTA: Confusão, briga, trapaça, arruaça.

TROCAR IDÉIA: Bater papo, conversar.

TROCAR UM VERBO: O mesmo que trocar uma idéia.

VACILAR: Dar bobeira, descuidar, ficar desatento.

ZÉ PILINTO: Ver Exu.

ZUEIRA: Festa, farra, zona, curtição.

ZUAR: Tirar uma onda, curtir, “bater perna”, perambular, aprontar.

ANEXO III

LISTA DE FOTOS

CAPA: Detalhe da casa da dona Geraldina Pereira da Costa

Izabel Cristina.....	33
Jefferson Araújo e José Ângelo da Silva Graça.....	38
“ Barraco” da Dona Alzira.....	45
Esgoto a céu aberto no interior da comunidade.....	48
O lixo empilhado dentro do esgoto no interior da comunidade.....	49
Sr. Manuel Costa Cabical Filho; Sr. Álvaro Graça; José Ângelo da Silva Jefferson Araújo.....	51
Garotas e garotos da comunidade que pulam da ponte velha para dentro do mar, como Forma de lazer.....	51
Grafite do Ticiano Álvares.....	52
O grafiteiro Douglas trabalhando.....	58
O grafiteiro Douglas trabalhando.....	59
Grafites do Douglas.....	59
Grafites do Douglas.....	60
Grafites do Douglas.....	61
Grafites do Douglas.....	62
Grafites do Douglas.....	63
Grafites do Douglas.....	64
Grafites do Douglas.....	65
Vários grafites feitos pelos alunos no muro da escola do E.F.M. Visconde do Rio Branco na Av.Dom Manuel.....	66
Detalhe de um grafite feito no muro da Escola do E.F.M. Visconde do Rio Branco na Av. Dom Manuel.....	70
Fotos do interior da Escola Elvira Pinho; atualmente Escola São Rafael na Praia de Iracema.....	94
Fotos do interior da Escola Elvira Pinho; atualmente Escola São Rafael na Praia de Iracema.....	95
Fotos do interior da Escola Elvira Pinho; atualmente Escola São Rafael na Praia de Iracema.....	96
Fotos do interior da Escola Elvira Pinho; atualmente Escola São Rafael na Praia de Iracema.....	97
Fotos do interior da Escola Elvira Pinho; atualmente Escola São Rafael na Praia de Iracema.....	98
Fotos do interior da Escola Elvira Pinho; atualmente Escola São Rafael na Praia de Iracema.....	99
Fotos do interior da Escola Elvira Pinho; atualmente Escola São Rafael na Praia de Iracema.....	100
Fotos do interior da Escola Elvira Pinho; atualmente Escola São Rafael na Praia de Iracema.....	101
Foto do mercadinho São Carlos na Comunidade Poço da Draga.....	103
Foto do mercadinho São Carlos na Comunidade Poço da Draga.....	104
A frente da casa da Dona Angelúcia Queiroga.....	105
A frente da casa da Dona Valda.....	106
A frente da casa da Dona Ivoneide e da Dona Hiolanda.....	107

Foto de uma “Lojinha” no interior da Comunidade.....	109
Detalhe da decoração da casa da Dona Angelúcia Queiroga.....	113
Dona Geraldina Pereira e detalhe da decoração da sua casa.....	114
Dona Geraldina Pereira e detalhe da decoração da sua casa.....	115
Dona Geraldina Pereira e detalhe da decoração da sua casa.....	116
Dona Geraldina Pereira e detalhe da decoração da sua casa.....	117
Dona Geraldina Pereira e detalhe da decoração da sua casa.....	118
Foto do “Barraco” da Dona Alzira.....	120
Foto do esgoto a céu aberto no interior da Comunidade.....	121
Grafite do Douglas.....	122
Grafite do Ticiano Álvares.....	123
Grafite do Ticiano Álvares.....	124
Grafite do Ticiano Álvares.....	125
Grafite do Ticiano Álvares.....	126
Grafite do Ticiano Álvares.....	127
Grafite do Ticiano Álvares.....	128
Grafite do Ticiano Álvares.....	129
Grafite do Ticiano Álvares.....	130
Grafite do Ticiano Álvares.....	132
Grafite do Ticiano Álvares.....	133
Foto de Edilgerto Sousa Lima.....	134
Grafites do Preto Rap no viaduto do Marina Park Hotel e na Av. Leste Oeste.....	135
Grafites do Preto Rap no viaduto do Marina Park Hotel e na Av. Leste Oeste.....	136
Grafites do Preto Rap no viaduto do Marina Park Hotel e na Av. Leste Oeste.....	137
Grafites do Preto Rap no viaduto do Marina Park Hotel e na Av. Leste Oeste.....	138
Grafites do Preto Rap no viaduto do Marina Park Hotel e na Av. Leste Oeste.....	139
Grafites do Preto Rap no viaduto do Marina Park Hotel e na Av. Leste Oeste.....	140
Foto de “Cachorro de Balaio” da Comunidade.....	142
Três garotos da Comunidade Brincando com “Armas de Madeira”.....	144
Jogo de futebol no campinho da Comunidade.....	145
Jogo de futebol no campinho da Comunidade.....	146
Fotos do carnaval 2007 na Comunidade Poço da Draga.....	147
Fotos do carnaval 2007 na Comunidade Poço da Draga.....	148
Fotos do carnaval 2007 na Comunidade Poço da Draga.....	149
Fotos do carnaval 2007 na Comunidade Poço da Draga.....	150
Fotos do carnaval 2007 na Comunidade Poço da Draga.....	151
Fotos do carnaval 2007 na Comunidade Poço da Draga.....	152
Fotos do carnaval 2007 na Comunidade Poço da Draga.....	153
Fotos do carnaval 2007 na Comunidade Poço da Draga.....	154
Fotos do carnaval 2007 na Comunidade Poço da Draga.....	155
Fotos do carnaval 2007 na Comunidade Poço da Draga.....	156
Fotos do carnaval 2007 na Comunidade Poço da Draga.....	157
Foto da Sede da Associação dos Moradores(AMPODRA).....	158
Foto da Sede da Associação dos Moradores(AMPODRA).....	159

Foto da Brincante da quadrilha Fina Flor; Sabrina Lima.....	163
Foto da Brincante da Quadrilha Fina Flor; Tarciane Gomes.....	164
Beco lateral da casa da Dona Ivoneide.....	165
Foto de um dos becos da Comunidade.....	166
Foto do telefone comunitário, e, um dos vários becos da Comunidade.....	167
Foto do Beco do Estaleiro Naval.....	168
As crianças brincando na rua deputado Moreira da rocha, e a dança dos Vestidos.....	169
O encontro do “ Brasil com a Fábrica Fortaleza” em um dos Becos da Comunidade poço da Draga.....	170
Dona Geraldina recebendo uma amiga na calçada.....	170
Blusa da Dona Vanusa grafitada por Doglas.....	173
Blusa da Dona Vanusa grafitada por Doglas.....	174
Fotos do Escultor Evandro Silva de lima e suas obras.....	175
Fotos do Escultor Evandro Silva de lima e suas obras.....	176
Fotos do Escultor Evandro Silva de lima e suas obras.....	177
Fotos do Escultor Evandro Silva de lima e suas obras.....	178
Thiago da Silva Maciel, vendendor de detergente.....	179
Thiago da Silva Maciel, vendendor de detergente.....	180
Dona Solidade vestida de palhaça durante o carnaval 2007.....	181
Gerlane Maiara Bernarda e seu “ Piercing”	182
Valeska Lúcia de Brito e os seus “ Piercings”	182
Ana Paula e os seus “ Piercings”	183
A Menor D.A, e o seu “ Piercing”	185
Camila Alves de Melo e o seu “ piercing”	186
A moradora “ A.P”, seu “ Piercing” e sua cicatriz no rosto.....	187
Dona “ J.A”, e a moradora “ F.L” e suas tatuagens.....	188
Dona “ F.L” e sua tatuagem.....	189
O morador “ A.P. JR”, e suas tatuagens.....	190
A moradora “ F.M.S”	190
O morador “ K.F.S” e suas tatuagens.....	191
O morador Christyan Alves de Melo e suas tatuagens.....	192
Davi Alves de Melo e Valeska Lúcia e suas tatuagens.....	194
O morador Christyan Alves de Melo e suas tatuagens.....	195
O morador “ K.C” e suas tatuagens.....	195
O morador “ K.C” e suas tatuagens.....	196
O morador “ K.C” e suas tatuagens.....	197
O morador “ K.C” e suas tatuagens.....	198
O morador “ K.C” e suas tatuagens.....	199
O morador “ K.C” e suas tatuagens.....	200
O morador “ K.C” e suas tatuagens.....	201
A moradora Tânia Maria da silva e o seu visual.....	206
A moradora Tânia Maria da silva e o seu visual.....	207
O Morador “ K.C” e as suas tatuagens.....	211
O Morador “ K.C” e as suas tatuagens.....	212
O Morador “ K.C” e as suas tatuagens.....	213